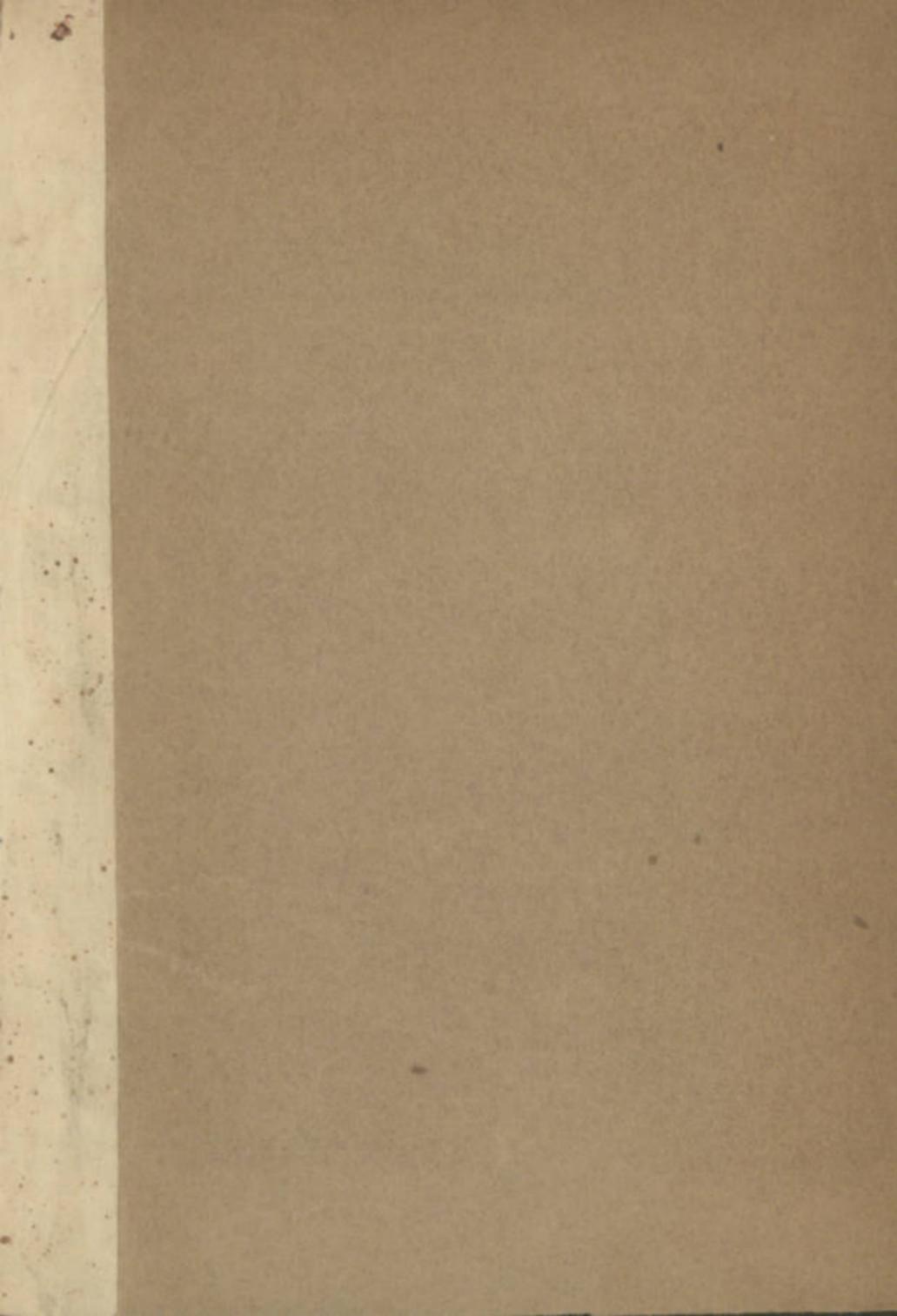
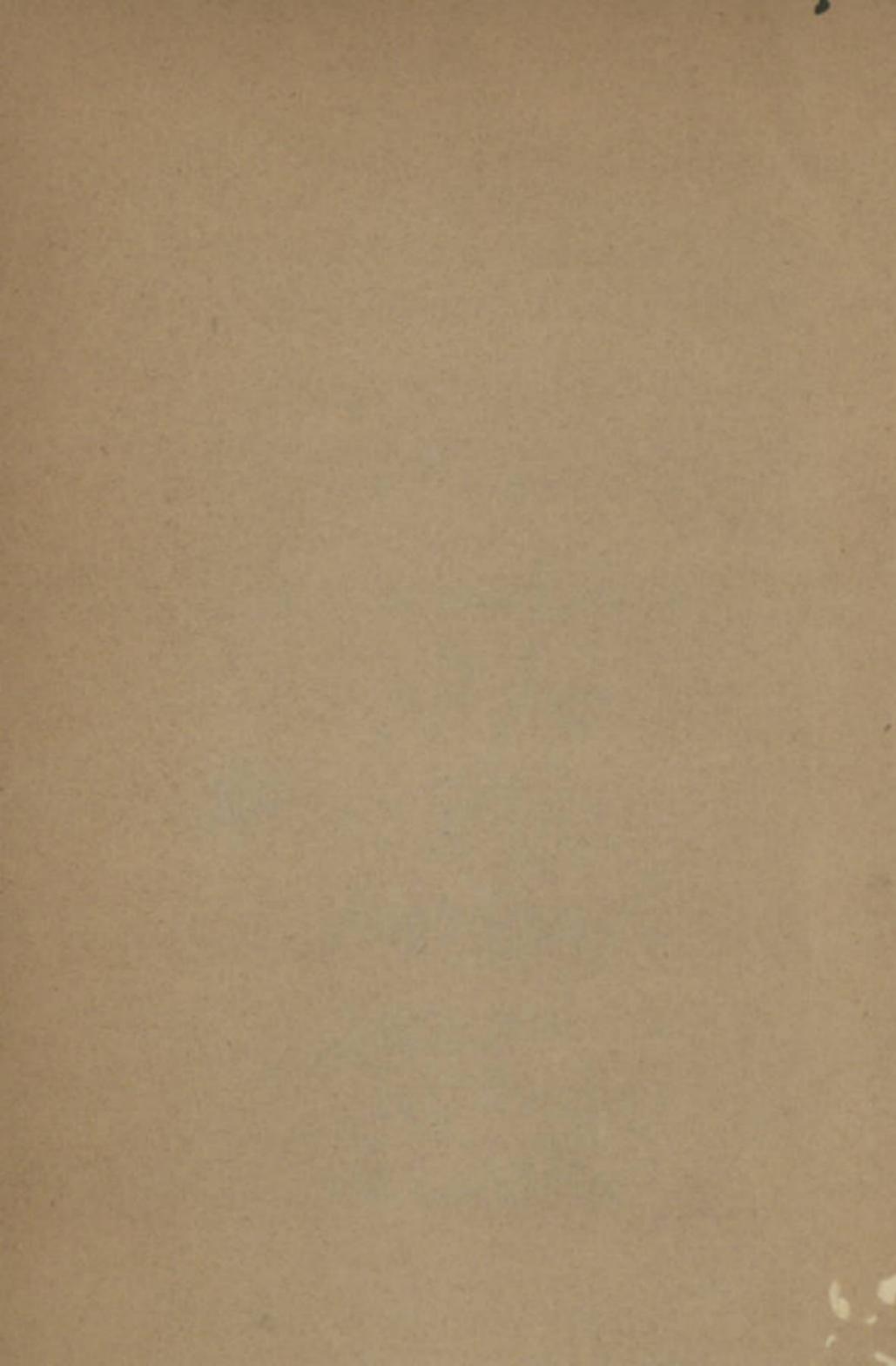


8







HENRIQUETA

ROMANCE ORIGINAL

POR

D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA

PRECEDIDO DA

Biographia da Auctora

PELO

VISCONDE DE CASTILHO



EDITOR

ANTONIO LEITE CARDOZO PEREIRA DE MELLO

1876

8428

8648

HENRIQUETA

Manuscript

HENRIETTA

ROMANCE ORIGINAL

1840

OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

Library of the University of Toronto

THE UNIVERSITY

OF TORONTO

THE UNIVERSITY OF TORONTO

Margues
HENRIQUETA

ROMANCE ORIGINAL

POR

D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA

PRECEDIDO DA

Biographia da Auctara

PELO

VISCONDE DE CASTILHO



EDITOR

ANTONIO LEITE CARDOZO PEREIRA DE MELLO

1876

N. 8. 109

HERIQUETA

1864

ROMANCE ORIGINAL

D. MARIA FERREIRA DE SOUZA

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

1864

PORTO

TYP. DE ALEXANDRE DA FONSECA VASCONCELLOS

29, Ruã do Moinho de Vento, 29

Illm.º Snr.

Quer v. fazer a honra á minha pobre HENRIQUETA de reapparecer no mundo mais ataviada; dei o meu consentimento, mas confesso-lhe que o fiz constrangidamente. No ultimo quartel da vida parece-me leviandade reprehensivel dar á luz mais frivolidades; comtudo dei o sim, não tornarei com a minha palavra atraz.

Sou com estima

De v.
veneradora respeitosa

Maria Peregrina de Souza.

MARIA PEREGRINA DE SOUZA

(ESBOÇO BIOGRAPHICO)

I

Redigia eu a *Revista Universal Lisbonense* (ha quantos annos la vai isto!) quando pelo correio do Norte entrei a receber uma série de curiosos artigos, escriptos em portuguez-portuguez, em portuguez do Minho, sobre crenças populares e superstições d'aquella provincia, sem mais assignatura que o modesto cryptonymo — UMA OBSCURA PORTUENSE. De tão bom senso eram cheias, e de tão elegante simplicidade, além de vernaculas e graciosas, aquellas paginas, nem eram bem paginas, aquellas conversações de aldeia em serão desenfasiado, que desejei, como toda a gente, saber d'onde procediam.

Em mim não era só curiosidade; fui sempre um grande farejador de bons talentos litterarios. D'onde me vem ares de algum, que por modestia, ou outro qualquer motivo, se recata, só se eu não posso é que não afurô as moitas até dar com elle, e constrangel-o a ir tomar o seu posto e preencher

entre os seus pares o seu destino, accrescentando com a sua gloria, e com o incentivo de um exemplo mais, a herança das lettras patrias.

Bati mato; dispuz laços; amiudei reclamos; ajudou-me a fortuna. Depois de muito escapar-se-me d'entre mãos, como as sombras nos Elysios, que obstinadamente se esquivavam á luz do mundo, apprehendi a final, mau grado seu, o formoso espirito, cujo mysterio me desatinava. Homem o haviam suspeitado muitos; que era dama apostava eu; e ganhei. Não podia deixar de ser: nós outros podemos arremedar a simplicidade amavel; tão nativa e genuina só ellas a possuem. Preso-me eu de ser o mais fiel depositario de segredos; mas os d'esta especie pesam-me grandemente, tanto no gosto de fallar, como na consciencia, e talvez tambem um poucoxinho no amor proprio.

Eu estava pouco mais ou menos como Cice-ro, que, se lhe facultassem os deuses peregrinar pelas espheras celestes, e contemplar as maravilhas que por lá vão, com o onus de não desabafar d'esses prazeres communicando-os a seus amigos, só para si não os queria. Novas diligencias para se me consentir denunciasse ao publico o meu precioso descobrimento (o publico e eu até hoje temos sido muito bons amigos) recresceram n'este segundo empenho, e maiores, as difficuldades; mas venceram-se emfim a poder de esforços, e eu tive o desvanecimento de pregoar aos nossos escriptores o nome da nova Clorinda, que tão gentil campeava

de viseira calada por entre elles. Déra-a e creara-a a boa cidade do Douro. Vivia no remanso campestre, já de Moreira, já de Leça da Palmeira; chamava-se Maria Peregrina de Souza. Estava quebrado o encantamento. A historia litteraria tinha mais uma gloria feminina para registar; em hora boa a registou; os annos que seguiam até hoje não tem feito senão accrescentar-lhe o lustre. O verso conhecida não inspirou á nossa escriptora nem vaidade, nem cobardia. Tinha trabalhado, estudado, e produzido, sem ambição; como a silveirinha emboscada no vallado cria sem tracto de homens, e só por mercê do ar, da alva, do sol, e das estrellas, o seu verde e os seus botões, as suas flores e os seus fructos. Era assim de sua natureza. Continuou como principiara, e como ha de ir já agora até ao fim. Compõe como conversa, como pensa e como sente; sente com a delicadeza de mulher; discorre com a sisudez de moralista desenrugado; falla sem arrebiques affectados, mas deliciosa de ingenuidade; e é tudo isto e só isto o de que lhe formam debaixo da penna, sem ella o cuidar, os seus versos e as suas prosas, as suas narrativas e os seus discursos, as suas correspondencias, os seus artigos volantes, os seus voluminhos que ella não cataloga, nem conta, nem cita, nem relê, nem recorda por ventura.

E tambem, pergunto agora: de que havia ella de ter nem presumpção nem acanhamento? as suas obras não as fez ella; fizeram-se-lhe por si. Sairam-lhe do animo como a camphora sáe do lou-

reiro, que nunca aprendeu chymicas, nem physiologias vegetaes. Se se visse n'uma ilha deserta escrevia o mesmo nas primeiras folhas largas que topasse com o summo da primeira flôr córada que visse á mão. E' como os gabos ao rouxinol! nem que a pobre avesinha soubesse, quando canta para si de noite, aos eccos da sua Thebaida frondosa, que está fazendo musica de arroubar os Rossinis e desesperar os Verdis; musica elle!... aquillo é o seu fallar; quando muito serão lá scismas dos seus amores.

Ha sete annos achando-me eu no Porto, nas minhas suadas e pouco abençoadas lidas para a redempção christã da escola primaria, lembrei-me em bem de ir visitar pela primeira vez aquella boa amiga em Moreira, onde ella então residia feliz entre seu pae, e sua irmã. Fui por uma bella tarde de domingo. Acompanhava-me o meu amigo, e meu collaborador no Curso Normal Portuense, José de Macedo Araujo. Chegamos ao descair da tarde; as duas irmãs, e seu pae, um respeitavel ancião, familia entre patriarchal e Gessnerica, assim como a vivenda, receberam-nos com alvoroço cordial, como se avistassem depois de tempos esquecidos parentes e companheiros de sua criação. Eu por mim sentia o mesmo para com aquelles tres corações de ouro de uma especie já de muito perdida nas cidades grandes. Ao cabo de um quarto de hora já eu comprehendia o encanto que se expira de quantas linhas manam da penna da nossa escriptora: o juizo, o saber, e a

lhaneza do pae, o conforto da casinha tão hospedeira, a amenidade e o recato do sitio, o concertado e harmonico da familia, o antigo do trato, cortez sem exagerações, franco sem alardo, todo aquelle conjuncto havia de ter dado por força a um engenho bem fadado aquillo que eu admirara de longe sobre o papel, e que renovado agora na conversação viva já me não maravilhava.

As circumstancias da vida de um escriptor contém integralmente as razões de ser do seu pensamento e do seu estylo. Se alguém duvidasse, com mil exemplos se lhe provara. Tem a fortuna seus laboratorios, que só ella sabe, dos quaes, por aggregações fortuitas de cousas ás vezes tenues e impalpaveis, saem, por umas alchimias providenciaes, indoles de muito diversos e oppostos grãos de merecimento; pouco mais ou menos como debaixo da terra a natureza, com um gaz e uns requisitos que só ella sabe, fábrica ora o carvão, ora o diamante. Por isso é que a educação primeira, aquella que se calcula e dirige á vontade, e est'outra educação que depois de adultos, vimos recebendo dos homens e dos successos, bem podiam reivindicar para si a folha e folha quantos louros factuamente nos cingimos, e tambem carregar com a imputação de muito e muito mal que se nos attribue.

Repeti, e amiudei visitas aos alegres penates de Moreira; eu já tambem fôra aldeão e serrano por annos largos no presbyterio de S. Mamede da Castanheira do Vouga. Tive portanto todo o aso

e vagar para reconhecer que no genero de vida d'aquella mulher tão boa, tão amavel, e quasi feliz, se ha mulheres felizes, se continha sufficiente explicação de muita parte da sua escripta; mas o que estava presente, com ser muito e optimo, ainda me não satisfazia.

Quem vê passar por um sitio ameno um rio puro e crystallino, pensa por força no d'onde viariam rir-se-lhe alli aguas tão formosas. Nos intervallos das praticas litterarias e saborosas leituras dos nossos serões, fui a pouco e pouco procurando e colhendo na fonte noticias dos primeiros dias de tão bella vida, de que já então me appetecia deixar por escripto alguma memoria. As investigações alli começadas, prosegui-as depois com maior diligencia, e inteirei-as agora. Colhi pouco em verdade; pois se elle o que havia era pouquissimo! e tão simples, tão simples, que todo o artificio de discurso lhe desdiria. (Afortunada ainda assim a que passa dias que tão pouco deixam para narrar.)

II

Viviam na cidade do Porto no principio d'este seculo Antonio Ventura de Azevedo e Souza, honrado commerciante, e sua mulher D. Maria Margarida de Souza Neves. Com os laços do consorcio se lhes reforçaram os do parentesco e da con-

vivencia infantil; eram primos e quasi irmãos; suas avós tinham sido irmãs. Não se enraizava nem enxertava a familia em carcomidas fidalguias provincianas. Contentava-se com a nobreza do pae Adão. Vivia abastadamente da agricultura; mas no tracto das virtudes singelas e amaveis, que nos campos se ériam como os fructos, grangeara largamente bemquerenças e veneração. Bons morgados aquelles que a ninguem lesam, nem ha força humana que os desvincule. Para não dermarmos historia para fóra do nosso pequenino assumpto, indiquemos só, como genio que cifrou em si as qualidades solidas e sympathicas, hereditarias e frequentes na familia, o irmão d'aquellas duas avós do nosso casal. Chamava-se Antonio José Francisco; podera ter accrescentado Moreira, que era o appellido da familia, assignado ainda pelo pae, José Francisco Moreira; porém contentou-se com aquillo. Era pois Antonio José Francisco, abbade na freguezia rural de S. João de Canelas, a uma legua do Porto, um philosopho religioso, um homem d'estes que o são para as cousas do ceo e para as do mundo, e sabem conciliar ás mil maravilhas os interesses passageiros com os eternos. Era verdadeiramente o pastor do seu rebanho. Ainda se não fallava em juizes de paz, e já elle o era; instituiria-o Deus; todos o reconheciam como tal. Havendo dissidencias na freguezia, sujeitavam-se quasi sempre os desavindos á sua decisão; se por acaso algum teimoso ia por diante com as suas pretensões, o nosso abbade só

protegia a parte que tinha razão, e o fraco contra o forte. Os juizes attendiam-lhe em tudo como a varão que sabiam incapaz de falsear a consciencia. Era parente seu o Bispo Conde de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

O nome do abbade de S. João de Canellas, Antonio José Francisco, vive ainda hoje nas memorias e saudades da freguezia, narrando-se d'elle innumeraveis casos que abonam haver possuido no mais alto gráo quantas virtudes e excellencias se podem requerer para um perfeito pastor de almas. Não obstante, enganar-se-ia quem o suppozesse um d'aquelles asceticos exaggerados, que teem para si não haver santidade sem bisonhice, nem fervor de espirito senão o que se cobre com andrajos. Conhecia o seu tempo, e sabia que os respeitos attrahidos pela dignidade externa, accrescentam forças ao individuo para melhor levar ávante e ao cabo as emprezas da virtude, que nem sempre são facilimas. Inda hoje os que o viram, que são já poucos, se comprazem de o descrever, o seu parochio, o seu amigo, o seu rei de espiritos, vestido invariavelmente de seu calção de velludo preto, collete muito comprido da mesma droga, casaca de saragoça, cabeção e volta, e na cabeça o seu chapéu á tridentina. Ia-se á cidade, quando para serviço de alguém fazia mister, a cavallo n'uma mula possante, seguido de um criado preto montado n'outra igual. Era um prototypo, que Balzac folgaria de ter encontrado para o descrever por miu-

do, assim como o seu rosto veneravel, e a sua caracteristica residencia; era emfim um parochio de quem Lamartine ainda poderia colher alguma poesia, depois de escripto o Jocelyn.

Tinha o abbade o mais extremoso affecto a suas irmãs, dado não fosse da sua indole o manifestal-o por melindres e carinhos; os de fóra tinham de lh'o adivinhar, ou aguardar pelos lances decisivos para lh'o reconhecerem, que lá n'esses nunca elle se desmentia.

O amor do bom padre, tanto mais intenso quanto mais dissimulado, não parou nas irmãs; abrangeu inteiro aos filhos d'estas, um dos quaes foi Antonio Ventura de Azevede e Souza. Brincava este ainda creança no passal, diante dos olhos e do coração do abbade; do abbade todo ufano lá por dentro de ver como Deus lhe abençoara a velhice com tal sobrinho. Se lhe não desejaria elle as maiores ditas! a maior de todas para cordeirinho tão candido, era offerecer-se ao altar, antes que o turbilhão do mundo o arrebatasse. Sentia-se velho, e toda a alma se lhe allumiava, só de fantasiar que outro elle, o filho de sua irmã, havia de ficar com a herança de tanta benevolencia, como a que elle andara semeando por aquelle povo, e com o seu proprio grangeio a havia de accrescentar. Depois elle, o velho, não havia de viver sempre; e bom era, antes que o espeque da casa se acabasse de comer do caruncho, e a deixasse pendida ou arruinada, acudir-lhe com esteio novo, e cortado em tão boa lua, como para a vida eccle-

siastica o é a bemdita da meninice. O sobrinho estava por tudo; não só resignado, mas gostoso. Namorava-o aquella poesia da igreja com imagens e tudo, a que havia de chamar sua; as sedas agaloadas que levaria debaixo do pallio; as visitas de pousada em pousada ao foliar no domingo de Paschoa; e tambem um pouco o cavalgar na mula grande, e correr mundo até ao Porto, com a figura do rei Belchior do presepio atraz de si. Como hortelão curioso, que rega, torce, decota, puxa, espalma, e interlaça o arbusto docil, de que já traz architectado na idéa um caramanchão em que ha de dormir á sombra as sestas regaladas do domingo, assim ia o abbade affeiçoando cada vez mais o gosto, as idéas, a educação e a instrucção do mancebinho para o santo alvo das suas posthumas ambições. Por muito que fosse ministro de Deus o padre, não dispunha Deus n'este negocio, como elle lhe propunha.

O pau, que se principiara a talhar para um futuro devoto, não houve remedio senão empregal-o em mais profano uso. Arranjos de familia exigiram que o sacramento das ordens se trocasse no do matrimonio; tenho não pesaria muito ao iniciado clerigo a metamorphose; vicejava então em toda a pompa da idade; poesia bem outra das poesias infantis o senhoreava; a prima que o ceo lhe dava como presente especial para sua noiva, era formosa, gentil e discreta, além de bonissima; merecia-o; mereciam-se ambos. As duas mães estavam encantadas com esta nova prisão, que ia ainda tor-

nal-as mais irmãs, com esta troca de joia por joia, que a ambas enriquecia. O abbade mesmo, unindo as mãos, recebendo e abençoando os votos de tão gentis creaturas, e tão feitas uma para a outra, houve de pensar, mas que o não dissesse, que havia cousa mais deliciosa que administrar ao proximo tal sacramento: era recebê-lo.

Derrubada assim a primeira esperança, logo, talvez n'aquelle mesmo acto, surdiu outra mui natural no espirito do abbade, a quem não soffria a paciência que a boa da sua egreja houvesse de passar a mãos estranhas, que poderiam deszellar-lh'a. Depois aquelle campanario, as andorinhas d'aquelles beirados, as arvores e as pedras contadas do passal, tinham-se acostumado tanto á boa gente do sangue d'elle, que por força haviam de estranhar se vissem por alli caras novas, e ouvissem outras fallas. Foi pois a sua idéa que o primeiro filho que viesse a lume do consorcio, seria creado para a abbadia; lá que havia de vir, não duvidava elle; tamanha era a fé que na benção tinha posto. Avisinhava-se o tempo de se lhe realisar a prophécia do desejo. A hora suspirada allumia o thalamo da esposa. Exultam as duas mães. Suspira o abbade. O seu projectado successor saiu uma menina. Que remedio já agora senão querer-lhe muito! Deu-lhe no baptismo o melhor nome que soube, o unico de todos os bellos nomes que por mais que se multiplique e envelheça é sempre bello, sympathico e poetico. Maria é a heroína da nossa pequena

historia. Maria Peregrina? Ainda não; por ora só Maria de Souza; o sobrenome hão de lh'o trazer os trabalhos, e não tardará muito. Mal se lhe contava um mez de idade, como nascida que fôra aos 13 de fevereiro de 1809, quando o exercito francez de Soult entrava de Hespanha pela fronteira do norte em Portugal, em som de guerra, e com todas as feridades de conquistador victorioso por essa Europa em cem batalhas.

Os eccos de tantas guerras, que a pouco e pouco se nos tinham vindo avisinando, trovejavam medonhos em todas as fantasias. A despeito do esforço e patriotismo das nossas tropas, coadjuvadas pelas forças inglezas, trepidava-se nas cidades; trepidava-se nas aldeias e campos dobradamente. A cabeça do reino fôra atirada para os confins da monarchia, a duas mil leguas. Napoleão estava perto; estava em toda a parte. A politica era um cahos; o porvir uma cerração tempestuosa. Só se não desconfiava da Providencia, por que o pavor mesmo o prohibia. No Porto, onde então residiam, como a principio dissemos, Antonio Ventura e D. Maria Margarida, lavrava fundo, e com razão, a anciedade. E' de seu natural animosa e para muito aquella gente, que tem fé viva em si e na sua estrella; mas as cidades mais heroicas tambem succumbem. Annibal fulminou Sagunto; Cesar, Marselha. Napoleão era Cesar e Annibal. O seu carro de batalha era carro de triumpho. O proprio destino parecia puxar lh'o como rei vencido. Antes que a cidade fosse

entrada dos invasores; quando cada um dos habitantes procurava pôr a recado o seu precioso, emparedando-o soterrando-o, sumindo-o pelas povoadas, ou cometendo-o com solemnes promessas á guarda da Virgem Padroeira e de todos os Santos, pareceu a Antonio Ventura, que melhor seguro para sua joven esposa e sua filhinha, nenhum podia haver que a residencia do santo abbade, especie de penate maximo da familia. Para lá as enviou portanto, ficando-se elle nas linhas de defesa da cidade. Era tenente... «não sei de quê — me diz a amavel escriptora;— de um d'esses corpos que não tinham mais nada por si que a vontade de defender a patria. Quando os francezes entraram as linhas — é ainda ella quem falla — debandaram e fagiram todos os defensores que não morreram. O nosso tenente chegou ao Douro, quando a ponte de barcas estava rota, e o rio atulhado de cadaveres. Passou a corrente a nado, vestido como estava, e chegou a Canellas, narrador e testemunha de tantos horrores.»

A immundade mesma, a sacrosanta immundade das virgens do Senhor, fôra quebrantada. A soldadesca infrene e ebria a nada perdoava. A taes novas, quem pintaria a consternação dos imbeles moradores da residencia, mal distante do Porto uma hora de caminho? O campanario, que a denunciava ao longe, mais pareceu então conductor para raio, que influidor de religiosas confianças. Feita em commum oração por toda a fa-

milia aos pés do altar do Santissimo, que a desamparava á mais tormentosa provação, decidiu o velho que se apartariam todos, acompanhados do cura seu coadjutor, á procura de menos arriscado esconderijo. Elle, como esposo que era da igreja, permaneceria em quanto lhe fosse dado, e nunca por extremo algum se alongaria d'ella tanto, que deixasse de avistar a grimpa da sua torre! «Se não nos tornarmos a ver, adeus até o dia de juizo.» foram as suas ultimas palavras abençoando aquelles profugos tão queridos.

«Ao longe ainda ouvia os gritos de sua irmã, «minha avó materna, e de todas as creadas — «me escreve a que então era menina de um mez, «e a unica não aterrada de tanta angustia. — Minha mãe concentrava a sua mágoa no fundo do «coração. Retirou-se depois toda a familia para «outra aldeia, e recolheram-se por precaução n'uma «casa d'eira muito velha, sem outra luz, que a «que davam as grandes gretas da porta. Refugiavam muito de proposito de casarias de maior «alardo, e faziam bem; todas as que assim eram, «ficaram juncadas de cadaveres. Pelos buracos da «sua prisão viam ao longe passar partidas de soldados, e tremiam de que os meus gritos chegassem até elles. Eu tinha fome; minha mãe, que «me creava, viu-se de repente sem leite, e quando «me chegava ao peito, tirava-lhe sangue. Mil vezes me desejou a morte n'aquelles dias, porque «julgava que a nação ficaria sempre escrava, e «que seria uma desgraça viver n'ella. Assim se

«andaram foragidos pela serra, de mouta em
«mouta, e de reconcavo em reconcavo; ora encon-
«trando-se com outros bandos de fugitivos, com
«quem se repartiam novidades, penas e affectos
«(esperanças poucas ou nenhumas); ora dispersan-
«do-se ao mais leve rumor, imaginario muitas
«vezes, que se parecesse com a repercução de um
«tiro. Era o viver silvestre, mas com mil cir-
«cumstancias de desvantagem, comparado ao das
«tribus americanas. Por essa minha peregrinação
«no berço, me poz depois meu tio o sobrenome
«de Peregrina. Regressámos por fim a casa, e
«não houve que arrepender. Tinha o abbade ca-
«ptado com a sua prudencia e generosidade a es-
«tima do commandante do destacamento estacio-
«nado perto de Canellas, a ponto de haver este
«prohibido aos seus soldados a minima depreda-
«ção ou insulto aos moradores do logar. Ficou
«portanto a familia em perfeita tranquillidade na
«residencia. Minha mãe passava os dias n'um la-
«ranjal cercado de grandes muros, á borda de um
«arroyo, ou só, ou comigo nos braços, e nunca viu
«um unico francez, apesar de virem alli muitos pe-
«dir differentes cousas da parte do commandante.
«Estava entregue a uma sombria desesperação;
«pelos annos adiante soffreu grandes afflicções
«com muito animo; mas aquella, tinha-lhe parali-
«sado a energia de que era dotada. Chegaram a
«receiar que endoucesse. Tão profunda era a sua
«melancolia! No dia em que se avistou no alto de
«um outeiro purpurejar o fardamento dos primei-

«ros soldados inglezes, e que os francezes se retiraram, teve ella uma das maiores alegrias da sua vida. Pobre mãe! pobre mãe! que bem que te não deves estar lá n'essa bemaventurança!»

III

Passou a tormenta. Respirava o reino desasombrado de inimigos; voltava cada cousa, cada pessoa, e cada espirito, ao seu originario ser, aos seus costumes primitivos. Tinha-se padecido muito; folgava-se e amava-se por isso mesmo tresdo-brado. Sabia bem o ser portuguez. Era como depois de um temporal de estio, quando reaparece a serenidade: até as plantas gotejantes e as pedras se estão rindo: aspira-se a peito cheio saude e esperanza. S. João de Canellas, e os seus arredores, e as serras, pouco ha coitadoras de tantos medos, confidentes de tantas lagrimas, e aqui e acolá testemunhas de alguns obscuros dramas de violencia e ferocidade, tudo parecia haver tomado d'aquellas tristezas uma consagração, e certo encanto inesperado. Reedificavam-se casas desmanteladas pela guerra; rebentava das cinzas a cultura; activava-se o trabalho; recrescia a fé no antigo horoscopo de Portugal: *combatido e nunca vencido*. Para os sãos e salvos de tamanha crise, era então delicioso, delicioso deveras, o sentirem-se vivos, reu-

nidos, seguros, como que renascidos uns para os outros, mais parentes que antes, e mais amantes que nunca.

Negocios domesticos prendiam no Porto a familia da nossa Peregrininha; mas o abbade, mas o S. João da aldeia, mas o passal, tinham-lhes lá de refens os corações. Para isso quantas horas, dias, e semanas, se podiam sonegar á obrigação de trabalhar para o futuro e boa sorte da filha, todas com alvoroço as davam os dois conjuges a alegrarem com sua presença a solidão do veneravel patriarcha. N'aquelle ameno torrão da ajardinada provincia do Minho, teve pois as suas primeiras raizes a indole bondosa, florida e poetica da minha amiga (restituamos esta palavra á sua santa e formosa significação; mal haja quem primeiro lh'a perverteu). D'alli lhe manam quasi todos os mais ou menos vivos recordos da meninice. Haveria interesse em os historiar: mas nem ella mesma já o podéra.

Colher algumas reminiscencias dispersas das que ficam como borboletas alvas da madrugada pela tarde da vida, é o mais que se logra. Estas aladas fugitivas, mortas e empastadas n'um breve quadro, dizem ainda tanto, reenviam-nos tão suavemente o animo para as horas de luz dourada, em que se crearam, que não ha olhal-as de passagem sem alguma commoção, sem algum halito de innocencia, sem algum reflexo de bom conselho. Vou por tanto, como quer que possa, caçar e colligir das proprias cartas da nossa amiga as

pequeninas memorias que lhe ficaram das adjacencias do seu berço; escreveu-as como quem conversava a sós comigo; escreveu-as para satisfazer á minha importuna curiosidade, sem pela idéa lhe passar que jámais se revelariam ao publico. Pésa-me da inconfidencia, mas não me quero arrepender. Dou estes periodosinhos taes como vieram para um só leitor. Deus me livrara de lhes alterar nem por sombras a sua ingenua simpleza. Quem não gosta de emmólhar n'um passeio descuidado florinhas miudas do monte, e só se quer com as pompas vegetaes creadas a grande custo nas estufas, passe adiante, e deixe-me cá, embora sósinho, regalar-me com estas pequenezes.

«Na minha meninice mais terna — tinha agudeza e desembaraço, cousas que fui perdendo como fui crescendo. Da idade de um anno já corria e fallava. No correr era tão estouvada que a todos os momentos caía. Trazia sempre a cabeça e a cara esmurrada. Deixar dito sem replica não era para mim. N'esta parte mudei muito depois de crescida. Dizendo uma mulher um dia: — *Jesus! que menino tão pequeno a correr tanto!* acudi com desembaraço — *Não é menino, é menina.* Outra occasião disse a um creado, que me aperreava por eu não lhe ter respondido quando estava sem vestido: — *Meninas nuas não fallam a homens.* Sendo eu de dous annos, corria um dia pela quinta, e um creado aldeão vendo-me assim correr quiz deter-me e gritou — *Coca n'ella que vai descalça* (anexim provincia-

«no) mas eu escapando-lhe gritei tambem, e sempre correndo: *Então não coca em mim que vou calçada.* Cresci debaixo dos melhores auspícios; «assim as mostras que eu dava de vivesa se tivessem confirmado! Meu pae me ensinou a lêr «apenas fallei desembaraçado, e fallei de um anno. «Não me ensinou pelo *Methodo Portuguez* porque «então o não havia, mas reprovava os methodos «existentes, e me ensinou não sei como; unicamente sei que foi com tal rapidez, que todos se «admiraram. Lembra-me só que meu pae me metteu nas mãos um papel com as letras do alphabeto, e depois, não sei como, passei a lêr n'um «livro. Eu era douda por historias, e meu pae «me dizia quando lh'as pedia: *Lê-as; tu não sabes lêr?»* A elle pois e a minha mãe, devi o meu «prematureo gosto á leitura. Minha avó materna «foi o unico de meus avós que conheci. Era ella «douda por mim, não consentia que me fizessem «a minina admoestação, e occultava todas as «minha travessuras. Morreu quando eu tinha seis «annos. Não me lembro d'ella senão confusamente. Tenho porém muito viva a lembrança d'ella «me vestir de manhã e rezar comigo; e do seguinte: Estava ella muito mal. Eu o ignorava. «Entrou uma noite meu pae. Estavam muitas «pessoas na sala. Eu, estouvada por natureza, e «com muito mimo, fazia aquillo que me parecia. «Não fui cumprimentar meu pae; estava entretida a brincar. Meu pae me chamou, reprehendeu-me, e pedindo licença ás pessoas que esta-

«vam, me deu uma pequena pancada. Foi a unica
 «vez que me bateu. Espantou-me a novidade, e
 «fiquei agoniada com as pessoas que estavam por
 «lhe terem dito:— Está na sua casa. Alli não
 «chorei, mas retirei-me para a sala immediata
 «onde minha avó estava na cama, e minha mãe
 «á cabeceira d'ella. Encostei a cabeça aos pés
 «do leito, e puz-me a chorar. Duas cousas então
 «me feriram a imaginação; que minha avó não
 «me chamasse e não me fizesse festa, e que minha
 «mãe não me ralhasse. Esta olhava para mim com-
 «passiva e calada. Provavelmente pensava— Nun-
 «ca mais te fará festa! Provavelmente tambem já
 «minha avó não ouvia.

«Tinha eu um genio naturalmente alegre,
 «herdado em commum de pae e mãe; mas assim
 «mesmo já em creança gostava de gosar o meu
 «poucochinbo da solidão e melancolia. A essa me-
 «lancolia vaga, que então não tinha realidades a
 «que se encostar, chamarei eu hoje quasi alegria;
 «tanta era a satisfação que me dava. Quando es-
 «tavamos no presbyterio de meu tio, é que eu sa-
 «tisfazia á larga o meu gosto. Entre outros *pas-*
 «*satempos* ia para a casa da fabrica deitar-me nos
 «esquifes que alli havia, fechava os olhos, e pen-
 «sava... não sei o quê. A porta travessa da igreja
 «dava para o pateo da Residencia, e estava sem-
 «pre aberta. Iam todas as pessoas da casa quando
 «podiam (todos os dias) fazer oração ao SANTIS-
 «SIMO. Minha mãe parece-me que ia sempre só.
 «Eu tambem. Que satisfação não sentia ao vêr-

«me allí em completa solidão, rodeada de quasi
 «trevas, sem ouvir o mais ligeiro ruido! A's ve-
 «zes pegava n'umas caveiras (que estavam nas
 «pias de agua benta) e as examinava com pro-
 «funda sensação; então não era sensação alegre,
 «mas enchia-me a alma isso que sentia. Depois
 «de crescida, conservei o mesmo gosto de inter-
 «vallar melancolias no meu viver alegre e des-
 «cuidado. Tinha paixão pela dança, festas, e thea-
 «tro. Meus paes não me afastavam d'estas dis-
 «tracções, mas moderavam-lhes o excesso, e re-
 «petidas vezes me diziam:— Os divertimentos de-
 «vem ser uma distracção, e não um modo de vida.
 «Aos nove annos fiz eu um descobrimento muito
 «triste. Tinha as bonecas guardadas á semana, e
 «só aos domingos as desencaixotava; mas todos
 «os dias lhes ia metter mantimento novo (biscou-
 «tos ou doces) e tirava para mim o da vespera.
 «Um dia pensei que tinha um trabalho inutil, e
 «a idéa de que ellas não comiam nem sentiam
 «fez-me tal afflicção que não saberei descrevel-a.
 «Deixei-as e nunca mais as vi com prazer. Fez-
 «me falta aquelle entretenimento. A menina que
 «deixa as bonecas cedo, sente por muito tempo
 «uma especie de vacuo na existencia. Quando es-
 «tava na aldeia desferrava-me correndo pela quin-
 «ta, e saltando como douda; porque fui creança
 «até muito crescida.

«A' leitura tinha eu tanto amor como á dança,
 «mas achava-lhe as mesmas objecções da parte
 «de meus paes. Como não era estudo, mas di-

«vertimento, não approvavam que me degene-
«rasse em occupação exclusiva, nem mesmo pre-
«dominante, pois grande parte do que eu lia eram
«romances em portuguez. E que romances, meu
«Deus!.. A censura prévia de minha mãe só m'os
«prohibia quando eram immoraes; não sei se to-
«das as senhoras lá pelas cidades fazem igual
«exame para as leituras de suas filhas. Se o não
«fazem, bons arrependimentos sem remedio lhes
«prepara talvez esse descuido. Meu pae muitas
«vezes me dizia que lesse eu livros mais serios.
«Algumas vezes os lia para condescender com os
«seus desejos; se não fosse isso, a historia por si
«não me attrahia; parecia-me inutil como os ro-
«mances, porém mais sem sabor. De poesia sim
«gostava, e tambem de viagens. Succedeu-me
«com o *Zadig* de Voltaire, traduzido por Fylinto
«Elisio; uma cousa notavel. Gostei muito d'elle
«em creança, em moça não gostei nada, e annos
«depois tornei a lel-o com prazer. De certo o não
«leio quarta vez. Tres é de sobra, e talvez tor-
«nasse a não gostar; mas confesso que preferia as
«novellas, de que hoje não posso ler duas paginas
«a fio!... A's vezes me ponho eu a pensar se é
«felicidade ter o gosto apurado, e inclino-me a
«que não. Tenho pesar de não achar hoje soffri-
«vel o que então se me figurava encantador. Pois
«contos de fadas, magicos, anões, gigantes e fan-
«tasmal... Isso era o meu comer. O maravilho-
«so me enlevava. Houve romancinhos d'aquelles,
«que me fizeram chorar até ficar doente; viessem

«para cá hoje; faziam-me rir. Tambem não sei
 «em minha boa verdade para que se havia de
 «escrever d'aquillo, como se nas realidades da vida
 «não houvera já tristezas de sobejo. Parece-me
 «que era melhor moda fazerem-se unicamente li-
 «vros ou para instruir, ou para deleitar, ou para
 «deleitar e instruir conjunctamente.

«De treze ou quatorze annos mandou-me mi-
 «nha mãe escrever a meu pae, que estava nas
 «fileiras constitucionaes em Traz-os-Montes. Era
 «então alferes de milicias. Fiquei eu sem saber
 «por onde entrar, nem sahir. Até as fórmãs de
 «algumas das letras de mão me tinham esqueci-
 «do! Havia muito que não lia senão lettra redon-
 «da. D'alli em diante para me exercitar, pois senti
 «toda a vergonha de não saber na minha idade
 «expressar as minha idéas com a penna na mão,
 «tomei a empreitada de escrever charadas minhas
 «e alheias. Era a mania do tempo, ao menos cá
 «na provincia; é provavel que na capital com
 «tantos divertimentos ninguem curasse muito de
 «tal frioleira, e d'ahi eu já ouvi dizer a alguem
 «que Lisboa era uma aldeia grande.

«Por aquelle mesmo tempo uma minha ami-
 «ga de quatorze annos de idade, como eu, dei-
 «xou o Porto. Ajustamos entre os abraços e la-
 «grimas sinceras da despedida, que nos havia-
 «mos de cartear. Assim o fizemos; mas como o
 «fiz eu!... era a minha primeira correspondencia.
 «Eu achava muito feio pôr-me a escrever como
 «lhe fallava. Quantas cartas havia nos livros meus

«conhecidos seguiam outro methodo; queria imi-
 «tal-as, e não sabia. Occorreu-me então um ex-
 «pediente que me salvou da vergonha do meu
 «prosaismo. Achando n'um livro trechos que me
 «caissem em graça copiava-os, e depois lá os en-
 «campava por fas ou por nefas nas minhas mis-
 «sivas. Se a minha correspondente não estivesse
 «tão boçal como eu, muito se havia de rir!...
 «mas eu passava no seu conceito, graças á minha
 «fraude, por uma grande doutora; gralha ornada
 «com pennas não sei se de pavão, se de papa-
 «gaio; emfim era em ponto pequenino o que tem
 «sido escriptores publicos.

«Contava eu 14 annos, falleceu meu tio-avô
 «o abbade de S. João. Foi um grande lucto na
 «familia. Todos os mortos tem certo o elogio fu-
 «nebre; mas o d'aquelle era um ecco do que já
 «em sua vida se dizia. Repetia-se agora entre
 «soluços; era a unica differença. Para mim não
 «acabara só um excellente amigo nosso; acaba-
 «vam-se-me com elle uns sitios em que tão gos-
 «tosos se haviam passado os meus primeiros dias;
 «até dos meus esquifes, e das minhas caveiras
 «tinha saudade. Ellas e elles tinham conversado
 «comigo, uma pobre creança, em cousas tão al-
 «tas, tão novas, tão attractivas! o templo de meu
 «tio, de nós todos, e tão em particular meu, ia
 «ter outro parochó. Verdade seja que o successor,
 «parente ainda de meu pae, fôra o escolhido pelo
 «velho, quando eu lhe preguei innocentemente
 «a peça de nascer menina. S. João ficava ain-

«da na parentella, mas já não era bem a mesma
«cousa.

«Meu pae era de uma bondade summa, e de
«uma razão muito clara. Minha mãe, além de
«boa, tinha uma alma poetica. Tendo eu sido do-
«tada de um genio excessivamente alegre, foi-
«se-me este transtornando com as successivas
«desgraças de minha familia.

«Aprendi o francez já aos vinte annos, e en-
«tão mais se entrou a mudar o meu gosto, por-
«que me deram para ler obras de Chateaubriand,
«e outros livros d'estes que induzem a pensar, e
«inclinam o animo para a parte da melancolia.
«Uma lingua é um bello e grande instrumento
«intellectual. A aquisição do francez nada me
«custou; mas, ainda que me tivera custado mui-
«tissimo, valia bem a pena. Não era só que eu
«sentia alargarem-se os horisontes para os meus
«estudos, se os eu quizesse ou pudesse fazer; é
«que até me encantava o comparar a diversida-
«de nos modos de exprimir, que tanto extrema
«aquelle do nosso idioma; e deixe-me confessar-
«lhe aqui em segredo que, desde que entrei a com-
«prender com facilidade e exacção aquelle ex-
«pressar tão outro d'este a que vivia acostuma-
«da, entrou-me a parecer que havia talvez n'elle
«o que quer que fosse de mais elegante e civili-
«sado. Talvez, a final de contas, não fosse senão
«o rifão de, *a gallinha da vizinha*. Só annos de-
«pois é que tomei gosto aos nossos classicos; logo
«que me passou a febre do francez. Quando o

«aprendi, creio que até pensava em francez. E
 «n'este idioma escrevi alguns romances; (grandes
 «são as afoutesas de quem sabe pouco!)

«Creio que teria muita facilidade em apren-
 «der a ler e escrever diversas linguas, e muito
 «pouca para as fallar. Não me era possível, quan-
 «do estava mais senhora do francez, falal-o com
 «quem sabia portuguez. A' terceira ou quarta
 «phrase já lhe eu respondia como boa minhota que
 «não renegava o fallar da sua terra. Nunca já-
 «mais conheci que tivesse negação para aprender
 «fosse o que fosse; nas nunca tambem vi em mim
 «grande propensão para uma arte ou sciencia qual-
 «quer. Sou como o homem de trinta officios, que
 «não é mestre em nenhum, e morre de fome.

«O que me deu a idéa de escrever contos ou
 «romances foi uma *Bona* que li em francez. Vem
 «n'esse livro um conto composto por uma menina;
 «e aconselhava a *Bona* que ás meninas, para se
 «entreterem, escrevessem aquillo para que tives-
 «sem mais geito. Fiquei contente e admirada.
 «Tinha eu os auctores por semideuses, e não po-
 «dia imaginar que uma mortal podesse pegar na
 «penna, a não ser para escrever uma carta ou al-
 «gum rol. De muito nova, isto é de cerca dos
 «20 annos, comecei pois a engendrar os meus
 «romances; mas por muito tempo só as minhas
 «mais intimas tiveram d'elles noticia.

«Depois que meu pae se deixou do commer-
 «cio, e foi administrar um concelho rural, é que
 «me entreguei com mais afinco aos romances,

«porque a vida no campo me dava mais logar
 «para o trabalho e para aquella especie de de-
 «vaneios.»

Até aqui mais que facil correu a tarefa do biographo; embrechou excerptos das cartas com que esta boa amiga respondia aos seus arteiros interrogatorios; mas como fallará agora dos segredos do seu coração, visto não haver coração n'este mundo que não tenha seus segredos? Sem elles nem mulher alguma seria mulher, nem a historia da mais afamada nos interessára. O oraculo tão prompto a todas as outras perguntas, fechou-se a esta; reforçaram-se-lhe instancias; ponderou-se-lhe respeitosaente uma verdade muito certa e razão muito sem contra, que um interior tão cheio dos mais delicados affectos e extremos naturaes, e com tanto calor de poesia, já não podia ser que alguma hora não houvesse experimentado um longe ao menos da paixão universal; nem que a um tão raro conjuncto de meritos se não tivesse jámais ajoelhado um adorador; sorriu-se, e ao cabo de um silencio que já por si era parte de confissão, respondeu:

«Se fui ou não amada, e se amei ou não amei,
 «é cousa de que eu mesma não estou certa. Dar
 «nome de amor a um affecto que os não absorve
 «todos, e que até chega a desvanecer-se, sei que
 «se usa, mas escrupulisaria eu em o fazer. Não
 «me interrogue pois a mim sobre este particular
 «o meu caro espreitador, que não posso deveras
 «satisfazel-o. Lance por outras partes ás suas pes-

«quizes; e se descobrir no meu passado algum
 «episodio dos que deseja, dou-lhe licença de o
 «escrever; porque, se não tenho que alardeie,
 «tambem não tenho que recate. Já lá vai ha tan-
 «to tempo essa primavera das murtas floridas e
 «das rosas, das invejas aos ninhos matutinos, e
 «das confidencias á lua, que me reputo e sinto
 «outra da que então era. Cantar eu, não posso;
 «mas posso ouvir sem o minimo abalo. E' chro-
 «nica alheia; ou será mais um romance meu, que
 «eu não tinha escripto nem escrevo.»

IV

Entramos n'um periodo dos mais tristes: angustias publicas e nacionaes, angustias particu-
 lares e domesticas. Acenemol-o de fugida. Corre
 o anno de 1832. Atea-se a guerra civil. No dia
 em que ás mãos vieram pela primeira vez os dous
 exercitos reaes em Ponte Ferreira, antes de im-
 posto á cidade eterna o cerco memoravel, muitos
 dos moradores saíram d'ella com suas familias
 para as esquivarem ás calamidades que já se
 viam imminentes. Um d'elles foi Antonio Ventu-
 ra. Deixemos á nossa escriptora o historiar a sua
 parte:

«Minha mãe padecia.— diz ella — A vista dos
 «que se reconduziam mutilados e moribundos para

«os hospitaes de sangue, fez n'ella tão afflictiva
 «impressão, que chorando, com os olhos em mim
 «e minha irmãsinha, que choravamos ainda mais
 «pela ver chorar, obteve de meu pae que partis-
 «semos, logo, logo, para a nossa quinta de Morei-
 «ra. Começou então para mim um periodo de des-
 «graças, como para muita gente. Que dia de tris-
 «teza não foi o seguinte! Com a magoa de estar
 «mal ferido um antigo amigo, o capitão José Fer-
 «reira de Lima, e a ouvirmos continuamente a fu-
 «zilaria e as peças, ninguem comeu nem dormiu
 «n'esse dia e no seguinte. Como eu tinha visto al-
 «guns feridos na vespera, parecia-me ver os mon-
 «tes e valles alastrados de corpos exangues. Fo-
 «mos vivendo depois uns dias tristes e afflictos,
 «outros esperançosos, com as muitas patranhas,
 «que então se mercadejavam barato, e por toda
 «a parte. Era meu pae infelizmente sargento-mór
 «das ordenanças, o que elle pedira para se livrar
 «das milicias. Veio-lhe ordem de D. Miguel para
 «armar o povo. Obrou uma grande imprudencia,
 «contra o seu costume. Não armou o povo, e
 «creio que nem respondeu ao officio do general.
 «Cae-lhe de madrugada em casa uma guerrilha;
 «levam-no preso. Não quiz elle seguir n'aquella
 «conjunctura o conselho de minha mãe, que lhe
 «dizia, se recolhesse ao Porto, ou se homiziasse;
 «suppunha elle, com razão, que, se assim o fi-
 «zesse, a familia e a casa padeceriam muito. Mas
 «que triste acordar não foi o d'aquelle dia em que
 «o levaram preso!... Minha mãe viu-o sair de

«casa com olhos enxutos... Ai de mim!... nunca
 «mais havia de tornar a vel-o entrar aquelles
 «cumbraes!... ella não queria desanimal-o. Ape-
 «nas o perdeu de vista, vi-a chorar com uma de-
 «sesperação como nunca até alli, nem depois, vi
 «ninguem.

«Ora eu, ora minha mãe, iamoz fazer com-
 «panhia a meu pae na sua prisão de Penafiel. Só
 «o espirito sustentava minha mãe de pé; o corpo
 «definhava a olhos vistos. Em quanto meu pae
 «esteve entre grades, não consentira que o fosse-
 «mos ver; depois que com dinheiro conseguiu ir
 «para os sotãos da cadeia, e depois para a sala
 «das audiencias, permittiu que o visitassemos a
 «miúdo, bem que fosse longo e mau o caminho
 «da nossa quinta ao seu carcere.

«Fomos, minha mãe e eu, passar á cadeia o
 «dia de Natal de 32, para animarmos a meu pae,
 «consolando-o com duas reminiscencias vivas do
 «seu caro domicilio. Que festa! que festa da Re-
 «dempção! Quando ao outro dia sahi, mal pen-
 «sava eu que era a ultima vez aquella que via
 «meus paes reunidos. Separamo-nos tristes.

«Soou que meu pae ia ser julgado militar-
 «mente. Andavam sempre a mudar de resolu-
 «ções. O nosso terror foi grande. Minha mãe dis-
 «se: — Se eu pudesse, filha, ia-me fallar com o
 «conde de S. Lourenço (era esse o general mi-
 «guelista, que aquartelava pouco distante, e que
 «tinha os papeis e requerimentos de meu pae)
 «mas não posso... Se tu pudesses... Sei que em

«tempos ordinarios seria feio que fosses a um
 «acampamento; mas agora!... Respondi-lhe que
 «iria, e parti logo. Fallei com um dos ajudantes
 «do conde; era nosso antigo conhecido, mas não
 «me conheceu então. Disse-me, que escusava eu
 «de esperar pelo conde, que andava fóra. Os pa-
 «peis já não estavam na mão d'elle; tinha dado
 «a sua informação ou parecer, e remettido tudo
 «para El-Rei. Perguntei, tremendo interiormente,
 «se a informação fora boa; elle sorriu desdenho-
 «so, deu-me a entender que fôra má. Retirei-me,
 «e chorei todo o caminho; o criado me pergun-
 «tava o que havia de novo: eu só lhe respondia
 «com as lagrimas.

«Ao chegar perto de casa sofreei o cavallo;
 «fil-o ir devagar para compor o rosto e enxugar
 «o pranto; isto pude eu fazer, mas tinha os olhos
 «inchados. Minha mãe estava sentada n'uma es-
 «teira com minha irmã; passava parte do tempo
 «alli deitada; lançou-me os olhos, e nada me dis-
 «se. Revestiu-se depois de animo, e me pergun-
 «tou o que havia. Disse-lh'o serena, occultando-
 «lhe, o melhor que soube, tudo o que mais a po-
 «dia consternar; porém ella adivinhou o que lhe
 «eu dissimulava; depois nos caiu no leito, cada
 «vez mais abatida. A afflicção que sentia ao no-
 «tar o progresso do seu mal, não saberia eu pin-
 «tal-a. Era preciso servir-me de todas as forças
 «que minha mãe tinha creado em mim, para oc-
 «cultar-lhe a minha angustia. Até alli nunca ti-
 «vera um receio, uma afflicção, que lhe não com-

«municasse; e as suas consolações e as suas ponderações rasoaveis me animavam; mas a magoa que então sentia, os temores que me assoberbavam, não lh'os podia participar, e isto redobrava o meu tormento.

«Poucos dias antes d'ella morrer, vi a primeira rosa da primavera. Corri a buscar-lh'a. Era douda por estas flores. Agradeceu-me com os olhos humidos, e pol-a no travesseiro. N'esse mesmo dia me disse um parente: — Andas enganando tua mãe, fazendo-lhe crêr que ha de resistir ao seu mal. E' preciso que ella saiba o seu estado. Apareci banhada em pranto á cabeceira d'ella. Olhou-me compassiva e me disse: — Porque choras? Disseram-te que eu morria? não te afflijas assim. Todos nós temos de morrer, e eu hei de ir quando Deus me chamar. Manda recado ao cura e ao tabellião; e tu, se eu partir agora, fica servindo de mãe a teus irmãos... Tirou um anelinho que trazia, e mettemo no dedo. O seu fim não podia ser mais terno!... Pediu perdão ao povo que acompanhava o Viatico, e despediu d'esses que lhe chamavam—A mãe dos pobres, como mãe e amiga... A má nova que lhe eu trouxera de casa do general, déra-lhe a ultima enchadada. Ha 28 annos que a vi e a beijei pela ultima vez, e a sua lembrança me está ainda inundando de lagrimas este papel, como se de hontem fosse a minha orphandade. Minha irmã, que n'este momento se acha ao meu lado, se roando em silencio, e seguindo com os olhos ra-

«sos d'agua a minha escripta, diz-me, beijando-me,
 «que tenho razão, e acaba soluçando, sumindo a
 «testa entre as mãos, e fechando os olhos para ver
 «ainda uma vez o anjo que nos deu a vida e
 «nol-a está protegendo lá de cima. Perdemol-a a
 «11 de maio; no mez de Maria, de quem tinha o
 «nome; no mez das flores, de que tinha a suavi-
 «dade; no mez que assim é duas vezes de espe-
 «ranças, veio a ter quem tão longa vida merecia,
 «um fim bem desamparado.

«Por muito tempo (mais de anno) acordava eu
 «sobresaltada todas as noites, figurando-se-me
 «que a ouvia chamar por mim. Fui sua unica
 «enfermeira, e então bem inexperiente ainda n'esta
 «arte da caridade tão preciosa e tão delicada.
 «Quanto me não peza hoje a minha insufficiencia
 «de então! Estava acostumada a seguir só as suas
 «ordens, e o physico que a *tratou* foi o mesmo
 «que me havia *tratado* a mim.

«Meu pae dizia depois, quando se tocava
 «n'aquella perda tão prematura, que, se não fôra
 «a religião, teria posto n'aquelle desastre termo
 «aos seus dias. Eu dava-lhe toda a razão sem lh'o
 «dizer. Lance mais amargo na existencia nunca o
 «tive; quando em tal pensava pelos annos fóra,
 «a mim mesma me queria mal por me ter antes
 «affligido com cousas pequenas, e protestava de
 «me não mortificar nunca mais com bagatellas.

«Mil vezes tenho quebrado este protesto: uma
 «ninharia me faz ainda impressão; a reflexão me
 «faz conhecer depois que sou louca em dar valor

«ao que o não tem. Quinze dias depois da morte
 «de minha mãe, estava eu deitada, e senti-me
 «abraçar. Era meu pae, que tinham deportado
 «para Vizeu, e que de lá fugira. Vinha passar em
 «casa connosco dois dias e trasladar-se para o
 «Porto, onde o cuidado dos seus negocios o cha-
 «mava. Que alegria tão triste a d'aquella suspi-
 «rada visita! Os seus olhos pareciam pedir a cada
 «uma de nós, a cada porta, a cada recanto da
 «sua casa, a cada arvore da quinta, a esposa que
 «elle ainda não podia acreditar haver perdido; e
 «caindo em si, como reliquias d'ella, nos abraça-
 «va. Agora choro recordando-me d'isso; então
 «concentravam-se-me as lagrimas no coração.

«Depois d'esta catastrophe ainda residimos
 «todos no Porto por algum tempo, finalizada já
 «a guerra; e de lá nos trasladámos para Moreira
 «na Maia, concelho de que meu pae foi feito admi-
 «nistrador; aqui vivemos annos felizes. Procurei
 «a paz do retiro e a ventura da solidão. Diverti-
 «me estudando o italiano e inglez sem perceptor.
 «Já se póde ver que progresso eu faria. Entendia
 «apenas o que via escripto n'estes idiomas. O meu
 «pequeno piano tambem me entretinha ainda que
 «eu sabia pouquissimo de musica.

«Os livros, sobre tudo, faziam que os dias
 «fossem para mim pequenos no verão, e as noites
 «de inverno breves. Lia então livros melhores.
 «Foi por esse tempo que me atrevi a mandar al-
 «guns romances para o *Archivo Popular*, mas
 «anonymos; e escrevi ao redactor da *Revista Uni-*

«*versal* com o pseudonimo, muito verdadeiro, de «*Obscura-Portuense*. Esse redactor (Deus lhe perdoe) fez-me sair a terreiro com o meu nome, e «deu-me ousio para abusar da paciencia do publico, que não é lá das paciencias mais evangelicas.

«Novas tristezas que occorreram, por causa «de meu irmão, atormentaram os ultimos annos «de meu pae, e lhe abreviaram a vida. Eu e minha irmã soffremos muito... Ao menos eramos «duas para nos consolarmos mutuamente. Nosso «bom pae nos dizia muitas vezes: -- Eu fui bom «filho; mas vós o sois ainda mais. Eu não vos «merecia tanto! e merecia tudo. Pobre pae! Todo «o anno de 56, até 6 de novembro, estive meu «pae entre a vida e a morte. O antecedente já o «passara muito mal. Mais de anno levámos no «quarto d'elle, ou eu ou minha irmã, e, muitas «vezes, ambas. Que noites e que dias!... mas sobretudo as noites, em que os ataques de pulmão «eram mais fortes!... Meu pae nos dizia nas suas «afflicções mil cousas ternas que nos despedaçavam a alma. Lamentava o futuro do filho que «tanto o affligira; lamentava que nós ficássemos «sós, sem termos uso de dirigir os negocios da «casa de portas a fóra, e muitas vezes boquejava, «como que entre si, olhando para nós: -- Coitadinhas!... coitadinhas!... Tinha eu por costume «escrever quotidianamente algumas palavras de «como passára o dia. Deixei-me d'isso quando «perdi de todo a esperanza de ver meu pae resis-

«tir ao seu mal. E tarde se me acabou essa es-
«perança!... Quando folheio agora esse diário,
«aperta-se-me o coração.

«Um dia, esperava ver meu pae melhorar, no
«seguinte, receava; no outro, desesperava!... De-
«pois que elle falleceu, muitos remorsos me pun-
«giram. Parecia-me que se eu tivesse chamado
«mais cedo este ou aquelle medico, se lhe tives-
«semos dado menos remedios, ou mais remedios,
«se lhe teria conservado a vida!... Hoje estou
«persuadida de que nada valeria. Homœopathia,
«allopathia, tudo foi inefficaz. A sua morte dei-
«xou um vacuo na nossa existencia!... Nunca foi
«interrompida a harmonia entre mim e minha
«irmã. Tenho cuidados, que me não deixam en-
«tregar inteiramente aos meus gostos litterarios,
«e rendimentos escaços que me prohibem com-
«prar esta ou aquella obra; mas cá me contento
«com o quinhãosinho de ventura que desfructo
«presentemente. Aprendi desde muito nova a não
«desejar o que não podia obter. Se não fôra mi-
«nha irmã, que de certo viverá mais que eu, (1)
«podia empenhar-me e *manger mon blé en herbe*;
«mas tambem não tenho genio de destruir.

(1) Enganou-se, pobre senhora!... A morte roubou-lhe tambem a doce irmã da sua alma, e tão só e desamparada a deixou no mundo, de affectos e jubilos, que ainda ha dias me affirmava ella, que a perda da irmã estremecida de todo lhe cortára as azas á phantasia, e comsigo levára tudo de que se lhe compunha a existencia, felicidade, socego, aspirações, força para o trabalho, calor para a esperanza, tudo!

«Porque não casei eu? Ahi vão francamente
 «as razões, meu bom amigo. Em muito nova é
 «provavel que eu o fizesse, se alguém, que esti-
 «mava, não pagasse com ingratidão o meu sin-
 «gelo affecto. Depois, fui viver no campo, e os
 «cuidados filiaes e fraternaes me desviaram de
 «pensar mais em tal. Minha mãe, pouco antes de
 «expirar, recommendava-me que supprisse, quan-
 «to pudesse, a sua falta para com minha irmã,
 «muito mais nova do que eu, e para com meu
 «irmão, a quem Deus recusára entendimento.
 «Quando leio a descripção que Silvio Pellico faz
 «da sua familia e dos seus primeiros annos, en-
 «terneço-me; podia dizer o mesmo dos meus, ex-
 «cepto de meu pobre irmão, que não tem impu-
 «tação dos males que tem causado... Os maiores
 «foram a si mesmo. O seu futuro me assusta!...

«Quer que lhe falle ainda mais a meu res-
 «peito, meu caro curioso? Não vale muito a pena,
 «mas eu gosto de conversar com quem me escuta
 «bondosamente; dizem que é pecha de quem vive
 «solitario. Desde que fui viver no campo tomei
 «o habito de não estar um momento ociosa; e
 «assim conseguí passar o tempo satisfeita, quan-
 «do não tinha magoas. Os males physicos não
 «tinham licença de me entristecerem. Quando es-

deixando só em troca a prostração immensa do viajor, que
 ao cabo de longo e difficil caminho, despedaçado de fadiga,
 só almeja descansar para sempre á sombra da benigna cruz!

«tava só, lia e escrevia mais do que trabalhava; e, se estava com alguém de confiança, cozia ou bordava, de sorte que pareceria impostura a minha actividade em trabalhos feminis. (Ainda hoje me succede o mesmo). Meu bom pae me dizia muitas vezes, rindo, que eu tinha algum demonio buliçoso que me não deixava no *dolce afare niente*; outras me dizia, serio, parecendo-lhe que o trabalho me fatigaria: — Tens trabalhado bastante na tua vida, chega o tempo de te dares ao descanso.

«Os dias, e sobretudo os serões, que passo mais gostosa, são aquelles em que esteu com amigos a conversar e a ler, ou mesmo só com minha irmã; eu a trabalhar, e ella a ler. Eu descrevi só as tempestades da minha existencia; o tempo bonançoso era uniforme e monotono. Ler, escrever, trabalhar, eis o que enche essas lacunas.

«Para escrever necessito de socego; e por isso nunca trabalho com mais prazer do que á noite, depois que toda a familia está recolhida, e sobre tudo me é mister a paz de espirito. Sempre que desgostos de familia, ou cuidados domesticos, me perturbam, descansa-me a penna. Muito tenho eu hoje palrado n'esta carta sobre nada, ou a proposito de bem pequena cousa. A culpa é mais sua que minha; não me desse corda. De mais, peguei em uma folha de papel de formato grande, e sou como aquelles que ao separarem-se dizem adeus em quanto a distancia o per-

«mitte. Não sou como o D. Basilio do Barbeiro
 «de Sevilha; não torno atraz para dizer *buona*
 «*sera*; mas em quanto estou á falla, aproveito o
 «tempo, isto é, quasi nunca pego em segunda fo-
 «lha de papel. De sorte que, bem pensado, não
 «sou eu que governo o tamanho das minhas car-
 «tas, segundo o que tenho para dizer, é o papel
 «que governa. Isto succede só com as cartas que
 «escrevo a pessoas com quem me entretenho a
 «pallar o que me vem ao bico da penna.

«Mas deveras, deveras, sempre quer o cata-
 «logo dos meus romances e contos? elle ahí vai:

«No *Archivo Rural* saíram (ainda engeitadas)
 «umas cousas em rima, a que chamei chacaras,
 «e que foram:

«*Bernardo del Carpio—Erico e Batilde—*
 «*Jacques I—*Chamei-lhe Jacques; devêra cha-
 «mar-lhe Thiago, a não lhe dar o nome inglez—
 «*Chacara, sem nome—Um cavalleiro portuguez—*
 «*A moira de Lissibona.*—E os pequenos roman-
 «ces:—*Historia de Adelaide—A falta de uma*
 «*mãe—Longuinhos—Zulima ou a cruz de ouro—*
 «*e Ricardo e Margarida.* Isto foi nos annos de
 «42 e 43. Em 1848 sahiu no *Periodico dos Pobres,*
 «do Porto:—*Roberta,* romance um pouco mais
 «crescido, e que hoje me desgosta a mim mesma
 «pela pessima linguagem; mas que me agrada n'al-
 «guns passos, a que eu acho graça. Depois dei com
 «o meu nome, ou iniciaes, em diversos periodicos,
 «os seguintes romances, alguns muitos pequenos:
 «—*O amor missionario—Vinganças de vingan-*

«ças — *Uma historia contada a tempo* — *Egoismo*
 «*com capa de amor* — *O Tutor de Virginia* —
 «*Uma boa filha é a alegria de uma boa mãe* —
 «*Uma vida amargurada* — *O cavalleiro do cruza-*
 «*do novo, e o cavalleiro do botão de rosa* — *O Jo-*
 «*gador* — *O Magnetismo* — *O homem dos prover-*
 «*bios* — *Fatalidade* — *Carolina* — *Consequencia de*
 «*um mau passo* — *Amarilis no campo* — *Sala de*
 «*visitas e pavorosa saida* — *Os phantasmas* — *Tes-*
 «*tamentos vocaes* — seguimento do antecedente —
 «*Aristocracias diversas ou o genro desejado* —
 «*Providencias de Alvaro, e incurias de seu irmão*
 «— *Os sobrinhos da tia Brigida* — *Passados qua-*
 «*tro annos: Seguimento do antecedente que se não*
 «*acabou por morrer o periodico.*

— «Em 1850 houve um periodico litterario no
 «Porto intitulado: *Pirata*. Dei n'elle dous ro-
 «mances: — *Henriqueta* — que a mim (!!!) me ar-
 «rancou lagrimas — *Inconstancia involuntaria*,
 «pequeno romance. No *Iris* do Rio de Janeiro
 «sahiu: — *Pepa* — e o principio do — *Rhadamanto*.
 «— Tenho queimado (sem exageração) mais de
 «duas duzias de romances que não prestavam
 «para nada, e que só tinha escripto para me di-
 «vertir. Alguns outros tenho que mereciam a
 «mesma sorte; mas minha irmã tem mettido em
 «bargos ao auto de fé. Cousas de mais vulto não
 «as escrevo. Os meus vãos são rasteiros; de ro-
 «mances não passo. Por uma só razão é que não
 «sou totalmente desconhecida; é por serem raras,
 «entre nós, senhoras que escrevam bem ou mal.

«Se eu tivesse a possibilidade de mandar imprimir os melhores dos meus romances, fal-o-ia; mas não é possível, ao menos por ora; e não tenho no Porto quem se queira arriscar a perder o seu dinheiro sem honra nem proveito.

«Em poesia sou eu uma profana; não fui iniciada na maçonaria poetica. Só o ouvido me diz aquillo que me agrada. Eu tenho pesar de não ter o condão de fazer versos. E' um condão raro; consolo-me com isso. Admiro a paciencia de algumas pessoas. Se todas fossem como eu, não se fariam trabalhos de primor em que fosse preciso gastar a paciencia de um santo; sobre tudo em tempo de calma, como este.»

V

Terminando aqui o esboço biographico-litterario de D. Maria Peregrina de Souza, fica-me licito dizer, sem taxa de fatuidade, que doei aos leitores uma serie de formosas paginas, que hão-de ser relidas por todos, como ainda hoje o é a chistosa e natural, noticiosa e affectiva, correspondencia da Marqueza de Sevigné.

A photographia e o buril não reproduziriam as feições da nossa illustre conterranea com a verdade e vida com que se retrataram, a sua bella alma, o seu espirito superior, o seu coração

excellente nas desambiciosas cartas suas, com cujos extractos compuz na quasi totalidade esta noticia.

Os apóstolos da educação e instrução do sexo feminino, os partidarios da graciosa simplicidade no escrever, e os amantes da pureza da lingua patria, todos me agradecerão, espero-o, por ter anteposto aqui sem annuencia nem previo conhecimento d'ella, a sua á minha penna. Possa ella perdoar-me esta inconfidencia e reler sem enfado estas suas conversações, que a mim só me peza não ter podido ampliar ainda muito mais.

Se a modestia da que eu expuz aos olhos do mundo me accusar, se não quizer para si esta corôa, se o é, deponha-a religiosamente no cypreste commum de sua mãe, pae e irmã, ultimamente fallecida.

Castilho.

ADVERTENCIA DO EDITOR

Julguei opportuna a inserção do presente opusculo, que tanto considera a auctora, por ser elaborado por um dos nossos vultos litterarios; e, em conclusão de sua honrosa biographia, cumpre-me dizer que succedendo o fallecimento de sua irmã

a 11 de abril de 1862, passou a viver na companhia de minhas primas, suas extremosas amigas, as exc.^{mas} snr.^{as} Leites, filhas do Conselheiro Francisco Fortunato Leite, juiz que foi muitos annos da Relação d'esta cidade, sendo promovido a juiz do Supremo Tribunal de Justiça na occasião da sua morte, que aconteceu a 27 de março de 1864, a quem a mesma senhora a recommen-
dou, quando se approximava o seu passamento.

Estas senhoras hão desempenhado dignamente tão melindrosa commissão; vivendo todas sob o mesmo tecto, representam ser filhas de um pae commum; reina entre ellas a maior harmonia; se uma das tres pratica uma acção magnanima, nenhuma das duas é menos generosa; as ideias e vontade de uma, são a vontade e as ideias das outras; assim conformes, parece nutrirem egual sentir!

Eu, que vivo n'esta cidade por causa de um filho, cuja educação acompanho, vou algumas vezes a casa das dietas minhas primas, com quem a auctora vive, impellido pelo sincero desejo de presenciar da amizade a mais commovente scena... Para elevar ao maior auge a sua felicidade, veio com a sua companhia saborear as delicias d'esta convivencia seu unico e carinhoso irmão o exc.^{mo} snr. Conselheiro Francisco Germano Leite, que estando juiz na Relação dos Açores, foi, em maio de 1874, transferido para a d'esta cidade.

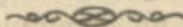
A auctora abandonou a composição de romances, e d'outras obras profanas, e hoje, toda

entregue a meditações religiosas, divide com mão occulta pelos desfavorecidos da fortuna uma parte de seus haveres; e, querendo testemunhar-me a sua amizade, consideração e estima, fez-me presente d'este romance para o imprimir por minha conta, só com a unica condição de eu publicar a carta, que inseri no principio, e de lhe dar um exemplar para do mesmo fazer presente ás referidas suas amigas.

Antonio Leite Cardozo Pereira de Mello.



HENRIQUETA

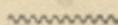


CAPITULO I

Qual é a primavera que nos indica o tempo que fará no outomno? E quem pôde saber no começo da vida o que o espera no resto?...

Ah! se uma mãe extremosa, que guia os primeiros passos de seu filho, pudesse ler no futuro, quantas vezes não desmaitaria de pasmo, ou morreria de afflicção?... Felizmente nos dotou a Providencia com duas imperfeições, que fazem toda a nossa felicidade n'este mundo: o esquecimento do passado, e a ignorancia do futuro.

Não pensava Henriqueta assim, e daria metade da sua riqueza para adivinhar o porvir.



Esta menina era formosa, boa, instruída e affavel. Seus paes não tinham mais filhos, e não pouparam despezas, nem canceiras para lhe darem boa e illustrada educação.

Ella tinha preenchido todos os desejos de seus affeioados paes. Ninguem a via e ouvia, que a não admirasse; ninguem a tratava, que a não amasse. Não ha porém alguem perfeito. Henriqueta tinha na alma semente venenosa, que, se a não destruísse antes de germinar, podia vir a dar péssimo fructo.

Era esta semente a vaidade, que lhe vinha de conhecer, que muito valia.

Tantas vezes lhe haviam feito saber, que tinha muitos dotes e merecimentos, que se julgou no fundo d'alma digna, de que todos os joelhos se curvassem diante d'ella. Não tinha o máo gosto de fazer ver, que era o idolo de si mesma, mas agasalhava com amor dentro no peito a crença, de que merecia adorações. Era o germen que havia naturalmente de originar muitos males.

Teve a formosa donzella muitos casa-



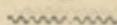
mentos, pelos *merecimentos* do seu dote, não dos seus dotes pessoases. Vivia na aldeia e de poucos era vista. Henrique de Moraes, seu pae, de todos os pretendentes extremou dois, mancebos de que lhe deram excellentes informações, e os nomeou a sua filha, para que escolhesse. Ella nunca os havia visto. Devia pôr o dedo ás cegas. Era o jogo do *par ou pernã*?

Para Henrique de Moraes parecia-lhe bastante saber, que os dois pretendentes eram ricos, de boas familias, e de bom porte. Para muitos paes seria esta ultima circumstancia *traste de luxo*.

Para Henriqueta não a satisfaziam, com razão, estas informações. Queria vel-os antes de se decidir; porém aquelle que viesse á sua presença ficava quasi escolhido. Seria grande a antipathia, que lhe ganhasse, para se resolver a rejeital-o depois.

— Tenho decidido, disse ella por fim; verei Julio de Castro: dizem que foi bom filho, e que é muito amavel. De Carlos da Silva tambem as informações são boas, mas pende a balança a favor de Julio.

Oito dias depois estava Henriqueta agi-



tada e anciosa. Seu bello e interessante rosto dava signaes de inquietação.

Tudo na quinta de Rivaes mostrava alvoroço e contentamento. Esperava-se o noivo da menina. Ainda que os criados não tinham *noticias officiaes* do que se tratava, *estavam em dia*.

Nada, ou pouco se occulta áquelles, que vivem debaixo das mesmas telhas que nos cobrem, que nos servem, e nos espiam.

Ouviu-se o trote d'alguns cavalloos. Todos os criados correram á porta, as criadas ás janellas.

Henriqueta estava com sua mãe e tremia. Entrou o pae e mais um mancebo, que apresentou dizendo:

—O snr. Julio de Castro.

E a este disse:

—Minha mulher e minha filha...

A donzella ficou satisfeita. Tinha o seu futuro esposo physionomia muito sympathica e agradavel; e ainda melhor lhe pareceu pelo ver ficar estatico diante d'ella, olhando-a com enlevo. Ella córou e abaixou os olhos.

Henrique de Moraes chegou-lhe cadei-

ra, e Julio saindo da sua distracção disse sorrindo:

— Peço perdão pela minha basbaquice. Imaginei que estava sonhando.

Conversou depois com muita amabilidade. Todos ficaram namorados d'elle, paes, filha e mesmo os criados, que elle brindou na passagem com muita generosidade.

Dentro em pouco fez-se o casamento.

Foram os noivos viver no Porto, mas faziam frequentes e demoradas visitas á quinta de Rivaes, que não ficava longe.

A lua de mel foi muito longa, durou dois annos. A paixão de Julio porém, que primeiro foi quasi um frenesi, foi dando logar a sentimentos mais brandos, ainda que sempre ternos.

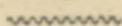
Se Henriqueta não tivera opinião tão elevada de seus encantos e merecimento, contentar-se-ia, e seria feliz com a affeição socegada e meiga de seu marido: mas tendo-o visto arrebatado de sua belleza, parecia-lhe mal vel-o só occupado de suas virtudes. Elle quiz trazel-a á razão, mas enganou-se no caminho. Em vez de condu-

zil-a com mimo e doçura a deixal-o vagar a seus negocios em liberdade e algumas vezes a distracções, que ella não partilha-va, tentou acostumar-a com rude franqueza a ir onde lhe parecia, ou era mister.

O genio de Henriqueta começou a aze-
dar-se. E não tomava ella o trabalho de
occultar seu desgosto. Julio se zangava e
mais se afastava de sua mulher. Ambos
começaram a lançar alicerces de um tem-
plo de infortunio.

CAPITULO II

Aos dias de paz e ventura seguiram-se
dias de guerra surda e de amargura. Hen-
riqueta tinha para si, que seu marido desde
que deixara de ser seu amante, havia to-
mado outros amores; e o fazia seguir por
toda a parte, espiava-o, consumia-o. Máo
plano para attrahir um marido!... Julio,
em retribuição, fugia-lhe cada vez mais. A
frieza d'elle se communicou ao coração da
esposa. Esta já o não amava, mas zelava-o
sempre. Se ás vezes se reprehendia a si



mesma pela pouca affeição que sentia por Julio, logo se desculpava pensando:

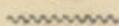
— Sou muito bôa por comparar a minha indifferença com a d'elle. Perco-lhe o affecto com razão, e fui abandonada sem motivo: os *escandalos apartam amor*.

Assim estes dous loucos se tornaram desgraçados reciprocamente; em vez de procurarem a ventura domestica, que ambos podiam e deviam gozar, tinham ao menos a prudencia de occultar aos olhos do publico seus desgostos particulares. Henriqueta não fazia pequeno sacrificio n'isso, principalmente quando alguém lhe gabava a amabilidade de seu marido, ou o seu bom porte.

Julio era menos infeliz que sua mulher, pois não tinha no coração o inferno dos zêlos, e se alguma cousa em casa o mortificava, sahia, e esquecia seu desgosto.

E' a vantagem que os homens teem. Se em casa não são felizes, o mundo que é uma especie de segunda familia para elles, (se ás vezes não é a primeira) os consola dos desgostos domesticos.

Henriqueta pois soffria mais, e tambem



o merecia, porque era mais culpada. Era ella sempre que encetava questões desagradaveis. Um dia lhe disse seu marido:

— A tua amiga Clementina andava fazendo compras na calçada dos Clerigos, e me disse contava hoje á noite contigo. Tem visitas.

— Irei, se tu fores—respondeu ella.

— Não posso acompanhar-te. Quero ir ao theatro. Ha peça nova.

Ella calou-se, mas ficou com ar descontente. Fingiu-se Julio desentendido, e agarrando seu filho, que corria pela casa, o beijou muitas vezes e disse a sua mulher:

— Muito se parece o nosso Augusto contigo! Tem os olhos mais lindos!..

Eu conheço a belleza dos meus pelos seus effeitos. Não ha supplicio igual para ti ao de vel-os uma hora no dia.

— Só se eu passasse a minha vida prezo a ti com uma grilhêta, é que te mostrarias satisfeita.

— N'isso creio que mostro ter-te affeição... Os laços que nos prendem ás pessoas que amamos, nunca nos parecem cadeias insupportaveis.



— Eu não chamei cadeias insuportáveis aos laços que nos prendem. Não invertas as minhas palavras.

— Como tomaste o recado para ti!.. Não te nomeei.

— Mas eu percebo-te.

— Bom é isso.

— Henriqueta, não sei que gosto tomas em nos tornar infelizes!..

— Bem sei que ha muito tempo te faço infeliz.

— Estás cada vez mais impertinente.

— E' com a idade. Ha um anno a esta parte envelheço todos os dias a teus olhos muitos annos.

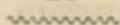
Julio pegou no chapeo, dizendo:

— Vir-me-á a ser impossivel passar alguns momentos com meus filhos!... Estás insuportavel!

E saiu zangado.

Henriqueta fechou a porta, para chorar á vontade.

Seu filho corria pelo aposento sobre uma bengala de seu pae. Até aquelle dia nunca o pequeno fez reparo nas lagrimas



de sua mãe; mas n'esta occasião olhava-a attentamente, e, vindo a ella, gritou:

—Mamã... mamã; não chore que lhe dou o meu cavallinho.

Henriqueta abraçou e beijou seu filho com a maior ternura e pensou:

—Preciso d'ora em diante guardar-me de Augusto. Não deve vir a presumir que tenho razões de queixa de seu pae.

O constrangimento em que se pôz por causa de seu filho, foi-lhe saudavel. E quando veio a noite resolveu ir a casa de Clementina. Podia saber d'ella se Julio passara só pela calçada dos Clerigos, e veria tambem se lá estava uma outra senhora, de quem mais zelava Julio, ou se ella iria ao theatro, como desconfiava.

Não estava lá. Fatal coincidencia, que mais azedou a espoza de Julio.

Clementina era a peor amiga que Henriqueta podia ter; porque tinha um porte regular; mas não amava a virtude tanto como devia. Nem a ella comtudo dizia a filha de Henrique de Moraes as suas tristezas; mas n'esta noite era tão infeliz, que ella as adivinhou, e lh'o disse.



—Não sei que tens! Que te mortifica?

—Nada. Doe-me a cabeça alguma coisa. Fiz mal em sair e retiro-me já para casa.

—Estás douda?! Se queres descansar, vai um pouco para o meu quarto. Não consinto, que te ausentes. Quando se não está bom, é que são as precisas distrações. Tomara eu saber o que se póde fazer sosinha em casa!... Faria rir, se tu, na tua idade te emparedavas! E tens muito geito para isso! E, olha, está aqui um amigo de meu marido que se iria deitar ao Douro, se tu fugisses já.

—E' muito natural.

—Fóra de graça, fizeste hoje uma conquista papa fina!

—Que estás a dizer?!

—A verdade. Ha um certo sujeito que morria de amores por ti antes de ver-te. Veio ao Porto a negocios, e protestou que não se iria sem conhecer-te. Mas tu... é preciso prometter uma missa ás almas para se alcançar a dita de encher-gar-te!

—Estás hoje muito divertida.

—Fallo sério. Tens um adorador, e vou apresentar-t'o.

—Fazes com que me retire immediatamente.

—Tens medo?!

E Clementina soltou uma risada.

—Não tenho medo; mas não devo comprometter a minha fama fallando com um louco.

—Não temas, que queira comprometter a tua reputação. Não sou eu tua amiga? Bem sei o que te fica bem e o que te fica mal. Nenhum risco corres em fallar com o amigo de meu marido. Elle não quer passar por teu amante; é-o sómente no fundo do coração. Não te espantes com tão pouco, e não debes dar-te por entendida de cousa que debes ignorar. As creancices é que compromettem o credito. Todos sabem que adoras teu marido, que, a fallar verdade, devia mostrar-se mais grato ao amor de uma esposa como tu; e acompanhar-te mais a miudo. Mas parece que gosta mais de andar por sua conta e risco... Leva-te poucas vezes ao theatro, e ha um seculo que ninguem te vê nos bailes.

—Não gosto de bailes.

—Se teu marido te levasse mais vezes,



havas de gostar. Permite-me que te diga uma coisa... bem sei que não tem remedio... mas sou muito franca. Porque não casastes antes com Carlos da Silva? Como elle te não faria feliz!

—Conheces Carlos da Silva?

—Se conheço?! E' o amigo de meu marido, em que te fallei.

—E elle está aqui?! Deixa-me retirar.

—Estás dicididamente douda! Que se diria, se tu saías a esta hora?... Não consinto que faças disparates. Essas parvoices é que muitas vezes compromettem a melhor fama. Que podes receiar? Creio que não tens medo de te namorares de Carlos. E teu marido não é zeloso. O mundo te conhece.

—Porém, se Carlos diz...

—O pobrezinho não diz nada que te desdoure. Antes de tu chegares estava n'um alvoroço... Quando te viu, ficou assombrado e murmurou a meu marido: — Que formosura! Nunca vi uma mulher assim.

Clementina detinha Henriqueta, que no fundo d'alma não tinha já desejos de se ausentar. Queria conhecer aquelle que rejeitara, e ao qual parecia tão bem. Não se



lembrava que Julio tambem ao vel-a a primeira vez ficara enlevado.

O marido de Clementina veio n'este momento apresentar o amigo á amiga de sua mulher.

Henriqueta o recebeu o mais natural que pôde, mas o coração batia-lhe a rebatete, como para advertil-a de que se aproximava inimigo, e era mister retirar a tempo. No entanto não tornou a esposa de Julio a fallar em ausentar-se. Carlos era tão amavel... e fazia-lhe a côrte com tanta delicadeza e modestia...

O mancebo occultava no fundo do coração a paixão, que o devorava, para *não espantar a caça* (em phrase de caçador) e ella sem o pensar, se deixava apanhar na rede. Quando se retirou ia melancolica e perturbada. Pela primeira vez sentia desprazer de achar já em casa seu marido; e tambem pela primeira vez, desde muito, não lhe deu piques pelas pessoas que elle veria. O pobre Julio se regosijava de ver sua mulher docil e boa; e ella tinha a culpavel loucura de comparal-o em segredo a Carlos, e de achar este superior ao outro.



—Fui injusta! pensava ella suspirando. E a razão não lhe dizia que, se fôra injusta quando rejeitara Carlos, era agora criminosa em preferil-o.

CAPITULO III

Depois da fatal noite, em que a filha de Henrique de Moraes viu Carlos da Silva, encontrou-o muitas vezes, e mais e mais lhe parecia amavel e interessante, e cada vez menos temivel. Já não tinha difficuldade em sair sem seu marido, antes procurava pretextos para isso. A louca enganava-se a si mesma. Julgava-se no mesmo terreno, e adiantava-se a passos de gigante no caminho da perdição.

—Não amo Carlos, dizia comsigo, é por compaixão que o soffro. Se a sua conversação me agrada, o mesmo succede a Clementina. Se eu fosse solteira, poderia apaixonar-me por elle; mas no meu estado nada tenho a receiar.

Dizia ella isto para se illudir, mas no fundo do coração lhe bradava ha muito



uma voz que se acautelasse. Esta voz importuna foi desprezada, e a imprudente continuou a seguir seu gosto, frequentando cada vez mais a casa de Clementina, e todas as outras, onde encontrava Carlos.

E' mais perigosa para uma mulher uma amiga louca, que um amante apaixonado. Se Henriqueta não tivesse Clementina por amiga, talvez houvera arredado Carlos a tempo; mas as insinuações da amiga eram sempre em favor do amante, que *nada mais desejava senão adorar em segredo, e chorar o bem que perdera.*

Julio no entanto se applaudia de ter conduzido sua mulher aos termos, em que queria viver: saía e entrava sem que ella o mortificasse já. Ha muito precisava elle ir a Inglaterra, por causa de negocios; e como via sua esposa sem os malditos zelos, que tão tristes dias lhe deram antes, julgou a occasião propicia, e fallou n'isso a Henriqueta. Ella empallideceu; teve medo de ver-se só. Já ha muito que não fazia caricias a seu marido, porque não era importadora, mas n'esta occasião lançou-lhe os bra-

ços ao pescoço, e desfez-se em meiguices pedindo-lhe que a não abandonasse.

— Abandonar-te! minha Henriqueta, respondeu Julio, retribuindo-lhe suas caricias, abandonar-te! Antes morrer mil vezes. Mas deixar-te por alguns mezes, não é abandonar-te. Quando nos tornarmos a ver seremos outra vez noivos.

— Julio! bradou ella angustiada, não vás!... Ouço dizer que a mulher longe do marido é fraca... Tenho medo de ficar só.

Elle julgava serem estas expressões restos do genio zeloso de sua mulher, e lhe respondeu sorrindo:

— Ou só ou comigo é sempre forte a minha virtuosa esposa... Fio-me tanto em ti, Henriqueta, como em mim.

Ella cobriu o rosto com as mãos. Esteve quasi tentada a confessar a seu marido, que poderoso inimigo ameaçava a sua honra; mas seria destruir a felicidade do pae de seus filhos, e a paz domestica, e suscitar rixas entre seu marido e Carlos. Elles viam-se e tractavam-se com politica, mas não se amavam; e pouco bastaria, para que se tornassem inimigos declarados.

*



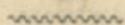
—Expulsarei a imagem de Carlos, pensou ella... Começa na verdade a interessarme demasiado! Evitarei tornar a vel-o. Irei passar algum tempo com meus paes, e farei com que elles obriguem Julio a não me deixar.

Tomando esta resolução disse a seu marido, que queria ir passar alguns dias a Rivaes. Julio adivinhou que ella queria ajudar-se da auctoridade dos paes para o não deixar partir. Dissimulou e lhe disse que sim; que o pae estava sempre a pedir sua neta, e a mãe, Augusto. Que iriam todos alegrar seus paes. E ria comsigo mesmo de que ella fosse adiante de seus desejos.

Tinha disposto a sua partida para muito breve, e estimava deixar a sua familia em companhia dos paes de Henriqueta.

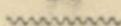
A tenção que sua esposa tomara de evitar Carlos, foi n'essa mesma occasião quebrada. Veio Clementina buscal-a para ir jantar com ella, e á noite ir ao theatro.

E ella foi!... Carlos era amigo da casa, acompanhou-as sempre. De manhã foram



passar ao jardim, jantaram todos, e á noite foi tambem com ellas ao theatro.

Já alguém murmurava de Clementina. A ella pareciam ser dirigidos os obsequios do mancebo. Henriqueta, ajudada por sua amiga, que gostava d'estas scenas de apparatusã sensibilidade, disse a Carlos que era preciso romper a relação d'amisade que os unia, pois, por innocente que fosse, podia parecer a alguém pouco conveniente. Carlos quiz reagir. Henriqueta persistiu, e Clementina sustentava que a sua amiga tinha razão, mas accrescentava logo com um suspiro:—E é pena, meus ricos amigos!... Tinheis nascido um para o outro. Se a minha amiga tivesse conhecido o snr. Carlos em solteira!... Mas tambem eu sou muito franca; porque não veio v. s.^a ver aquella que pretendia para esposã?... Agora soffra as consequencias do seu desleixo. E tu tambem, Henriqueta, porque rejeitaste o senhor Carlos, que tão bom porte tem tido sempre, e credito de que é um excellente cavalheiro?... Mas tudo isto vem fóra de tempo. Não ha remedio agora senão sujeitarem-se a viver longe um do outro.



Com estas e outras phrases, de sensibilidade affectada e de virtude forçada e manca aggravava o mal.

Carlos ficou, ao que parecia, em profunda melancolia o resto do dia. Henriqueta tambem triste e abatida; e a sua perigosa amiga espalhava entre os dois consolações e preceitos de virtude duvidosa.

A esposa de Julio recolheu-se a casa com a alma despedaçada de angustia. Pensava que tinha feito uma grande cousa!... E Carlos se retirou mais que consolado. Ia contente. Deu-lhe a certeza de ser amado com paixão a profunda magoa, com que Henriqueta lhe dissera que era preciso não tornarem a ver-se. Em taes casos o melhor remedio é poucos ajustes e declarações. A ausencia sem preleminares de despedidas vale mais que todas as razões e phrases de boas tenções.

Henriqueta foi para a quinta de seus paes com seus filhos e marido. Este voltou para a cidade promettendo regressar no dia seguinte. Não tornara a fallar na sua viagem, e Henriqueta quasi esquecera tal projecto. Ella não pensava senão em Carlos,



que julgava não tornaria a ver. Julio não tornou a Rivaes. Escreveu a dizer que graves negocios o detinham no Porto.

Henriqueta folgou com isso. A sua pesada melancolia daria que pensar a Julio; dos paes se occultava ella, mettendo-se pelos sitios mais reconditos da quinta, emquanto elles se entretinham com os pequenos. As cartas de Clementina ateavam aquelle incendio, que lhe ia dentro do peito. Cinco dias depois recebeu carta de seu marido e da sua pessima amiga. A d'esta foi lida primeiro. Vinha toda cheia do que dissera Carlos; até havia chegado a fallar em suicidio! Henriqueta chorou com desesperação. Ouvia os pés de seu pae, e se apressou a esconder a carta de Clementina, e a abrir a de Julio.

—Ah!... disse o pae ao vel-a, já sabes, que teu marido partiu para Inglaterra?... Mas não é preciso chorar assim. Elle prometteu-me que se não demoraria muito.

As lagrimas de Henriqueta seccaram-se. Ficou aterrada por um pedaço, mas foi-se animando, e quasi se alegrou de saber que estava livre por algum tempo. Seu



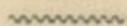
amante estava longe; ella estava com seus paes: que podia temer? Nada tinha na verdade que receiar, se antes não tivesse feito conhecer que a paixão d'elle achara echo em seu coração.

Pensou com satisfação que teria tempo para chorar e esquecer Carlos, enquanto Julio andava longe; mas não procurou esquecel-o, e só cuidou em choral-o.

Um dia, em que triste e abatida se embrenhava na mata da quinta, para se entregar a seus criminosos devaneios, viu vir para ella um homem em trajes aldeãos; quiz evital-o, mas elle correu e se precipitou a seus pés. Era Carlos.

A esposa de Julio mostrou encolerisar-se; mas elle a apazigoou com mil juramentos de lhe querer só dizer um adeus eterno. Protestava ao mesmo tempo uma paixão respeitosa, um amor sem esperança. Carlos ia partir para o Brasil, sem outro fim que fugir da terra em que vivia a unica mulher que o podia fazer feliz.

Ella lhe perdoou tanta ousadia com a condição de não tornar a procural-a. E retirou-se, ordenando-lhe que não a preten-



desse tornar a ver. Ordem sem força para aquelle que sabia ser amado, e conhecia a fraqueza e imprudencia d'ella!

Henriqueta fez mil planos para o futuro; e um d'elles (o mais rasoavel e bom) era de não se afastar mais de seus paes e seus filhos.

Depressa a fatigou, porém, o constrangimento. Fechava-se no seu quarto para chorar, e chorava muito. A voz da consciencia dizia-lhe, que tinha commettido muitos erros, e que estava em risco de os commetter muito maiores.

CAPITULO IV

O tempo corria muito agradavel para Henrique de Moraes e sua mulher, e para seus netos. Se alguma cousa contristava os primeiros, era verem, que sua filha andava triste, fugia d'elles, havia perdido suas bellas cores e o appetite. E quanto não se esforçava ainda Henriqueta para occultar suas penas e males!... Elles estavam persuadidos que as saudades de Julio é que

causavam a doença e tristeza d'ella; quão longe estavam de pensar que tudo nascia agora de remorsos!...

Henrique de Moraes escreveu a seu genro a pintar-lhe o estado de sua filha, para que elle abreviasse a sua volta.

Pouco tempo depois recebeu ella carta de seu marido. Córrou ao lél-a, depois fez-se pallida. Saíu de casa, correu pela quinta, como se quizesse fugir a si mesma; foi a um bosquezinho, arremessou-se sobre um banco e soluçou sem constrangimento. Um homem vestido de trabalhador correu alli e lhe disse com um tom de auctoridade, que não dizia com seu traje humilde:

— Isto passa das marcas!... Queres que os teus criados venham aqui e te achem n'esse estado? Que accrescimo de loucura tens hoje? Henriqueta, ganha juizo. Deitas-te a perder com taes excessos. Dize, porque choras! E' por me fazeres feliz?

— Cala-te, Carlos, bradou ella endireitando-se, e deixa-me. Hoje não posso soffrer teus discursos... Fizeste-me a mulher mais desgraçada do mundo!... Não me queixo... Tive a principal culpa do meu aviltamen-

to e desgraça... Mas deixa-me... deixa-me agora chorar e morrer de vergonha! Não me importunes! Parte d'esta terra!... Não me tornes a apparecer... é o unico favor que te peço.

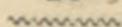
Carlos replicou com paixão e ternura:

—Que parta!... que te não torne a vêr! Ó minha Henriqueta! pede-me antes a morte. Perdoa-me tuas penas... Fiz-te desgraçada, porque me não amas. Se me amasses, lamentarias o nosso amor?

—Não te amo, Carlos?! Achas que te não amo? Por tua causa deshonnei e atraiçoei os melhores dos paes, os mais ternos e innocentes filhinhos, e um marido magnanimo e nobre; um marido...

—Um marido que ha oito mezes te deixou sem saudades, e que passa a vida alegre com alguma amante abjecta.

—Para desculpar nosso crime não calumniemos os ausentes. Não sei de Julio nada de mal, e ainda que o soubesse... já não tenho direito de ser zelosa. Oxalá que elle não pensasse mais em mim!... Lê esta carta, que acabo de receber... Oh! meu Deus!... Chama-me a sua virtuosa esposa!...



Lamenta os meus padecimentos... Vai deixar todos os seus negocios para vir viver comigo!... Lamenta a ambição que de mim o separou! Trabalhava para deixar nossos filhos mais ricos, mas diz que a felicidade está primeiro que a riqueza... A felicidade!... a felicidade!... morreu para nós.

E ella cobriu o rosto e chorou como desesperada.

Carlos pegara na carta, e sem a ler a rasgou em pedacinhos, amarfanhou-os, e os lançou longe. Depois lhe disse:

—Julio vai chegar. E' preciso que te occultes a suas vistas, Henriqueta.

—Oh!... bem o queria!... Carlos, chegou o tempo de me provares o teu amor... de me fazeres vêr que, se eu te sacrifiquei os meus deveres... deveres de filha... esposa e mãe... os deveres mais sagrados, não tenho ao menos empregado mal meu criminoso affecto, faz-me um sacrificio... (muito ligeiro em proporção do que eu te fiz) mata-me... mata-me e foge! Ainda debes ter aquelle punhal com que te quizeste suicidar á minha vista. Mata-me, Carlos, e eu abençoarei a mão que me ferir.

—Henriqueta... meu amor, estás em uma allucinação terrivel!... Socega, e escuta-me.

—Ah!... não!... estou em meu juizo. Allucinada estava eu quando perdi o direito de ser respeitada... quando me aviltei a meus olhos e aos teus.

—Aos meus és sempre um anjo. Não me peças que te mate. E' pedir impossiveis. Não teria animo, ainda que o quizesse.

—E tiveste animo para me tornares desgraçada!

—Fiz-te desgraçada porque te amava muito, e tu me amavas pouco. Se tu tivesses por mim a paixão que me inflamma, quanto não seriamos felizes!... Iriamos para a Bahia...

—Cuidas que eu teria animo para affrontar assim a opinião do mundo?

—Mudarias de nome; passarias por minha esposa, e sel-o-ias diante de Deus. O matrimonio que contraistes foi iniquo... foi sacrilego. Rompe-o. Deixa livre esse homem que te não merecia. Vem... vem comigo...



—Cala-te, Carlos!... Fazes-me horror! Deixar meus filhos!... meus paes!... Lançar sobre elles e sobre meu marido uma nodoa infamante! Deshonrar entes que devia honrar e fazer honrar!... Ai Jesus!... que digo? a deshonra é certa...

—Foge Henriqueta, foge de toda essa gente que te insultará porque tu tiveste um coração sensível. A honra ou deshonra são cousas que ás cegas applica o mundo como lhe parece. Muitos, dignos do patibulo, são estimados; outros, merecedores d'uma coroa, soffrem desprezos. Foge de quem te ha de desprezar porque foste mulher fraca, e não criminosa.

—Não... isso não! Fugir é augmentar meus erros.

—Terás animo para soffrer a colera de teu marido?... As reprehensões de teus paes?... As vistas dos teus criados?... O desprezo de toda essa gente selvagem que se regosijará de vêr sem prestigio a mulher que a opinião publica tinha sempre respeitado?... Vem comigo, serás a minha esposa... o meu anjo!... Estarás cercada de respeitos que mereces, e das minhas adora-



ções e amor. Ah! minha querida Henriqueta!... se não é por ti, e por mim, se te não importa a tua vergonha e a minha desesperação, ao menos por nosso filho, foge d'esta casa!... Vê que elles terão animo para deital-o á roda ou ao monturo!... para abafal-o!...

—Não acabes de matar-me... Deixame!... E' quasi noite.

—Adeus... até ámanhã. Pensa no que te disse. Além-mar nos espera... Vem ámanhã... Adeus. Ouço gente.

Carlos se retirou precipitadamente. Vinha um criado procurar Henriqueta.

CAPITULO V

Tudo se preparava em casa de Henrique de Moraes para uma festa de familia. Julio tinha chegado a Lisboa, não dissera o dia em que vinha, mas não estaria longe esse dia.

Todos andavam alegres, menos Henriqueta, que tinha immenso trabalho para



occultar sua desesperação. Era naturalmente franca e custava-lhe muitissimo dissimular. Precisava sorrir quando quizeria soltar gritos de angustia.

Recolheu-se um dia mais tarde que o costume de seu passeio solitario. As sombras que se estendiam sobre a natureza valeram para esconder a vermelhidão de seus olhos, e a angustia de suas vistas.

— Já estava para te mandar procurar, lhe disse seu pae, que passeava na sala com sua netinha ao collo.

— Tardei bastante... não sirvo senão para dar-lhes cuidados e tristezas, replicou ella com voz alterada.

— Que tens?.. Parece-me que estás mais incommodada.

— Não, meu querido pae. Creio que estou rouca; e doe-me a cabeça, mas estes incommodos de nada valem.

— Estás mais doente do que dizes. Apesar do gosto que tens, vaes sempre a peor. Teu marido póde ralhar-nos quando chegar. Deixamos-te muito senhora da tua vontade, e tu não trataste da saude como devias. Elle póde dizer que fomos máos de-



positarios, que não és a mesma, que eras, que já te não quer.

Este gracejo de Henrique de Moraes era um agudo punhal para o coração da mulher culpada, que estava dizendo comsigo:

—Terrível verdade diz meu pae, sem o saber!...

E disse depois o melhor que pôde:

—Meu pae, dá licença que eu vá amanhã ao Porto a casa de Julio? (Já se não atrevia a dizer: *a minha casa.*) Tinha alguns arranjos a fazer alli.

—Essa é boa!.. Estás emancipada. Mas se queres escutar os meus conselhos, os arranjos a que tens de attender primeiro, é de te tratar. Cuida da tua saude. Vaes ao Porto, falla com o teu medico.

—Sim, meu bom pae.

Elle continuava a passear com a menina, e proseguiu dizendo:

—Estimo que venha teu marido, porque me davas muito cuidado, e porque tambem o amo como filho, e terei muito gosto de o vêr; mas quando penso que me vão ser roubados meus netos... Hei de pedir-lhe que me deixe um d'elles. Vós podeis con-

tentar-vos com um, enquanto não tiverdes mais.

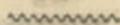
Henriqueta passou a mão pela testa, e disfarçando seu abalo, replicou:

—Quer ficar com Virginia, não é assim?

—Com Virginia ou Augusto, não escolho, bem que este amorzinho me encante. E tua mãe é doida pelo pequeno.

—Elles são muito felizes por terem tão bons protectores!.. Não sabe, meu rico pae, quanto isto me consola.

—Que dizes?.. Consolar-te de que? Dúvidas ainda que teu marido esteja a chegar?.. E' preciso, minha filha, que não sejas tão exigente. Um homem não póde estar sempre agarrado á saia de sua mulher. Mas, como tenho visto o mal que te fez a ausencia de Julio, hei de pedir-lhe que te não deixe mais. Na minha ultima carta já eu lhe dizia que mais vale viver contente e feliz que possuir grossos cabedaes: e a resposta d'elle approvava o que eu lhe dissera, e assegurava-me que ía viver só para sua virtuosa esposa e seus innocentes filhos; que ía deixar-se do seu commercio de vinhos. Estás satisfeita?



— Sim, meu pae... respondeu ella, for-
cejando por suster suas lagrimas e suspiros.
Depois approximou-se d'elle, dizendo-lhe
com meiga tristeza:— Meu querido pae, dei-
xe-me beijar Virginia, e abençõe-me... Quero
ir deitar-me, por me doer a cabeça... e quero
levantar-me cedo.

A pobre Henriqueta beijou sua filhinha
com sofreguidão e lhe inundou o rosto de
lagrimas, abraçou seu pae e lhe beijou a
mão. Elle lhe afagou as faces, dizendo:

— Deus te abençõe. Choras!..

— Choro tanto de ternura e alegria,
como de tristeza... O amor que o pae tem a
meus filhos...

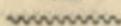
— Está bom... Chorar de tristeza ou de
ternura deve augmentar-te as dôres de ca-
beça.

— Tem razão... Adeus, meu pae.

E saiu precipitada. No corredor encon-
trou sua mãe, de quem se despediu. Alli
estava já muito escuro, e suas lagrimas não
foram vistas.

Vinha um criado com luz e ella se apres-
sou a deixar sua mãe.

Chegando ao quarto arrancou os cabel-



los com desesperação, e correndo para o leito se arremessou n'elle estorcendo-se, e ferrando nos lençoes para abafar seus gritos. Uma criada entrou com luz.

— Põe essa luz longe, balbuciou ella: doe-me a cabeça.

— O snr. Henrique e a senhora, mandam perguntar se quer tomar alguma cousa, disse a criada.

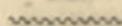
— Não quero nada, Rosa.

— A senhora disse que vinha logo cá vê-la.

— Que não venha... que não venha. Ella custa-lhe andar depois da queda que deu; e eu do que preciso é de socego. Vou dormir... mas queria antes beijar meu filho. A'manhã partirei muito cedo para o Porto. Vai-o buscar. Mas... olha uma cousa. Eu espero voltar ámanhã, mas... quem sabe? Posso ter occupaões que me demorem. Toma conta em meus filhos... e trata minha mãe como agora. Tu és uma boa rapariga.

— O' snr.^a D. Henriqueta!.. quem póde ser máo n'esta casa?..

— Tens razão... só uma pessoa como...



como ha algumas, podia aqui ser má. Vai buscar meu filho.

Rosa foi buscar o menino, e voltou logo com elle.

Henriqueta tinha-se erguido do leito; estava sentada longe da luz, e disse á criada:

— Deixa aqui um pouco Augusto. Vem buscal-o logo.

Rosa saíu. Henriqueta fechou a porta e pegando em seu filho nos braços tornou a sentar-se. As lagrimas lhe corriam em fio, contemplando o bello rostinho do pequeno, e o comia de beijos.

— Que tem mamã?.. disse a creança lançando os bracinhos ao pescoço d'ella. Está a chorar?.. Mordeu-lhe alguma vespa? Tambem mordeu uma na menina, e ella chorou tanto!.. (coitadinha!..) mas eu hei de matal-as todas... todas! A avó diz que se podem matar, porque não fazem mel como as abelhas.

— Segue sempre os conselhos de teus avós... e dá-lhes muitos abraços e beijos, dizia Henriqueta suffocada em chôro, e apertando seu filho ao coração. Faze-lhes sem-

pre a vontade... e sê muito amiguinho de tua irmã, e... e... Queria dizer-lhe mais, porém os soluços lhe embargaram a voz.

— E porque chora mamã?..

— Porque... tenciono ir ámanhã ao Porto, e... estou com dôres de cabeça; mas vou-me deitar, e ámanhã levantar-me-ei bôa.

E forcejou por suffocar o pranto, e continuou:

— Obedece sempre a teus avós e... a teu pae... para que elle te perdôe... quando fizeres alguma cousa que lhe não agrade.

— Sim, mamã. Elle ha de me trazer um cavallinho de Inglaterra!..

— Não debes esperar que elle te traga nada. Andam a metter-te tolices na cabeça. Tomáras tu que elle te trouxesse o seu amor... e t'o conservasse sempre.

— Não se agonie commigo, mamã. Beije-me e chame-me o seu *Nini*, que eu hei de ser sempre bonito, e não hei de tornar a fallar no cavallinho que o papá me ha de trazer.

Henriqueta cobriu seu filho de beijos e lagrimas.

— Torna a chorar, mamã?..



E o pequeno poz-se tambem a chorar.

— Já te causo penas, meu filho?.. Perdoa-me... não chores... não chores, meu *Nini*, olha... estou já melhor... já não choro. Pede a Deus, quando te deitares, por mim...

Pede-lhe que nos tornemos a vêr... no céu, accrescentou mentalmente.

— Leve-me comsigo, mamã. Leve-me comsigo e não chore.

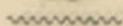
— Oxalá que pudesse!.. Mas não!.. Deus me livre!.. Tua avó ficaria muito triste, se a deixavas, meu filhinho.

— Pois então não ha de chorar mais, não?..

— Não, meu filho, não choro mais. E se fores bom... nunca mais me has de vêr triste. Mas não digas a pinguem que me vistes chorar. Se tua avó o sabia, chorava tambem, e não a devemos affligir. Deves fazer sempre por lhe dar alegria. Ama-a sempre muito e ao avô. Faze-lhes muitas meiguices e a teu pae, para... que elle seja teu amigo.

— Assim, mamã?

E elle acariciava as faces de sua mãe.



Ella fechou um momento os olhos, depois continuou, beijando-o:

— Sim, meu adorado filho? E sê muito bom para tua irmã. Ella (pobrezinha!..) chegará a tempo em que talvez ninguem a ame. Seu avô não é novo, sua avó padece... mas tu has de amal-a e protegel-a.

— Sim, mamã. Não irei no carro do cazeiro, antes hei de ficar sempre a brincâr com ella; e hei de matar as vespas todas, para que lhe não ferrem.

— Sim, meu filhinho. Sê o seu protector. Defende-a sempre...

A criada forcejava por abrir a porta, julgando-a cerrada. Henriqueta foi-a abrir com seu filho nos braços, e dando-lhe um ultimo beijo, o poz no chão para ir com a criada, e ficou á porta emquanto o avistou; depois entrou e debruçou-se no leito pensando:

— E' para sempre!.. para sempre!.. Nunca mais o verei... nem a Virginia... nem a meus paes!.. nem... nem a todos os que tenho amado em tempos felizes!..

Quando a criada tornou, achou-a deitada; parecia dormir. Saiu succintamente.



A infeliz não fechou os olhos senão para não vê o reflexo da luz da lamparina. A cabeça lhe doía horrivelmente.

No dia seguinte foi para o Porto, e de lá escreveu a seus paes, dizendo que sabia que seu marido vinha por terra, e que ía ao seu encontro, e mettendo-se n'uma sege partiu de casa, seguida por um criado que tinha ha pouco. Julio chegou n'um vapor, e dizendo-se-lhe que sua mulher fôra por terra ao seu encontro, se affligiu e admirou de tal disparate. Subiu ao seu quarto para descansar, e achou a seguinte carta:

«Não te escrevo para pedir-te perdão da deshonra que te lego e a nossos filhos... sei que o não mereço. As reprehensões que me faz a consciencia não são menores que as que tu estás em direito de fazeres á minha memoria. Deixo-te para ser desgraçada. Não poderia encarar-te!.. Ah!.. Julio!.. que não herdem nossos filhos o odio que terás com justiça á mãe. Elles são innocentes. E bem tenrinhos ficam abandonados de sua criminosa mãe!.. Adeus, Julio... fiz a tua desgraça e a minha!.. Se ou sasse, te pediria que me perdoasses na hora



da morte... mas sou indigna de todo o perdão!.. odeia-me... Esquece-me!.. e ama Augusto e Virginia, e meus pobres paes. Adeus até o dia tremendo, em que tão espantosas contas tenho de dar... Adeus.»

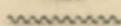
Narrar o desesperado frenesi de Julio é impossivel.

Por felicidade estava só, e pôde dar livre curso á sua angustia sem testemunhas. Quando teve valor para senhorear suas sensações, montou a cavallo e partiu em seguimento de sua criminosa esposa; passados dias voltou e procurou occultar ao mundo sua deshonra e a de seus filhos.

Deixaremos porém os trahidos para seguir a traidora.

CAPITULO VI

Henriqueta chegou á Bahia com Carlos, e lá passou por sua esposa. Se não fossem os remorsos e as saudades poderia ella ser feliz no primeiro anno em que foi rodeada de attenções pelo seu amante; mas



apenas este saía de casa, ella ía á janella d'onde via o mar, e chorava amargamente.

Como queria viver muito retirada, Carlos estava com ella n'uma quinta, e nos primeiros tempos só ía á cidade, quando a necessidade o forçava a isso; porém a sua paixão foi esfriando, e os pretextos começaram a ser frequentes para deixal-a. Henriqueta não se queixava. Tinha deixado de ser zelosa. Até ás vezes o via sair com prazer, para poder entregar-se a seus negros pesares. A criminosá infeliz não era a mesma, nem no physico, nem no moral. Seu rosto se defecava e emmurchecia, seu character se purificava no crisol da infelicidade. No coração e alma era mais virtuosa, para assim dizer, do que no tempo em que o seu porte era bom; pois odiava o crime mais que nunca; e, se não fôra um filho que tinha de Carlos, tel-o-ia deixado, ou antes não o teria seguido. Mas o pequeno Eduardo não era bem visto de seu pae. Era feio, doente, e lhe recordava uma culpa, que tão más consequencias tivera. A mãe era mãe. Amava o pequeno e se compadecia d'elle. E não se atrevia a deixal-o ao pae, temendo

que o abandonasse, nem a leval-o comsigo para morrer de miseria.

Estava ella um dia com seu filho nos braços, e derramava lagrimas, lembrando-se dos filhos que não tornaria a ver. Ouviu cavallos. Devia ser o pae de Eduardo; enxugou os olhos e procurou aparentar socego. Carlos entrou com um amigo; unica pessoa a quem ella tinha consentido vêr, para satisfazer Carlos.

— Emilia, disse Carlos, (ella havia tomado este nome) faze favor de entregar o pequeno a uma negra. Não posso ouvil-o rabujar. Tenho-te pedido muita vez que não estejas com elle ao collo; isso faz-te mal.

Henriqueta entregou, suspirando, a criança a uma escrava. Rodrigo, o amigo de Carlos, disse a este:

— Não ha casa, que eu goste de frequentar como a tua. Além do favor que me fazem em me tratarem com amizade, sinto uma verdadeira ventura ao vêr tanta paz e ordem, e tanta doçura para os negros. A snr.^a D. Emilia é um anjo. Bella, amavel, boa, virtuosa!.. Se eu soubesse que achava uma esposa assim, casava-me já.



Henriqueta córou e descórou. Carlos fingiu rir e replicou para que mudasse a conversa:

— Casa depressa. Quero dançar-te na bôda. Mas já que fallei em dançar... Conta-me cá; foste hontem feliz? Que tal esteve o baile? Não me disseste ainda nada d'elle.

— Oh!.. diverti-me muito!.. Eu bem queria, que fosses com a senhora. Succedeu lá um caso de summa pilheria. João Felizardo tinha trazido de Inglaterra uma linda moça, que nos impingiu por sua mulher.

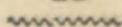
— Ora!.. Todos sabem isso!

— Tu sim, mas a senhora não. Ella não falla com ninguem; vive só para seu marido e seu filho. Se todas as mulheres cumprissem assim os seus deveres...

— Conta-nos como fôï o baile.

— João Felizardo apresentou-se lá com a sua ingleza. Nós estavamos prevenidos, e os pozemos no meio da rua. Se visses como elles gramaram a affronta... Fazia estalar de riso!.. Foi muito bem empregado!.. Queerer-se igualar com senhoras honradas uma aventureira!..

Carlos, abatido e desanimado, não tinha

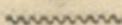


tido força de tornar a interromper o amigo, bem que adivinhasse o que estava soffrendo a sua cumplice; pois, sempre que o fizera, tirára máo resultado. Henriqueta havia encerrado no fundo d'alma os trances dolorosos porque estava passando. A' ultima phrase porém de Rodrigo não pôde mais; levantou-se para sair; mas a vista lhe faltou e baqueou em terra. Os dous amigos a levantaram, e Carlos, para disfarce, lamentou que Emilia fosse sujeita a desmaios.

Duas escravas levaram a senhora para o leito, e a fizeram tornar a si.

N'esta occasião sentiu Carlos immensa compaixão pela mulher, que desgraçára, e, se podesse, lhe restituiria a paz e ventura, que lhe roubára, á custa de todos os seus haveres. Tarde lhe chegavam idéas generosas!.. A infeliz estava votada a uma vida de ignominia e remorsos.

Toda a noite esteve Henriqueta em terribes agitações. Só de manhã adormeceu. Carlos saiu então. Ao voltar achou-a mais socegada; mas, apenas se viu com elle, tendo uma negra saído com Eduardo, exclamou apertando as mãos convulsas ao peito:



—Ah!.. meu Deus!.. se aquella desgraça nos succedia a nós!

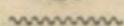
—Socega, disse elle acercando-se compassivo, socega, minha querida Emilia. Ninguem duvida que és minha esposa. Todos te respeitam e amam.

—Sim!.. sei enganar melhor o publico que essa pobre ingleza!.. que recebeu todos os insultos, que eu devia participar. Por mais criminosa que ella seja, não o póde ser tanto como eu... e comtudo só tu sabes quanto sou infame... Perdôa-me, Carlos... perdôa-me por ter sido tão fraca.

—Emilia... Deixemos este assumpto. Quiz hoje comprar-te um bello mulato, para te acompanhar, quando saisses.

—Por piedade não me dêes mais d'esses infelizes.

—Se tu chamas infelizes os negros que tratas como filhos, que chamarás a alguns que eu hoje vi?.. Um deixou-me horrorsado!.. Estava em uma loja humida, nú, prezo a um cepo, e ás escuras. Disse-me o senhor, que m'o foi mostrar, que elle tinha a côr esbranquiçada por estar ha tempos alli de castigo, a jejuar a pão e agua, e a



levar açoites todos os dias, não porque fosse doente... Ah! estás tu a chorar!..

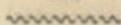
—Carlos, se te deve alguns cuidados o meu socego, vai... compra-me esse desgraçado.

—Quiz compral-o, por me fazer muita compaixão, e vel-o estender-me as mãos em ar de supplica. O senhor dava-m'ó muito barato, mas disse-me que não queria enganar ninguem, que o negro tinha um genio feroz, que estivera para matal-o com um machado. Antes te comprarei o mulato em que te fallei.

—Não, não!.. Compra-me o negro, que está em castigo. Mas has de me fazer mais um favor, compra-o com o preço de umas joias que trouxe de Portugal.

—Ah, Henriqueta!.. Não te pedi tanto que não trouxesses nada da casa de Ju...

—Cala-te!.. não pronuncies o seu nome!.. Faz-me um mal terrivel ouvil-o da tua bôca. As joias que trouxe foram aquellas que meus paes me deram antes de casar; e só vieram commigo como lembranças da minha vida innocente e pura. Quero vendel-as todas, se fôr preciso, e comprar esse desgraçado com



o meu dinheiro. Essa boa acção me dará muita consolação, e talvez proveito.

— Já fazes distincção do que é meu e teu?.. Guarda as tuas lembranças. Quero dar-te eu o negro. E' muito barato. Deus queira que não venha dar-te desgostos.

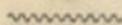
Henriqueta insistiu, que queria comprar-o com dinheiro seu. Depois de breve debate elle cedeu. Tinha conseguido seu intento, que era distrahir-a de seus remorsos.

No dia seguinte foi Carlos á cidade, e voltou com o negro vestido de novo, e apondo-lhe para Henriqueta, lhe disse:

— José, alli está a tua senhora, que te comprou com dinheiro do seu bolsinho. Vê como te portas!.. Ella quiz-te livrar dos castigos que estavas soffrendo; vê se és ingrato.

O negro tinha-se arrojado aos pés d'ella, e lh'os beijava soffocado em choro.

Foi este o dia mais feliz da vida errada de Henriqueta, ou de maior consolação; porque felicidade não a ha onde existe o remorso.



CAPITULO VII

Passaram-se perto de dous annos sem grande novidade no viver de Henriqueta. Só ella tinha mais vagar de chorar suas culpas na solidão. Carlos mais e mais se afastava d'ella. Parecia que lhe pesava a sua companhia.

A misera nem agora tinha a criminosa satisfação de crêr que havia sacrificado a honra, a patria, a familia, os seus deveres e todas as suas alegrias a um amante fiel: ella conhecia bem que só a commiserção e a vergonha obrigava Carlos a tratá-la ainda como sua mulher.

—Se não fôra Eduardo, pensava ella, se não fôra meu pobre filho, dispensaria Carlos d'este martyrio, fugindo, fosse para onde fosse. O' meu Deus!.. que aviltamento o meu!.. Vivér á custa de um homem que me perdeu... e que me despreza!.. Mas onde posso ir com meu filho?.. Como o poderei sustentar?.. Desacostumei-me de tal sorte de trabalhar... Apenas sei chorar.

Os mimos de Eduardo enterneciam a



infeliz, e lhe retalhavam a alma, por elle ser filho de um crime, e porque d'aquella idade fôra por ella abandonado Augustinho. Os pequenos eram muito differentes porém. Augustinho aos quatro annos era bello, forte, atrevido e cheio de graciosa ignorancia, e de innocencia. Eduardo não era bonito, nem forte. Sua alma era bella, seu espirito perspicaz, mas sua timidez não o deixava mostrar o que valia. Seu pae o tinha por estúpido e parvo e não o amava. O menino o temia. Todo o seu affecto se empregava em sua mãe e José.

Este negro queria adivinhar-lhe as vontades, para agradar a sua senhora.

Um dia passeava José com a creança e desviou-se um pouco para apanhar-lhe laranjas; ouviu um grito; volta-se e vê um grande mono, levando o menino. Corre após elle, mas o macaco pula sobre as séves, trepa ás arvores, transpõe collinas, levando sempre a sua presa, que bradava por José continuamente. O negro perseguia-o com actividade. O mono, seguido de perto, endireitou por uma ladeira abaixo, porque não tinha por onde se safar; mas mostrava



muita inquietação; é porque no fim estava um rio e elle não podia tomar á direita, nem á esquerda. Chegando á borda do rio o manhoso animal atirou á agua a creança e trepou para uma arvore, tendo por certo que o negro o deixaria para acudir ao menino e assim foi. José se atirou ao rio, ainda que estivesse alagado em suor, e salvou o filho da sua bemfeitora.

Com o susto e com o banho estiveram ambos muito doentes; particularmente José, que esteve á morte. Quando Henriqueta viu o negro são, lhe disse, que já que outro bem lhe não podia dar em remuneração dos seus serviços, lhe dava a liberdade. Em vez da alegria que todo o escravo sente ao ver-se liberto, José mostrou no rosto intenso dor.

—Que tens, José? lhe perguntou ella admirada. Não entendeste o que te disse? E's agora senhor das tuas acções. Recommendo-te, que enfreies sempre a tua colera. Os homens livres precisam tambem subjugar suas paixões.

José se lançou de joelhos, bradando:

—O negro querer ser escravo de minha



senhora... Não querer nunca deixar minha senhora!...

—Meu bom José, tens-me então muita afeição?

—Sim... sim... minha senhora.

Pois estarás commigo enquanto quizeres; mas és livre.

José beijou os pés de sua senhora, agradecendo-lhe, não a liberdade, mas o deixo viver com ella como escravo.

Quando elle saiu, bradou Henriqueta com as lagrimas a correr pelas faces:

—E os brancos desprezam os negros!.. Ai de mim!.. só o coração d'este grato negro me resta!.. Ninguem mais me ama!

—E eu, mãe?.. e eu, disse Eduardo, que assentado n'um cantinho do sofá tinha estado calado e attento.

A mãe tomou-o nos braços e o cobriu de beijos. A discrição prematura d'esta creança era cousa pasmosa. Conversava com sua mãe com muito juizo, e raras vezes brincava. Era triste. A melancolia da mãe e o desamor do pae o tinham tornado assim.

—Mãe, disse elle, o senhor Rodrigo disse-me que os negros são assim, para se

não sujarem e nos servirem: isso póde ser?..

— Não, meu filho; o snr. Rodrigo disse-te isso por graça.

— Mas é tão feio mentir!.. O Senhor não quer que se minta.

— E' verdade... hei de ralhar ao snr. Rodrigo.

— Mãe, por que quer José ser negro?.. A mãe queria que elle fosse branco.

— Não, Eduardo, eu não podia querer o que Deus não quiz. Elle nasceu negro, e assim ha de morrer; mas escravo é que não nasceu. Quando cresceres havemos de fallar sobre isto mais a fundo.

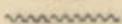
— Eu queria ser muito grande... como o pae e o snr. Rodrigo, para conversar com a mãe, e entender tudo que me dissesse.

— Mas então não te terei ao collo como agora.

— Isso é verdade!.. e é tão bom estar assim.

— Então porque foges dos meus braços a todos os momentos?

— Para a não incomodar. O pae diz, que lhe faz mal pegar em mim.



—O' meu rico filho!.. a unica cousa que me faz bem e me consola é ter-te em meus braços.

—Ah!.. Ouço a voz do pae nas escadas... Deixa-me ir para o José?

—Sim, mas antes beija a mão a teu pae e cumprimenta o snr. Rodrigo, que tambem sobe.

Carlos entrou com Rodrigo. Havia dias que negocios ou divertimentos o tinham deitado longe de Henriqueta, mas cumprimentou-a com muita frieza, e repelliu seu filho, que tentara beijar-lhe a mão.

Passado pouco foram os dois amigos passear á quinta. Henriqueta saiu tambem correndo, e foi embrenhar-se no laranjal, onde se acoitava sempre que as saudades do tempo passado, ou das pessoas que abandonara a opprimiam. Muitas e amargas lagrimas tinha alli derramado e n'este dia não foi um dos que menos chorou.

Aos seus pesares do passado se reunia o amargor do presente, e o receio do futuro. E que viria a ser do seu Eduardo?

O pae o odiava; e ella não ousava mesmo queixar-se d'isto.

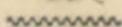


Infeliz Henriqueta!.. ainda não tinhas esgotado o calix do amargoso fel, que devias beber gôta a gôta!

CAPITULO VIII

Algun ruido e fallar a meia voz veio colher a mãe de Eduardo no meio do seu prantear, e o supplicio que então padeceu é acima de toda a expressão. Suas lagrimas se seccaram, suas faces tornaram-se pallidas, e seu corpo tremulo e coberto de suor frio curvou-se quasi sem ella dar por isso, e se occultou entre as folhas das bananeiras que estavam na borda do laranjal. Do outro lado entre Rodrigo e Carlos corria o seguinte dialogo:

—E' o que te digo Carlos, estimo-te menos desde que lhe mostras pouca affeição. Confesso que Leonor é uma moça bonita e galante, mas que te importa a ti isso, homem casado com uma senhora de tantos meritos e virtudes? Dizes que D. Emilia vai perdendo a belleza todos os dias. Isso é verdade: mas suas boas qualidades, sua docili-

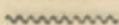


dade e paciencia são sempre as mesmas. Quanto mais te tornas injusto para ella, mais a admiro. Não faz uma só queixa!... uma só recriminação! Carlos, uma esposa virtuosa e boa é sempre bella para um bom marido. E quem te diz que os desgostos que lhe dás não são os algozes de seus encantos? E D. Emilia ainda tem muita belleza, e entre a maior parte das mulheres levaria a palma.

—Rodrigo, vou fazer-te uma confidencia, que nunca pensei fazer-te, para que conheças o horror da minha situação... mas não!.. basta que saibas que duas cousas me levaram a requestar Emilia, a paixão do amor por ella, e a do odio contra outro homem, que tambem a amava. Nos primeiros tempos julguei-me feliz pela possuir; porém agora que me inspira indifferença... tedio... aborrecimento... e que só me resta, para temperar estes desagradaveis sentimentos uma pouca de compaixão...

—E a estima... e o respeito?.. Mostra-lhe estes sentimentos, que são os mais duradouros, solidos e apreciaveis.

—Amor era o unico sentimento que po-



dia mostrar-lhe; o unico que ella acreditaria verdadeiro. Estima e respeito, se os podesse fingir, tomal-os-ia por escarneo. Emilia não é minha esposa, foi minha amante, e agora é uma mulher que sou obrigado a respeitar e fazer respeitar ao publico... já que ao publico menti. Uma mulher que me corta as azas, se quero voar. Sou moço, rico, solteiro, e não posso escolher uma esposa entre as mulheres mais pobres.

—Quem tal havia de dizer? Não é tua esposa aquella infeliz senhora?!

—Conheces agora que tenho razão em fugir-lhe?

—Não, cada vez conheço que és mais injusto com D. Emilia. Meu amigo, sê um homem de bem. Casar com uma amante moça e bella, é cousa facil e aprazivel; mas casar com a mãe de um filho quando ella começa a envelhecer, e que o coração se inclina a outra, é um acto custoso, mas de justiça e probidade. Se D. Emilia deixou a vereda da virtude, foi de certo por que te amava muito. Tem uma alma tão nobre, um viver tão honesto, um coração tão excellente, que se torna digna de ser a esposa de um

homem de bem. Casa com ella, meu amigo. Será sem limites a sua gratidão, se a regenerares do seu immerecido abatimento.

—E' impossivel!..

—Não ha nada impossivel no desempenho dos seus deveres. Esta maxima aprendi-a da mãe de Eduardo.

—Ella disse-te isso?.. Desgraçada!.. Os remorsos a atormentam. Tenho pena do seu soffrimento; mas que lhe hei de fazer?... Não lhe posso restituir a ventura, que lhe roubei. Fizemo-nos desgraçados um ao outro... Seremos o algoz e victima mutuamente. Estamos ligados por laços de crime, que se não podem desatar. Emilia... (nem Emilia é seu nome)...

Henriqueta estremeceu e se occultou mais entre as bananeiras. Cuidou ir ouvir seu verdadeiro nome. Carlos suspirou, e continuou:

—Essa a quem roubei a paz e ventura, e que agora faz o meu tormento, era casada; e abandonou a familia para me seguir.

—Quanto deve soffrer!.. Ah! uma mulher com as suas idéas tão culpada!.. Pobre



infortunada! Não lhe mostres ao menos a falta de atenções que costumas; adoça-lhe a taça de fel que ella traga, por commiserção por ella, e por amor de teu filho.

—Não me falles n'elle!.. Ainda me aborrece mais que sua mãe. Se não fosse essa insipida creatura, nunca eu resolveria Emilia a abandonar a sua familia, e seriamos ambos felizes. E o pequeno é tão feio!.. tão estúpido!.. tão fraco!.. tão desengraçado!..

—Não tem nada d'isso senão ser fraco. Tu o atemorisas. Quando está sem ti é muito ajuizado e interessante.

—Aborreço-o, e elle paga-me na mesma. Apenas appareço faz-me a graça de se esquivar.

Os dois amigos, que haviam conversado assentados n'um banco, se ergueram, e continuarão o passeio.

Henriqueta, logo que os sentiu longe, correu a casa, e ordenou a José que não perdesse o menino de vista. Parecia-lhe vêr Carlos erguer uma mão filhicide sobre a innocente creatura. E fechou-se no seu quarto dizendo, queria ficar só o resto do dia.



Carlos deixou-lhe algumas desculpas e tornou a partir com Rodrigo.

Quando a infeliz ouviu o trote dos cavallos, chamou José e disse-lhe:

—Preciso voltar á patria com meu filhinho. Só de ti me fio. Quero ir em segredo. Vai vender-me estas joias, e arranjar-me passagem em algum navio, que parta breve para Portugal; seja para que porto fôr. Serão os ultimos serviços que me farás, bom José.

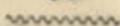
—O negro irá com sua senhora; respondeu José.

—Não, meu bom José, não. Na minha patria ha poucos homens da tua côr, e os loucos (e desgraçadamente ha muitos) zombam de vós outros. Tu és arrebatado. Se ouvisses escarnecer de ti, farias alguma desordem, e serias castigado. Que afflicção não seria a minha então!..

—O negro não fará desordens, estando com sua senhora.

—Se podesses conter as tuas iras, serias desgraçado.

—Serei muito contente estando com minha senhora e o menino.



—Meu amigo, isso não póde ter lugar. Hei de viver muito pobremente; não poderei ter-te commigo. O meu trabalho chegará mal para não deixar morrer meu filho á mingua... Talvez serei forçada a esmolar um pedaço de pão.

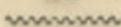
Henriqueta cobriu os olhos com as mãos para occultar as lagrimas. O negro replicou com intimativa e força:

—O negro ha de trabalhar. A' minha se-hora e ao menino não ha de faltar pão.

—Excellent coração!.. exclamou a infeliz, abraçando o negro; que não tenha eu a abundancia em que nasci, para ter-te sempre commigo socegado e feliz!..

José confuso e interdicto se lançou de joelhos em se livrando de seus braços; e curvando-se, beijou-lhe os pés, humedecendo-lh'os com lagrimas.

—Alma generosa, proseguia ella, inclinando-se para elle e pondo-lhe a mão na cabeça, levanta-te e attende-me. Não devo acceitar o teu sacrificio, mas levarei no coração a lembrança da tua dedicação. Meu bom José, em Portugal não terias em que



ganhar o teu pão, quanto mais o meu e de meu filho!..

—Lá os senhores não fazem barbas?

—Fazem.

—Então o negro ganhar lá sua vida.

—Queres por força ir?

—Sim, minha senhora, mas antes... meu senhor não escapar ao negro, que é máo para minha senhora tão boa.

O negro pronunciou estas palavras com uma vista tão feroz, que a mãe de Eduardo estremeceu, e para desviar o crime exclamou com força:

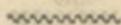
—Malvado!.. Querias matar o senhor que te tirou dos ferros?.. Vê o que fazes!.. Um assassino me faria horror.

O negro sem perder a vista ferina abai-xou um pouco a cabeça, balbuciando:

—Elle ser máo para minha senhora...

A pobre Henriqueta assentou abater-se na opinião do negro, para o estorvar de commetter o crime, e replicou, cobrindo os olhos:

—Estás enganado, José. Não fujo ao snr. Carlos, porque elle me trate mal. Deixo-o, porque é esse o meu dever. Elle não



é meu marido... nem o póde ser. Sou a mulher mais culpada do mundo todo. Abandonei meu marido... meus filhos... meus paes... para seguir aqui o snr. Carlos. Agora o deixo para viver com o filho que me resta. Já vês que não sou digna do respeito e estima que me tinhas. Mas assim mesmo espero que me farás os serviços que te peço.

José ficou cabisbaixo e calado. A pobre senhora murmurou com as lagrimas nos olhos:

—Até este coração me foge!..

O negro ergueu a cabeça e as mãos, exclamando:

—Negro amar sempre e respeitar minha senhora. E querer ir com ella para toda a parte.

Henriqueta consentiu que elle a acompanhasse com a condição que não faria mal a Carlos; e elle retirou-se cheio de jubilo por lhe ser permittido acompanhar uma pobre senhora e uma creança inerme a terra estranha, e sustental-as com o seu braço.



Oito dias depois recebia Carlos na cidade a seguinte carta:

Quando receber esta carta estará livre de mim. Não me queixo... (eu fui a mais culpada) e lhe perdão. Maria fica com todas as chaves. Recommendo-lhe esta fiel negra, e todos os outros escravos. Póde declarar que o nosso casamento era ficticio; mas peço-lhe por caridade que não diga o meu nome, nem mesmo ao seu amigo. Adeus, snr. Carlos, até ao dia em que havemos de dar contas... e que terriveis serão!.. contudo Deus é de infinita misericordia. O nosso arrependimento póde merecer-nos o perdão. Adeus... Esqueça-se que existiu no mundo a desgraçada—*Emilia.*

CAPITULO IX

E' onze annos depois que vamos encontrar Henriqueta em Lisboa n'uma pequena casa do bairro d'Alfama. E quem reconhecera n'ella a antiga belleza de Rivaes?... Seus cabellos estavam brancos, seus

olhos encovados, e suas magras e pallidas faces já mostravam muitas rugas.

Parecia uma sexagenaria que na mocidade tivera feições regulares, e tinha de quarenta e dois a quarenta e tres annos.

Ella trabalhava de dia e de noite, tanto para se distrair de seus pesares, como para concorrer para os gastos da casa; mas os trabalhos d'uma mulher dão tão pouco lucro que, se não fôra José, teria a pobre senhora morrido á mingua e mais seu filho.

O negro a barbear e fazer outros pequenos serviços ganhava bastante, porque era geralmente bemquisto pela sua actividade, honradez e humildade. Primeiro havia sido arduo a José ouvir os rapazes zombar d'elle, mas acostumou-se de tal sorte, por amor de sua senhora, a fingir-se surdo, que por fim já nenhuma chufa lhe fazia mozza, e por isso mesmo já ninguem o incommodava.

Um dia, que Henriqueta trabalhava de tarefa, como sempre, entrou seu filho. Trazia um rolo de papeis na mão. Andava na aula de desenho. Pousou os papeis e o chapéu e correu a sua mãe.

Este mocinho, alto, magro e pallido, tinha rosto interessante e meigo, mas dava mostras de pouca saude. A sua natureza era debil, sua alma delicada. O traje de Eduardo era muito simples, mas de uma extrema nitidez e asseio.

Henriqueta vestia roupas escuras e grosseiras e talhadas com extremo desalinho. Se algum gosto lhe restava pelo trajar casquilho, ella o empregava em seu filho.

Beijou Eduardo com muita ternura as mãos de sua mãe. Esta lhe sorria melancolica. Elle se assentou em um banquinho a seus pés, e lhe disse, estorvando-a de trabalhar:

—Nunca ha de ter descanso?... Nunca ha de divertir-se com algum passatempo?... Trabalha sem cessar, e isso lhe faz mal.

—Não, meu filho, respondeu ella, anediando-lhe a cabeça; o trabalho me faz bem, e tenho todos os dias o melhor divertimento que posso ter. Vejo-te, fallo-te, recebo as tuas caricias. Deixa-me agora acabar este vestido, que é d'uma vizinha que tem pressa d'elle.



—Faz-me tanta pena ver a azáfama com que trabalha sempre!... Tenha paciência, por ora não a deixo continuar. Deixe-me tornar a beijar-lhe as mãos. E repita-me que a minha presença lhe dá prazer; tenho precisão d'essa segurança. A's vezes... muitas vezes me parece que em lugar de alegria, lhe dá pesar a minha vista.

—Oh, meu filho!... não penses isso!

—Penso, minha mãe, e tenho razão para o pensar. Ai Jesus, Jesus!... minha querida mãe... tem razão de se mortificar commigo. De que sirvo eu no mundo? Fraco e doente, para nada presto. Só sirvo para dar-lhe trabalho e canceira, e ao nosso bom José, e em retribuição que lhes dou!... Sou muito desgraçado pela minha inutilidade!...

—Meu adorado filho, pelo amor de Deus não me digas que és desgraçado!...

—Perdoe... Sou-o, porque a vejo padecer, e não posso alliviar suas tristezas. Não posso perdoar a meu pae... Não me ralhe... Sei que não devia dizer isto, nem pensal-o; porém não tenho a sua virtude e bondade.

—Que offensas tens de teu pae?!... perguntou a infeliz córando e fazendo-se pallida alternativamente.

Eduardo deixava cair algumas lagrimas nas mãos de sua mãe que tinha entre as suas, e apertando-as ao coração, respondeu:

—Perdoe... sei que tem querido enganar-me... Meu pae não morreu. Lembra-me muito bem que viviamos em uma linda casa e quinta, e que muitos pretos nos serviam. Meu pae não nos amava... era duro... Nós lhe fugimos.

Henriqueta deixou cair a cabeça sobre o peito e guardou silencio. Seu filho continuou, beijando-lhe as mãos:

—As suas maximas não teem conseguido com que eu seja generoso... Não perdôo a meu pae!... Ter uma esposa tão boa... tão meiga... tão terna... tão virtuosa...

—Eduardo! interrompeu a pobre senhora, arrancando uma das mãos de entre as de seu filho, e cobrindo os olhos; não continues... Matas-me. Não sabes o que dizes. E não aborreças teu pae. Elle não teve culpa em nós o abandonarmos.



—Eu sei o contrario. Não queira illudir-me. E oh! meu Deus!... que incalculaveis males nos faz elle soffrer!

—Não pensei que eras ambicioso!... A falta de riqueza te parece um mal tão horrivel!... O amor e o trabalho, a honra e a virtude não serão as unicas riquezas dignas de apreço?...

—Não sou ambicioso, minha rica mãe, não! Quizera ter alguma pequena parte das riquezas de meu pae, para ver gozar minha querida mãe de todas as commodidades da vida, e o bom José de descanso; porém não me lembrava agora isso... Os males a que alludia eram outros.

—Quaes são, Eduardo? Quaes são?

—E' um segredo.

—Um segredo?!.. Tu me assustas!

—Não se assuste, minha rica mãe, tornou elle, fingindo brincar e rir, não é caso para sustos. E' uma experiencia que quero fazer. Vejamos, se sei guardar um segredo.

Henriqueta puxou seu filho para si, e abraçada n'elle disse com terna meiguice:

—Meu Eduardo, has de me dizer esse segredo. Com uma mãe não deve haver



dissimulações. Ora vamos... sê bom filho, dize-me esse segredo.

—Ah!... ah!... como queria fazer-me cair!... Com que anzol se dispunha pescar!... Bem sabe que os seus carinhos são a isca que mais me atrahê e engoda; mas d'esta vez perde os seus afagos. Quero que veja que tenho aprendido as suas lições. Um segredo não se diz a ninguem, nem mesmo a uma terna e carinhosa mãe.

—Meu filho!... meu amor; tu não podes ter segredos para mim. Não me queiras deixar em uma terrivel anciedade.

—Como a mãe é curiosa!... Ora supponha que querem fazer-me ministro d'estado.

—Eduardo, tu não podes enganar-me. O teu rosto é um livro em que estou acostumada a ler. Não póde lograr-me o teu riso forçado. Occultas-me alguma desgraça; mas has de dizer-me qual é. O conhecimento da verdade não póde ser mais cruel do que as suspeitas do que poderá ser.

José entrou assustado e exclamou:

—Minha senhora, o senhor moço quer comprar pistolas!



Eduardo lhe lançou uma vista tão sévera, que o pobre negro tornou a sair com a pressa com que entrara.

—Comprar pistolas!... repetiu Henriqueta, fitando vistas aterradas em seu filho, comprar pistolas!... Eduardo, ordeno-te, que me digas, para que precisas d'armas. Ficas calado?.. Não ouviste, que te *ordenei*, que me disseses, para que precisas d'armas?

—Não se agonie, minha boa mãe. Vou dizer-lhe o que passo. Ha cousas, que me seria impossivel de balbuciar mesmo. Offenderam-me, minha virtuosa mãe!.. offenderam-me mortalmente. E não ha forças humanas, que possam desviar-me da tenção, que tenho de castigar o malvado.

—Com um assassinio!!!.. exclamou a mãe aterrada.

—Não, minha mãe. Com um duello.

—Oh, meu doce Jesus!.. como elle se esqueceu cedo dos preceitos de religião, que lhe dei!.. E' mais um castigo de meus peccados!..

E a triste senhora desatou a chorar como perdida. O filho procurou enxugar



as lágrimas maternas com osculos e caricias, dizendo:

—O' minha querida mãe, não chore!.. Despedaça-me o coração! Ouça-me... Eu tenho todos os seus ditames gravados na alma.

—Então, meu filho, como ousas pensar em duello?!

—E não tente desviar-me do meu proposito. Escute o que tenho a dizer-lhe. Declarei-lhe os meus intentos por duas razões, primeiro porque m'o ordenou, segundo porque nem as suas ordens, nem os seus rogos podem abalar a minha resolução. O castigo do máo póde ser deferido, se me fecharem, mas ou tarde ou cedo lh'o hei de dar. Não chore... não chore assim!.. Olhe, minha adorada mãe, não esqueci os seus preceitos de religião, e perdoaria uma offensa propria; mas não posso deixar passar calumnias sobre a pessoa mais virtuosa da terra. Devo castigar o difamador: se o não fizesse, poderiam haver crédulos... Pelo que tenho observado o mundo menoscaba a virtude humilde, e acata o vicio mesmo sendo arrogante. E' mister pois, que a virtude tenha

quem a defenda arrogante, quando a insultam. E chora cada vez mais; minha digna mãe!!.. Teme por mim?.. A sua ternura exagera o perigo. Não haviam antigamente, minha cara mãe, duellos que se chamavam o juizo de Deus?.. Pois bem, este será tambem um juizo de Deus! Eu como David matarei o Goliath. A mão de uma creança vingará a virtude calumniada. Aquelle dos dois que combater pela verdade matará o contrario.

Era muito!.. Henriqueta desorientada se lançou de joelhos diante de seu filho, bradando:

—Misericordia!.. Não me laceres mais o coração!.. E' para defenderes a reputação de tua desgraçada mãe, que te vaes votar a morte violenta!.. Morte de corpo e talvez d'alma!.. E essa mãe que queres desaffrontar é mais criminosa cem vezes do que o póde crêr esse homem, que queres matar.

—Oh, minha mãe!.., exclamou o joven, forcejando por levantá-la, esse ardil não me illude. Sei o que devo pensar. Lembra-me muito bem, que meu pae era seu marido,

e sei que depois que o deixamos, tem vivido só para mim.

—Infeliz!.. Estás enganado!.. Teu pae não era meu marido.

—Oh, meu Deus!.. Para me salvar a vida, minha mãe, diz tão horrivel falsidade?!.. Não ouvi eu dizer-lhe a José quando chegamos a Lisboa: Vai vender este anel, que é a ultima lembrança do meu tempo de solteira!.. Não se afflija com vãos receios. Deus é justo: elle decidirá, qual de nós combate pela razão, e será punido aquelle, que estiver do máo lado.

—Eduardo! Eduardo! já que Deus assim o quer, para meu espantoso castigo, sabe a horrivel verdade, e não me amaldições!.. (Meu Jesus, acceitai esta minha humilhação!..) Eduardo... Casei em muito moça... vi depois teu pae... namorei-me d'elle... e fugi com elle, abandonando meu marido... meus filhos... e meus paes!

Henriqueta estava ainda de joelhos, e seu filho a abraçava. De repente sentiu ella, que os braços de Eduardo a largavam, e abafada em pranto, soluçou:

—Repelle-me!.. Sou-lhe odiosa!.. Falta-
va-me isto, meu Deus!..

O pobre mocinho não a ouviu. Tinha-a
deixado, porque perdeu os sentidos, e ba-
queou no chão.

Precipitou-se sobre elle a desgraçada
mãe, e vendo-o sem sentidos, soltou um
grito. Passou-se um momento de silenciosa
agonia. Ella apalpava o rosto macilento de
Eduardo. Depois torcendo os braços clamou
com terrivel angustia:

—Basta, meu Deus, basta! Não posso
com tanto.

CAPITULO X

Febre lenta, e negra melancolia, fastio
e insomnia, levaram o pobre Eduardo a pas-
sos largos para a sepultura. Sua alma era
verdadeiramente delicada e virtuosa. E o
retiro, em que sempre viveu, as maximas que
sua mãe infiltrara desde o berço na sua es-
sencia, apuraram a natural nobreza do seu
modo de pensar e sentir. Quando pois sou-
be, que sua mãe, que era o seu idolo, que
era tudo quanto amava sobre a terra; quan-



do soube, digo, que esse ser venerado e querido era uma mulher aviltada e criminosa, e que o seu nascimento era uma vergonha para elle e um remorso para sua mãe, sentiu-se acabrunhado e desejou ardentemente a morte.

Mostrava elle a mesma affeição a sua mãe; e talvez sentimentos de compaixão o fizessem ser mais terno ainda; mas, pelo cuidado, que tomava em nada dizer que offendesse a sensibilidade de sua desgraçada mãe, pela cautela, com que afastava de seus discursos as palavras—honra e virtude—tão naturaes em seus labios puros, bem conhecia a pobre senhora, que elle não esquecia um só momento a terrivel revelação.

Deus se compadeceu do infeliz innocente, e o conduziu em breve aos ultimos momentos, dando-lhe a coragem da virtude, e o socego da innocencia. A pessoa bôa, e que viveu sempre bem com Deus, nos umbraes da eternidade tira forças da fraqueza physica, porque a alma é forte, e anima-se a si e aos outros. O joven mostrava-se consolado por ver que deixava um mundo, em que gozara tão poucas alegrias, e ao qual

o não prendia sequer uma esperança. Elle queria inspirar a sua mãe e a José as ideias, que tinha do resgate, que ia ter; mas a sua logica quebrava-se de encontro áquelles corações magoados. Henriqueta sobretudo estava n'um estado lamentavel! Parecia, que seguiria de perto seu filho ao tumulo.

—Minha mãe, lhe disse Eduardo, porque tem chorado tanto? A vida merece acaso, que se tenha saudades d'ella?..

—Meu querido filho, replicou ella suffocada em choro, e apertando-lhe as mãos entre as suas, não choro por ti... O egoismo é que me faz derramar lagrimas... Eras o unico fio que me prendia á vida... quebrado elle, que será de mim, senão morro logo?!.. Só no mundo, com meus pesares e remorsos, que farei sobre a terra?

—Valha-me Deus!.. Não chore assim, que quasi me faz ter pena de morrer!.. Considere, minha adorada mãe, que, se eu visse, seria muito infeliz. Eu era um ente nullo para a sociedade, pela minha fraqueza e pouca saude. Tinha ha muito summo pesar de ser um fardo para os dois entes que me amavam. E se José adoecesse?..



Precisaria então eu de mendigar para sustentar minha mãe e o nosso bemfeitor, e tenho a alma tão altiva!.. Morreria mil vezes n'uma hora. Dos trabalhos mais humildes não me vexava, mas esmolar!.. Agradeçamos pois a Deus, minha querida mãe, a mercê que elle me faz e que eu não merecia. Se Deus não fosse tão misericordioso, teria eu mais vida, para expiar meus peccados, e...

—E os peccados de teus paes: não é isso, que querias dizer?

—Sim, minha bôa mãe. Estou n'uma hora em que se não escurece a verdade. Devia pois expiar os meus erros e os dos auctores de meus dias, com mais annos de martyrio. Deus faz-me a graça de me despenar; agradeçamos-lhe tanta bondade!

—Sim!.. o eterno é justo. Leva-te a ti, porque não tinhas crimes; e deixa-me na terra, para agonizar mais algum tempo.

—O Eterno não é só justo, minha mãe, é tambem piedoso. Conserva-lhe a vida, e livra-a de mim, para que possa ir pedir perdão, antes de morrer, á sua familia.

—Que dizes, Eduardo?.. Como hei de ousar tal?!

—Deve-o fazer... e ha de ousal-o... a seu marido sobretudo.

—Como posso esperar, que elle me perdoe?..

—Ha de lhe perdoar, minha querida mãe, porque tem soffrido muito: mas, se aquelle que offendeu fosse implacavel, Deus não o seria, e ha de perdoar-lhe completamente depois d'essa humilhação precisa. No entanto eu tenho fé, que irei para o céu rogar ao piedoso Senhor, que cedo nos reuna a ambos. E creio, que Elle me ha de ouvir.

A pobre mãe deitou os braços a seu filho, e longo tempo ficou assim, chorando e gemendo.

D'alli a algumas horas havia um justo de menos no mundo, e mais um santo nos céus.

Dois mezes depois na mesma sala, em que Henriqueta trabalhara, chorando pelo espaço de doze annos, estava um cavalheiro de meia idade escrevendo, na mesa que fôra de Eduardo, uma carta concebida n'estes termos:

«Rodrigo, pediste-me encarecidamen-



te, que te dissesse o proveito, que tirara com o meu regresso á patria. Satisfarei hoje o teu pedido... Tambem querias saber se eu achava noticias da desgraçada Emilia!..

«Escrevo-te, meu amigo, em uma miseravel casa, em que ella viveu com meu filho doze annos.... luctando com a pobreza e os desgostos! O que valeu, para que não morressem de miseria, foi o trabalho d'aquelle negro, que Emilia livrou dos tormentos. Ah!.. ella foi propheta, quando me disse:

—«A compra d'este negro ser-me-ha proveitosa.

«Se tu visses agora aquella mulher tão formosa?..

«Ha tres ou quatro dias entrei n'um cemiterio. O meu coração ambiciona ha muito impressionar-se de cousas tristes. Sobre uma rasa sepultura estava uma mulher de bruços e a seu lado um negro de joelhos a prantear-se. Conheci José, e occultei-me tremendo atraz d'um mausoleu. O coração batia-me, porque tinha esperanças de encontrar finalmente o meu filho... Ai de mim!.. ai de mim!.. A sepultura sobre que via chorar era a de Eduardo. A mulher,

que estava prostrada, ergueu-se. Não a conheci. Seu rosto cadaverico e coberto de lagrimas, parecia o de uma octogenaria. que ia descer á campa. Ouvi-lhe a voz... era a doce voz de Emilia!!!

— «José, dizia ella entre soluços, estas são as ultimas lagrimas que derramaremos sobre os restos do meu querido Eduardo!.. Mas espero que elle alcance de Deus a graça de levar-me breve para o seu lado... assim m'o prometteu pouco antes de voar para a sua patria!.. Foi sempre um anjo!.. Elle dizia bem!.. que faria n'este mundo pobre, desprezado... sem parentes nem amigos?.. Elle com uma alma tão nobre e votado á desgraça e ao aviltamento!.. Vamos... As forças me faltam todos os dias, e preciso de muitas para ir, onde devo... O *anjo* m'o disse... é preciso que eu me humilhe diante d'aquelle que offendi. Vamos, men bom José, leva a tua dedicação até ao resto. Acompanha-me lá... lá onde estava a felicidade, e eu fiz entrar a desgraça.

«Elles se tinham ido retirando. Eu estava immovel com o coração partido. Queria beijar a sepultura de meu filho, mas te-



mia perder de vista a mulher, que tão desgraçada fizera. Assignalei a sepultura, e segui Emilia. Vi-a entrar n'esta casa, e soube dos vizinhos que iam partir de Lisboa, e que vendiam os trastes para fazerem a jornada. Fiz comprar por terceira pessoa o mais caro possível, quanto lhes pertencia.

«O que era de meu filho o tenho como reliquias. Ah! Rodrigo!.. elle desenhava tão bem!.. E nos seus papeis achei pensamentos tão sublimes!.. Amava sua mãe com fanatismo, a José com reconhecimento e ternura... E seu pae talvez lhe fosse odioso. Quando em creancinha vinha para mim tremendo, repellia-o com dureza; e se agora fosse elle vivo, seria eu que tremeria na sua presença. Fil-o infeliz, e já não posso reparar o mal!.. E sua mãe?!.. a quem nem sequer me é dado pedir perdão, para não aggravar seus males!.. A infeliz lá vai lançar-se aos pés da sua familia... Oxalá que seja bem recebida e que morra em paz. Não terá ao menos muito tempo a soffrer o pesado fardo da existencia.

«Adeus, Rodrigo; não sei ainda se par-



tirei outra vez para essa cidade, ou se ficarei aqui para ser enterrado junto de meu filho. Se me tornares a ver, custar-te-ha a reconhecer o infortunado Carlos.»

CAPITULO XI

Que saudosas e doces sensações não experimenta aquelle, que passados muitos annos de penosa ausencia, torna a ver os sitios, em que correu a sua feliz meninice!.. Mas, ah! para Henriqueta não eram doces essas sensações! Saudosas sim... saudosissimas e amargas!.. Lembranças repassadas de espinhos lhe compungiam a alma, e lhe despedaçavam o coração.

Do Porto se dirigiu a Rivaes. Ao chegar perto dos sitios, em que viveu vida tão feliz, antes de errar, desejou fartar-se de penosas recordações. Apeou-se, disse a José, que fosse pela estrada para ir encontral-a na estalagem proxima, e se metten por uma azinhaga, que encurtava muito caminho.

A misera filha de Henrique de Moraes



caminhava vagarosa. Cada arvore lhe despertava uma lembrança, cada prado uma recordação.

Estava-se na bella estação da primavera. As aves gorgeavam entre os floridos ramos das arvores, os cegadores nas cearas soltavam galhofeiros gritos no meio da sua tarefa, e n'um prado vicejante cantava uma rapariga com voz monotona e harmoniosa d'amores, em quanto ceifava com mão descuidada a herva, e as muitas florinhas, que esmaltavam o prado.

Tudo respirava alegria e vida, menos a pobre mãe de Eduardo. Ella se detinha a cada momento para respirar e enxugar os olhos; e, quando deu com a vista n'uma linda e risonha casa, que parecia com os raios do sol feita de jaspe, e encastoar janelas d'ouro, estremeceu, parando; com uma das mãos apertou o coração ao tempo que vendava os olhos com a outra.

—Eil-a alli!.., balbuciou com voz abafada pelos soluços. Eil-a alli!... E' a mesma... a mesma em tudo!.. E eu?..

Lagrimas de fogo lhe sulcaram as faces. D'uma varanda pendiam tapetes, que

um criado sacudia. A infeliz lembrou-se da opulencia, em que fôra creada, e da sua pobreza presente. Se não fôra a gratidão de um negro, teria ha muito morrido de fome. Vinham-lhe depois ideias mais amargas ainda. Era alli que viveu vida innocente, e alli tambem que commettera a culpa que a des-terrou do seu eden da mocidade. Ah! ella agora viu, como nossos primeiros paes, anjos exterminadores, á porta do paraizo, que lhe vedavam o ingresso. Estes anjos exterminadores eram o remorso, a vergonha e o temor.

Uma visão celeste como que afastou por um pouco da mente de Henriqueta pensamentos horrorosos. Uma senhora (que pela forma do corpo e elegancia do traje se conhecia ser moça) assumara á janella do seu antigo quarto de solteira. A infeliz quasi não respirou um momento; suspensa, immovel, enlevada olhava com vistas fixas aquella graciosa figura. Passado o primeiro momento apertou o seio com as mãos e articulou com gemidos:

—Meu Deus!.. meu Deus!.. é minha filha!.. a minha adorada Virginia!..

E, deixando-se cair sobre a relva, chorou dolorosamente.

Quando a desventurada mãe ergueu a cabeça, a menina tinha-se retirado da janella.

Henriqueta continuou o seu caminho com uma energia, que se assemelhava á desesperação. Chegou perto dos muros da quinta de seu pae. Tinha tencionado ir até á estalagem e de lá mandar uma carta a Julio, se alli estivesse, ou a seu pae, se fosse vivo, pedindo licença de se lhe ir deitar aos pés; mas não teve forças de passar ávante. Parou e olhou em redor. Uma velha fiava assentada ao sol. Henriqueta, que anciava saber se toda a sua familia era viva, e se era feliz, foi assentar-se, tremendo, junto da velha, e depois de algumas phrases insignificantes, perguntou-lhe de quem era aquella quinta.

—E', respondeu a velha, do snr. Henrique de Moraes; um santo homem, bemfeitor dos pobres.

—Seja Deus louvado!..., exclamou a fugitiva da casa paterna, ao saber que seu pae vivia.



A velha enganou-se com a exclamação e replicou:

—Sim, sim!.. Póde dar graças a Deus, se vem para pedir-lhe uma esmola. E então em que occasião vem, santinha!..

—E o snr. Henrique de Moraes tem familia?

—Tem, e que santa familia! Tambem é o que lhe tem valido.

—Pois succederam-lhe desgraças? — tornou a infeliz com certo tremor na voz.

—Desgraças?!.. Isso são historias largas. Se quer ouvir cousas de *estarrecer*, eu lhe conto. Era casado o snr. Henrique de Moraes...

—E já não é casado!.., interrompeu Henriqueta; morreu sua esposa?

—Morreu; mas espere, ainda lá não chegamos.

A filha desgraçada correu a mão pela testa e pelos olhos, enxugando duas lagrimas ardentes. A velha compunha o linho da roca, e continuou:

—Era casado e tinha uma filha bella como uma imagem de cera, e bôa, que mais não!.. Casaram a snr.^a D. Henriquetinha



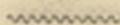
com o snr. Julio; e que festas que não houveram!.. Tinha eu então vindo para casa do meu *Tonio* e...

—Mas como morreu a consorte do snr. Henriques de Moraes?

—Santinha, você é bem apressada!.. Lá chegaremos. O casamento da snr.^a D. Henriqueta foi abençoado. Nunca se viu casamento assim!.. Vai senão quando foi o snr. Julio á terra dos *ingrezes* arreceber muito dinheiro!.. Estava para vir; a snr.^a D. Henriqueta, que morria de *soidades*, foi esperal-o muito longe; e deixou seus filhinhos com seu pae e sua mãe.

—E esses filhos vivem?..

—Então, você quer saber tudo d'uma assentada! Como lhe ia dizendo, a snr.^a D. Henriquetinha foi esperar seu homem. Na estrada saem-lhe os ladrões, e por mais que ella pedia com as mãos erguidas, que a não matassem sem tornar a ver o seu homem, cozeram-na a facadas!.. O snr. Julio, que vinha todo contente, encontrou-a morta no meio da estrada!.. Se não fosse a gente, que acudia aos aqui-d'el-reis, matava-se sem remedio. Veio depois para Rivaes, que met-



tia medo! Mettia-se pelas brenhas, sem querer ver gente, com as barbas crescidas e a vista espantada. Uns diziam que andava doudo; outros, que trazia a alma de quem Deus levou. Eu cá nunca lhe vi atirar pedras; e a defunta foi em vida uma santa em carne e osso, como havia de cá vir depois de morta?!.. Assim mesmo não gostava de vel-o ir sempre, sempre metter-se entre os mattos com seu filho pela mão...

—E' amigo de seu filho?

—Se é amigo?!.. E' a luz dos seus olhos; e tambem sua filha.

—Tambem é amigo de sua filha?

—Podéra!.. Se ella é uma santinha como sua mãe! Lá tão bonita não é ella, isso não. Não lhe chega aos calcanhares. O snr. Augusto, esse sim, é um mocetão como uma trave; e é sua mãe *escarradinho!* Mas, como lhe ia dizendo, mettia-se o snr. Julio com seu filho pelas brenhas, dando gemidos, que fazia cortar o coração!.. O snr. Henrique de Moraes pegava em sua neta nos braços, ia por esses campos a rezar sempre, e tão triste e *merenconio*, que dava vontade de chorar vel-o. Só sorria para a

menina, quando ella lhe fallava, ou lhe dava beijos.

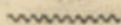
—E a esposa do snr. Henrique de Moraes?

... — A snr.^a D. Augusta não queria ver ninguem. Fechava-se no seu quarto a chorar... *a chora como uma videira*. Um dia foi achada por morta entre papeis, que tinha espalhado pelo chão, e com uma carta de sua filha tão agarrada, que só o snr. Julio li'a pôde tirar; e por signal, que a queimou logo. Poucos dias de vida teve a snr.^a D. Augusta, e passou-os quasi todos com seu genro. Pois a carta, *pelos modos*, era a recommendar seu marido a seus paes; como se a snr.^a D. Henriquetinha adivinhasse que tinha de morrer *em breves audiencias*. O certo é que a snr.^a D. Augusta, depois que leu aquella carta estava sempre a chamar por seu genro, e o abraçava com muito amor, dizendo:

—Meu filho!.. meu amado filho!.. como és bom!..

Henriqueta soluçava.

—Ah!.. você porque chora? Isto é triste, mas já lá vai ha muito.



—Choro porque perdi um filho ha pouco que tambem era muito bom.

—Pois se era bom ha de estar no céu. Leve a *maleita merenconias*.

—Continue o que me estava contando... Já abafei minhas proprias tristezas.

—Morreu a snr. D. Augusta; e todas essas penas abateram muito o snr. Henrique de Moraes, que por fim de contas teve *mal ruim*, e ficou *empregado*.

—Meu Deus!.. quantas desgraças!.. Entrevado o... senhor tão bom e esmoler!.. Era melhor morrer!..

Este *era melhor morrer*; dizia-o a infeliz senhora por si, mas a velha não o tomou assim e replicou:

—Isso seria assim, santinha, se se tratasse de mim ou de você; mas quem é rico póde passar sem pernas. O snr. Henrique de Moraes *é boquinha que queres? coração que desejas?..* Rosa, uma rapariga que foi creada em casa, não o deixa. A snr.^a D. Virginia, essa não fallemos: e é o *ai-jesus* de seu avô. Amam-no tambem muito, e lhe fazem muita companhia o snr. Augusto, o snr. Julio e o snr. Feliciano.



—Quem é o snr. Feliciano?

—Está-me sempre a atrapalhar... Não me deixa contar a historia direita. O snr. Feliciano é o noivo da menina.

—Ah! Oxalá!.. Meu Deus!.. meu Deus!.. A's vezes ha casamentos!.. E não sei como seu avô a deixa casar... Far-lhe-ha falta.

—Foi elle e o snr. Augusto, que obrigaram o snr. Julio a dar o sim. *Pelos modos* o viuvo da snr.^a D. Henriquetinha não queria que seus filhos casassem. O homem nunca ficou muito fixo do juizo, pelos geitos.

—Não quereria talvez que sua filha casasse, por ella não gostar do noivo?!..

—Ella?!.. Coitadinha!!! ia-se d'este mundo com chorar por seu pae, se oppôr ao seu casamento. Elle dizia, que Feliciano era um santo rapaz; mas que não queria que seus filhos casassem.

—Homem infeliz!.. Digno de uma sorte melhor.

E novas lagrimas arreventaram dos olhos de Henriqueta; e antes que a velha fizesse reflexões sobre isto, a esposa de Julio disse:

—A lembrança de um marido que perdi... um marido tão bom como o snr. Julio, me despedaça o coração.

—Console-se, bôa velha. A gente não ha de viver sempre. Aqui estou eu, que perdi dois maridos que tive. Prantiei-os muito; mas agora já não ando a *choramingar*. Rezo-lhes por alma todos os dias, que padre-nossos é que elles lá querem.

—Se eu fosse a casa do snr. Henrique, dar-me-iam lá pousada? Sou uma viandante pobre, e na estalagem gasta-se muito.

—Por isso fico eu. E dar-lhe-hão ainda bôa esmola. Veio em bôa maré!.. O snr. Julio não quer festas no casamento de sua filha; e o dinheiro que haviam de gastar nas bôdas, *pelos modos* será dado á pobreza

Henriqueta despediu-se da velha, que já conhecêra adiantada em annos, quando era muito moça, e que agora parecia da mesma idade que ella. A velha nem por sombras se reeordou de tel-a conhecido.

Afastou-se da velha a infeliz culpada com o coração ralado de pesares e tristezas, e acercou-se da porta da quinta. Não receiava que os criados a reconhecessem, e não

podia ir mais longe. Tinha as forças phisicas e moraes já esgotadas.

—Dormirei ao menos uma noite ainda, pensava ella, debaixo do tecto de meu pae... perto de meus filhos... Talvez ouça suas vozes.

Suas lagrimas caíam, pesar seu, sobre o solo, para onde lhe pendia a cabeça; seu passo era vacillante.

Dous bellos caçadores passaram por ella quasi correndo, e um dos cães da matilha deu-lhe um encontrão tão forte, que cairia a pobre senhora se o mais alto dos caçadores a não tivesse amparado com um braço, dizendo:

—Perdôe, bôa mulher... Magoou-se?

—Não!..., balbuciou Henriqueta, fitando os olhos no bello rosto do mancebo, com um ardor apaixonado, que elle tomou pelo rogo d'uma esmola. Apalpou os bolsos, e não achando dinheiro, lhe disse:

—Vá por aquella porta (e indicou-lhe a porta principal). Os cães não fazem mal. Precisa de descanso, e talvez de almoço. Quando se fôr embora, mandarei dar-lhe alguma cousa.



E deixando-a, foi a correr ajuntar-se ao companheiro que ia entrar na quinta por uma pequena porta; e entraram ambos.

— Oh, meu doce Jesus!.. murmurou ella. Seria aquelle Augusto?

E, em vez de ir por a porta que o moço lhe indicara, seguiu-o com a pressa que as suas forças lhe permittiam. Depois de entrar na quinta parou, e seguiu com a vista os caçadores. Ambos eram tão bellos!.. Qual d'elles seria seu filho? Cruel incerteza!

CAPITULO XII

Elles não se haviam dirigido para casa, mas para o lado apposto, porque tinham avistado d'alli um vestido branco.

Henriqueta não via ainda senão os dois moços, e encostando-se ao muro balbuciou com os olhos turvos pelas lagrimas:

— Um é meu filho... o outro o noivo de minha filha!.. Qual será o meu Augusto?.. O coração me diz, que é aquelle, que me teve junto ao seio... e com que frieza

se apartou de mim!.. Oh! e com que ancia o apertaria nos meus braços... o comeria de beijos!.. Meu Deus!.. Lá vem minha filha!.. a minha adorada Virginia!.. Eu morro!..

E ella se deixou cair sobre um banco, que estava alli perto, debaixo de uma pequena latada.

Os tres jovens tinham-se encontrado e voltavam para onde estava a pobre desconhecida. Esta tornou a animar-se e erguendo a cabeça afastou as folhas da latada e pensou, examinando Virginia:

—Como é linda!.. Como é graciosa!.. O mancebo mais alto a traz abraçada!.. E' então na verdade o meu querido Augusto!.. Como são lindos meus filhos!.. E como mostram amar-se!.. Misera de mim! Quanto elles me amariam, se os não tivesse abandonado!

Já não podia chorar mais. Tinha os olhos inchados e as faces ardentes. Apertou as mãos ao peito, murmurando:

—Oh, meu Deus! dai-me forças para resistir á tentação de chamal-os em altos brados... de correr a seus braços!.. Quanto

poderia ser feliz e quão desgraçada sou!.. De todos os tormentos da minha culpada vida, oh, meu Deus!.. é este que te offerço em expiação de meus peccados!..

Os tres jovens se approximavam.

Henriqueta tremia, e abafou os suspiros e quasi a respiração, para os ouvir.

—Não sejas impostora, dizia o moço que trazia Virginia abraçada, confessa que nos ias procurar.

—Já te disse, respondeu a menina, sorrindo, que não deixei o avô por amor de ti.

—Tambem não direi que fosse por amor de mim. Os *amores* novos fazem esquecer os velhos. Se me mettia na conta, era para te não dizer chãmente que ias procurar o meu amigo Feliciano. Ah, ah, ah! Como te fizestes vermelhinha! Ora, se não queres perder o credito de verdadeira, *confessa a conceição*.

—Não faça caso do que diz este louco, — disse o outro mancebo com ar risinho.

Virginia parou e replicou triste:

—Vejo-os a ambos tão alegres, que não tinha animo de lhes dizer onde ia, mas é



preciso que o saibam, para me deixarem retroceder. Ia procurar o pae.

—Pois elle não está em casa?!..

—Não; ergueu-se muito melancólico, fez-me uma longa pratica e saiu. O avô, vendo que eram horas de almoçar, e que elle não voltava, disse-me que o fosse procurar.

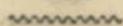
—Pobré pae!.. Tornam-lhe os seus ataques de hypocondria!.. Vou eu procural-o. Ide ambos para casa. Sei onde o hei de achar.

—Queres que vá contigo?—perguntou Feliciano.

—Não, meu amigo. Nas occasiões de grande melancolia, só eu sei distrair-o. Foi o longo tirocinio de toda a minha vida. Desde a mais tenra infancia fui o companheiro de seus dias tristes.

—Teu pae é o homem, que mais estimo e respeito. As saudades que conserva por uma esposa virtuosa dão a conhecer a bondade de sua alma; e comtudo para mim foi duro tanto tempo... Tinha horas bem más a cogitar, porque lhe desagradaria.

—Não lhe desagradavas, pelo contra-



rio, te estimava; mas a desgraça que succedeu a minha querida mãe, por elle a ter deixado algum tempo, o indispoz contra todos os casamentos.

— Quanto não devia ser estimavel a mulher que deixou tão longas saudades a seu marido!..

— Era um anjo!.. Ainda conservo uma vaga ideia da sua formosura e bondade. Na vespera da sua fatal jornada me acariciou muito e me recommendou que amasse e protegesse minha irmã. E, como depois da sua morte, não se viam n'esta casa senão lagrimas, uniu-se tanto esta ideia com a imagem da minha querida mãe, que me parecia que ella me alagava com seu pranto, em me beijando.

— Eu sou mais infeliz que Augusto, disse pesarosa a menina. Não tenho a menor ideia de minha mãe; ainda que me diz meu avô que ella me beijou e abraçou com muita ternura na vespera da sua partida.

— Eras muito pequenina; e eu na verdade não era muito maior, apesar de me julgar então um homemzarrão. Lembra-me que muitos dias nos deixaram quasi aban-



donados, quando se soube a horrivel nova da morte de nossa mãe, e que eu, altivo com a minha importancia, passava o meu tempo a guardar Virginia, e a matar as vespas, para que lhe não ferrassem; parecendo-me que fôra uma das recommendações da mãe.

Virginia apertou seu irmão ao coração, deixando cair de seus lindos olhos duas lagrimas. Augusto, ainda abraçado n'ella, encostou a arma, que trazia, á casinha de fresco, em que se occultava sua mãe e estendeu o braço a Feliciano, dizendo:

—Unamo-nos todos tres. Fiquem nossos corações, formando um só. Vou confiar-vos a condição, que o pae poz ao vosso casamento....

—Seja qual fôr, interrompeu o outro mancebo, desde já a acceito e cumprirei religiosamente.

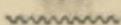
—Não é cousa que te dê canceira a ti: a mim só é que diz respeito. Augusto, me disse meu pae, eu me descuidei de proteger a filha, que teu avô me entregou.... não tenho direito a esperar que Feliciano seja mais cuidadoso com Virginia... Os perigos que lhe receio não são só de assassínios,



mas tambem de genero differente... Ha um periodo, na vida dos casados, de muito risco; é, quando o marido já não é amante, e a mulher é ainda moça... Por esse periodo não passei eu... Tua mãe...=As lagrimas o soffocaram e depois continuou:=Visto que se amam, consinto no casamento de minha filha, com a condição de tu seres sempre o seu segundo guarda e protector, como tens até agora sido o primeiro. Se Feliciano, por necessidade, ou por gosto se afastar de tua irmã, posta-te a seu lado... não a abandones, e que, quando Feliciano voltar, a ache como a deixou.

—Espero que me ajudes a fazer tua irmã venturosa, mas emquanto ao mais... julgo que teu pae nunca se arrependerá da honra que me faz.

—Estou certissimo que o meu logar de guarda substituto será um emprego honorario. Por agora ao menos protege tu só a *nossa* Virginia, que eu vou procurar o pae. Toma sentido que lhe não ferrem as vespas, como eu fazia na minha primeira campanha; porém não vás logo pedir o premio de teus serviços, como eu costumava. As-



sim que matava uma vespa corria a Virginia, bradando: menina... menina, dá-me um beijo, que matei uma feia.

Augusto acabando de fallar estendeu o pescoço, e beijou sua irmã, dizendo:

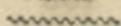
—Com sua licença, snr. Feliciano, este beijo foi por algumas vespas que quiz matar e não pude.

E agarrando na arma, que tinha encostada, partiu como uma setta, para recuperar o tempo perdido, seguido de seus cães.

Henriqueta o seguiu com vistas ternas, pensando:

—O meu Augusto!.. Talvez o não torne a ver!..

Virginia e Feliciano o olhavam tambem um pouco; depois o mancebo offereceu o braço á menina para leval-a mais perto de si, e se adiantaram vagarosos. Havia tanta singeleza e innocencia na linguagem da donzella, tanta delicadeza, amor e probidade nas expressões do mancebo, que a infeliz mãe ergueu os olhos ao céu reconhecida. Acreditava que Virginia seria feliz, e nunca se desviaria da estrada do dever e da virtude.



Elles tinham parado á entrada da casinha de fresco outra vez, mas não viram Henriqueta; estavam muito entretidos com o seu dialogo. Era a primeira vez que se achavam sós por sós, ou ao menos assim o pensavam.

—Vamos para o avô, disse por fim Virginia, puxando pelo braço de Feliciano para diante. Se Augusto viesse, e nos achasse no mesmo sitio, em que nos deixou, o que não diria!..

Como iam rentes á casa de fresco, um braço do jasmineiro se enleou na franja do chaile de Virginia. Ella o desviou, e sem olhar, procurou encaminhal-o para dentro da casa de fresco, parando outra vez um momento. A mão descuidada da menina roçou pelas mãos descarnadas da infeliz mãe. Esta perdeu a cabeça com aquelle toque, e, caindo de joelhos, agarrou com força na mão fresca e mimosa de sua filha e a levou aos labios com um ardor inconcebível.

Virginia soltou um grito de susto, e Feliciano quiz livral-a da desconhecida, que tomou por demente; mas ella lhe disse, já recuperada do sobresalto:

—E' alguma infeliz que precisa de socorro. Deixe ver o que quer.

No entanto a esposa de Julio ficava de joelhos, apertando a mão de sua filha e beijando-a com fogo e ternura. Não era uma mãe diante de sua filha; era a mulher culpada e arrependida diante da virgem innocente, que ardia apertar ao coração, e que não ousava tocarsenão de joelhos.

Virginia se curvou para ella e lhe disse com muito carinho:

—Que tem?.. porque chora? Meu pae e meu avô são muito bons. Não a deixarão sem socorros. Levante-se.

Era muito para a infeliz. O bafo de sua filha acabou de lhe transtornar as ideias; puxou Virginia para si, encostou a encanecida cabeça ao seio d'ella e desmaiou.

—Feliciano, bradou a donzella, esta pobrezinha morre-me nos braços!..

O mancebo amparou-as ambas, ergueu Henriqueta nos braços e animou Virginia, dizendo, que aquillo era apenas um desmaio.

—Vou chamar, quem a leve a casa, replicou a menina. Ella precisa de socorros.



—Não é preciso, Virginia. Eu levo-a. Não peza mais que uma penna.

—Coitadinha!.. Tem só a pelle sobre os ossos!.. Talvez a pobreza lhe tenha cavado a sepultura. Ah, Feliciano!.. E' tão triste ser velho e pobre!.. Se meu avô não tivesse o tratamento que tem, teria morrido ha muito.

—Não conhece esta infeliz? Creio, que é uma, a quem Augusto deu esmola, antes de entrar. Eu vinha com tanta pressa... confesso a minha culpa, que não quiz deter-me a ver o que Augusto ficava dizendo á infeliz.

—Fez mal, Feliciano... A caridade...

—Bem sei, que para agradar a um anjo, devia antes privar-me de vel-o, do que de fazer uma bôa acção. Perdoe, Virginia. Mas não sabe, quem é esta velhinha?

—Não. Nunca a vi. Mas faz-me tanta pena!.. Não sei, porque faz-me lembrar de minha avó... Porém bem se conhece que esta pobresinha ha de ser muito mais velha do que o seria minha avó, se hoje fosse viva. Morreu ha tantos annos!.. Era eu ainda bem pequena.



Tinham-se approximado de casa. Feliciano com Henriqueta nos braços, e Virginia com a arma do mancebo nas mãos, que elle tinha lançado ao chão. A mocinha tinha muito medo de armas de fogo, mas esta lhe parecia inoffensiva e leve. A mulher, que ama devéras, sente doce satisfação em se apossar de alguma pertença do seu amante.

—Ella o seguiu, mas adiantando-se para arredar uns ramos, via Feliciano que ella carregava com a sua arma e quiz oppôr-se a que a levasse mais tempo.

—Não tenha medo, que lh'a estrague, disse ella sorrindo; eu vou já entregar-lh'a.

E chamou duas criadas, a quem disse, que deitassem aquella velhinha no quarto terreo, e que procurassem chamal-a á vida. Entregou a arma ao mancebo, pedindo-lhe que fosse dizer a seu avô o que tinha succedido, e seguiu a desconhecida.

Era recolhida por caridade a filha de Henrique de Moraes na casa paterna, como uma pobre mendiga. Na casa em que fôra senhora, era agora menos que o mais infimo dos criados!.. Ainda bem que a falta dos sentidos lhe tirou a sensibilidade por

algum tempo, e lhe poupou de ouvir o que diziam as criadas que a deitaram.

CAPITULO XIII

Custou muito a fazer tornar a si Henriqueta. Passadas duas horas abriu a infeliz os olhos. Junto ao leito estava um cirurgião, Rosa, a antiga criada da casa, Virginia e o negro José, que chorava grossas lagrimas aos pés da cama. A enferma só via sua filha.

Saiu o cirurgião depois de ter dito o que se havia de dar á doente, que elle achava em extremo abatida. Virginia perguntou a esta com muita doçura, se queria que lhe deixasse Rosa, ou se desejava ficar só com o seu criado, que a tinha vindo procurar, não a vendo chegar á estalagem.

—Oh, meu Deus! pensou a infeliz, minha filha vai deixar-me!

A menina repetiu a pergunta.

—Deixa-me?!... articulou a pobre mãe. Não tornarei a vel-a?

—Virei depois ver como está, redar-

guiu a filha de Julio. Agora vou para a minha familia.

—Para a sua familia?!.. Tem razão.... Não deve deixal-a mais tempo para estar com uma *estranha*.

Havia certo azedume n'esta phrase. Virginia não o percebeu e lhe disse, que se quizesse alguma cousa, a mandasse pedir pelo seu criado, e dispunha-se a sair.

Henriqueta a deteve, dizendo com voz supplicante e chorosa:

—Antes de me deixar faça-me uma graça.

—Não se acanhe, replicou a menina, diga o que quer.

—Queria tornar a beijar-lhe a mão.

—Beijar-me a mão!.. Para que? Não me deve favores.

—Oh!.. devo muitos... muitos! E faz-me lembrar uma filha que perdi.

—Pobre mãe!..

E Virginia se debruçou sobre o leito, e beijou o cadaverico rosto de sua mãe.

Esta não pôde senhorear suas sensações; apertou a donzella em seus descarna-

dos braços, e a beijou com soffreguidão muitas vezes, dizendo entre soluços:

—Filha da minha alma!.. filha do meu coração!..

Este phrenesi assustou a menina, que o suppunha filho só do delirio, e se soltou o mais brandamente possível dos braços que a retinham; recommendou ao negro que velasse em sua âma, e que chamasse, sendo preciso; e promettendo á doente de voltar breve, saiu.

Henriqueta, apesar do seu estado de fraqueza, assentou-se na cama, apenas ficou só com o negro. Lançou a este uma vista espantada e lhe disse:

—José, José!.. Viste aquelle anjo?.. E' minha filha!.. E deixou-me!.. Foi para a sua familia!.. Eu não lhe sou nada!.. Ah!.. Eu desafio todos... todos... avô, pae, irmão, noivo, a que a amem mais que eu!.. A que a amem tanto!.. Ai!.. pobre de mim!.. Senti seus labios tocarem meu rosto... mas era um beijo de piedade!.. Estava insensivel e talvez receiosa em meus braços!.. E eu ardia n'um extasis de amor materno. Ah! se não fosse por lançar o ferrete da ignominia



sobre ella, e sobre todos, que ama, lançar-me-ia a seus pés e lhe diria:—Tua mãe não morreu!.. Sou eu!.. Fui criminosa; mas amo-te muito!.. muito!.. Quero morrer nos teus braços!— Porém não!.. Não juntarei mais erros, aos meus erros passados. Seja ditosa e conserve na memoria as virtudes de sua mãe... E' uma piedosa mentira. Ainda me lembra o que soffreu o pobre Eduardo ao saber... Mas o seu nome aqui é um sacrilegio!.. e um anathema contra mim.

Depois de ligeira pausa proseguiu com voz surda:

—Vês estas paredes, meu amigo? São as paredes da minha casa. Mas este quarto não é o meu quarto alegre e risonho de solteira, nem os meus aposentos ricos e asseados de casada, é o pobre quarto dos viandantes pobres, e fui acolhida aqui por caridade. Meu pae e meus filhos estão lá em cima, fallando em mim como de uma estranha e indifferente!.. Nunca saberão quem eu sou!.. O unico que o saberá é meu marido... Elle só sabe, que existo, e sou culpada... Os outros julgam-me ha muito morta e veneram a minha memoria. Meu ma-



rido me conhecerá... e recuará de horror ao saber quem sou! Mandar-me-ha expulsar de casa, eu irei morrer n'um palheiro da vizinhança... não poderei ir longe. Não importa!.. Tudo mereço. Sabes, que fui matricida e quasi parricida? Minha mãe morreu de dor. E eu não morri d'angustia ao saber os effeitos do meu crime!.. Resisti a tudo!.. Não morri com tantos golpes... Vivo ainda para soffrer o aguilhão do remorso... e toda a força da desesperação!

O bom negro pedia ha muito a sua senhora com as mãos erguidas e muitas lagrimas, que socegasse; mas ella, só quando as forças, se lhe esgotaram, é que cessou de fallar, e caiu sobre o travesseiro. Aquella agitação em que estivera, fez-lhe muito mal, e lançou algumas golfadas de sangue pela bocca. José quiz chamar, mas Henriqueta deteve-o; e com a cabeça encostada ao braço, com que elle a sustinha, lhe disse com affeição e reconhecimento:

—Socega, meu bom José, socega. Não te afflijas assim. Isto está a dar resto. Demos graças a Deus... Não preciso já de remedios... Preciso só de cumprir aquillo a

que vim, e reconciliar-me com Deus. Vai dizer, qué por caridade me chamem um sacerdote... Elle pedirá de meu mando perdão a meu marido... Já não tenho forças para me lançar a seus pés... Assim é melhor. A minha vista faria mal áquelle homem tão offendido.

José pousou a cabeça de sua senhora no travesseiro e foi cumprir a commissão, que lhe fôra dada. Voltou logo. A enferma viu o cupioso pranto do negro e lhe disse com doçura:

—Lembras-te do que me dizia o innocente, que perdemos, nos seus ultimos momentos? Pois é o que eu quizera poder dizer-te agora. Esta ultima metade da minha vida tem sido um prolongado padecimento. Se és meu amigo, regosija-te por veres, que meus males vão dar resto. E tambem não achas satisfação em seres o meu unico confidente, e amigo que me cerrará os olhos?..

—Ah! exclamou o negro, tenho satisfação em estar com minha senhora... *mas eu quer morrer com ella.*

—Não, José, não queiras morrer. Eu



quero que vivas. Fica n'estes sitios, se poderes; ama meus filhos e meu pae, e respeita meu marido... Peço-te tambem, que nunca em tempo algum, ouças a meu respeito o que ouvires, digas uma palavra que possa descobrir o meu segredo. Não digas sobretudo ao snr. Julio cousa que o faça adivinhar que tu sabias a minha historia. Isso o humilharia na tua presença, e demasiados dissabores lhe tenho já dado.

José prometteu tudo sempre, chorando. Henriqueta ficou mais socegada.

Pouco depois entrou um velho dizendo:

— Seja aqui a paz do Senhor.

— O padre Simão!.. pensou a enferma. O santo varão que me deu as lições de moral, que eu depois calquei aos pés!.. que me fez exortações para eu amar e respeitar meu marido!.. Oh, meu Jesus!.. Restava-me ainda passar por esta vergonha!..

No entanto o sacerdote havia mandado José para fóra do quarto e assentou-se á cabeceira do leito.

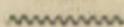
Passado um quarto d'hora saía elle com os olhos sempre cheios de lagrimas, por mais

que se esforçava por enxugal-as: deu ordem a José de não entrar no quarto, se a senhora não chamasse, antes d'elle voltar, e de não deixar entrar ninguém.

Desde que o ancião saiu conservou-se Henriqueta com as mãos erguidas e os olhos postos. Estava deitada e tão immovel, que pareceria já um cadaver, senão se lhe ouvisse a respiração oppressa, e não se visse o movimento convulso dos labios descordados. Alguem entrou no quarto. A moribunda abriu os olhos espantados. Era Julio. O primeiro impulso de Henriqueta foi de levantar-se para se lançar de joelhos, mas tornou-lhe a cair no travesseiro a cabeça que erguera. Julio correu a ella e lhe pousou uma mão para que se não levantasse. Não fallou logo, porque a voz lhe estava presa na garganta. A infeliz cobrindo com as mãos tremulas e descarnadas o macilento rosto, balbuciou com custo:

—Acabrunha-me com a tua cólera... Não mereço consideração.

Tudo ficou em silencio. A moribunda, espantada de não ouvir reprehensões, nem queixas, tornou a olhar para seu marido:



viu-o, eugugando o pranto e abafando os soluços com o lenço.

—Tu me perdôas!.. murmurou ella com espanto, e ternura. Não amaldiçoarás a minha memoria?

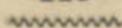
—Lamento-te... replicou Julio. Perdoei-te ha muito... Perdôa-me tambem de ter concorrido de algum modo para a tua desgraça.

—Oh, meu Deus!.. Que generosidade!.. Julio, Julio!.. quão pouco conheci a bondade de teu coração!.. Se fosse possível augmentarem-se os remorsos que ha tantos annos me ralavam a alma...

—Não me conhecias, não, Henriqueta!.. Soffrias os rigores da pobresa, e não te lembravas que eu vivia?!..

—A maior necessidade que eu padecia era de consolações, e essas não podia pedir-t'as; e não pensava que fosses tão generoso... Além d'isso vivia com um ente, que... apesar de muito innocente, era um anathema para mim... uma pedra de escandalo entre nós.

—Dize-me aonde está essa creatura; prometto-te protegel-a.



—Basta, Julio, basta! Não me confundas mais com tua excessiva generosidade. Essa pessoa existe agora no céu.

—E não tens nenhuma recommendação a fazer-me?

—Sim... Julio, tenho. Ama nossos filhos, e meu pae, e sê feliz com elles. Como são bellos e amaveis nossos filhos!.. De que ventura me privei pela allucinação de um momento!.. Que felicidade seria a minha, se tivéssemos vivido sempre juntos, e agora morresse nos teus braços e nos d'elles, sem crimes nem remorsos!.. Misera de mim!.. Não os tornarei a ver!.. nem ouvirei mais suas vozes!.. Vi-os, e não corri a seus braços.... Ouvi-os lamentar a minha morte, e não lhes bradei que ainda vivia, e que os adorava!.. Oh, Julio! fui muito culpada, mas ainda fui mais desgraçada! Os tormentos que sobre tudo soffri ha pouco... não os posso exprimir. Estou-te magoando sem o dever... A culpa foi minha... só minha, se perdi o direito de abraçar meus filhos... E comtudo os abracei a ambos!!! A caridade os tornava indulgentes e meigos para a pobre velha desconhecida!.. Bem hajas, Julio, bem ha-



jas, que lhes inspiraste ideias de bondade e compaixão!.. Bem hajas tambem pela piedosa mentira, com que encobriste meu crime... sobretudo a meus filhos... Com que horror não saberiam elles, que sua mãe era tão culpada!..

Julio tinha chorado continuamente, mas senhoreou por fim sua angustia, e pondo com muita brandura as mãos sobre as da enferma, disse, curvando-se sobre ella:

—Socega, Henriqueta, tens fallado demasiado. Esgotas as forças que te restam. Dize só, se queres que te faça alguma cousa para descarga da consciencia, ou satisfação do coração. Sabes que és rica, dicta as tuas vontades, que eu as cumprirei. Serei o teu fiel testamenteiro, sejam quaes forem as ordens do teu testamento.

—Dá as esmolas que quizeres... manda dizer as missas que te parecer!..—articulou com voz entrecortada Henriqueta.—E só te recomendo esse pobre negro.... que me sustentou tantos annos com o suor do seu rosto... Tem um coração grato como ha poucos. Adeus, Julio, homem generoso e bom!... Vive para nossos filhos... que elles



ignorem sempre as culpas e desgraças de sua mãe... Ella morreu ha muito... agora só está aqui uma viandante desconhecida que... vai dar contas a Deus.

Henriqueta tinha ido enfraquecendo, e a final ficou muda com os olhos fitos em Julio, com expressão de grata affeição, que pouco a pouco se foi enfraquecendo.

Julio, que estava contemplando immovel e angustiado aquella mudança, não pôde conter-se mais tempo, e lançando-se sobre o corpo inanimado da sua culpada e infeliz esposa, deu largas á sua dôr. Uma mão amiga lhe puxou por um braço, e uma voz debil e commovida pronunciou estas palavras:

—Não é aqui o logar do snr. Julio. O que aqui tinha a fazer, está feito. Vá para seus filhos. Este logar é só para mim agora.

Era o padre Simão, que fallava. Julio deixou o corpo quasi inanimado, e saiu precipitadamente.

.....
Dois dias depois enterrava-se a pobre desconhecida no cemiterio da aldeia. Acom-

panhavam seu corpo o padre Simão, que de longe a longe cessava de psalmejar para enxugar os olhos; o negro, que chorava e gemia sempre, e Augusto, que seu pae mandara cumprir este acto de caridade, e que se sentia commovido com a magoa d'aquelle negro, e a apparição e morte da mysteriosa desconhecida. Desde esse dia tomou José debaixo da sua protecção, o que foi muito do gosto de Julio.

Todos os dias de madrugada ia o negro ao cemiterio rezar e chorar; e de noite tambem lá ia alguem ás vezes; o que deu logar a boatos d'almas do outro mundo.

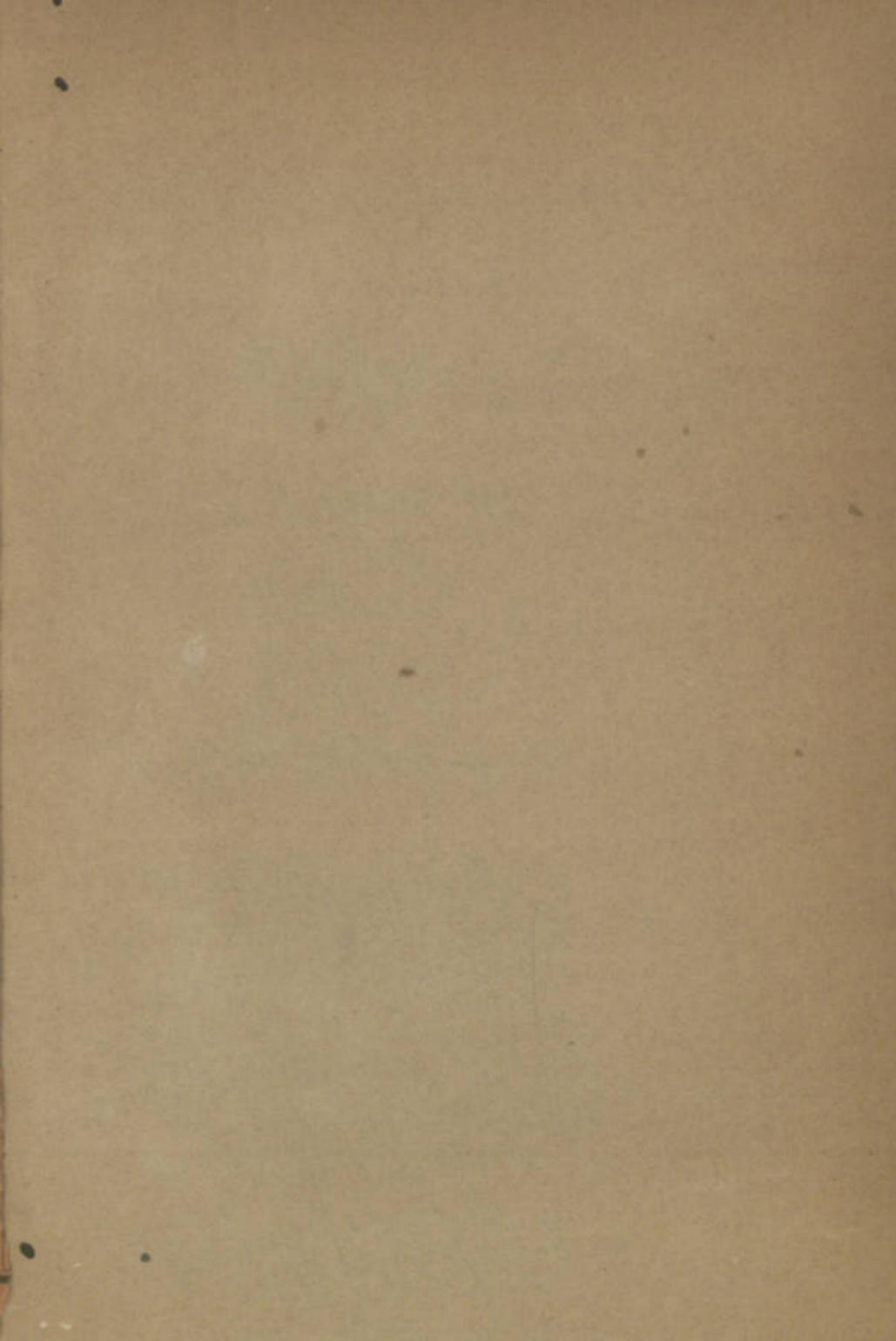
Foi uma noite o padre Simão tambem lá. E diziam depois que tinha ido requerer a alma penada, e que satisfizera ás suas exigencias, porque desde esse dia nunca mais, fóra d'horas, se avistou vulto ou aban-tesma no cemiterio.

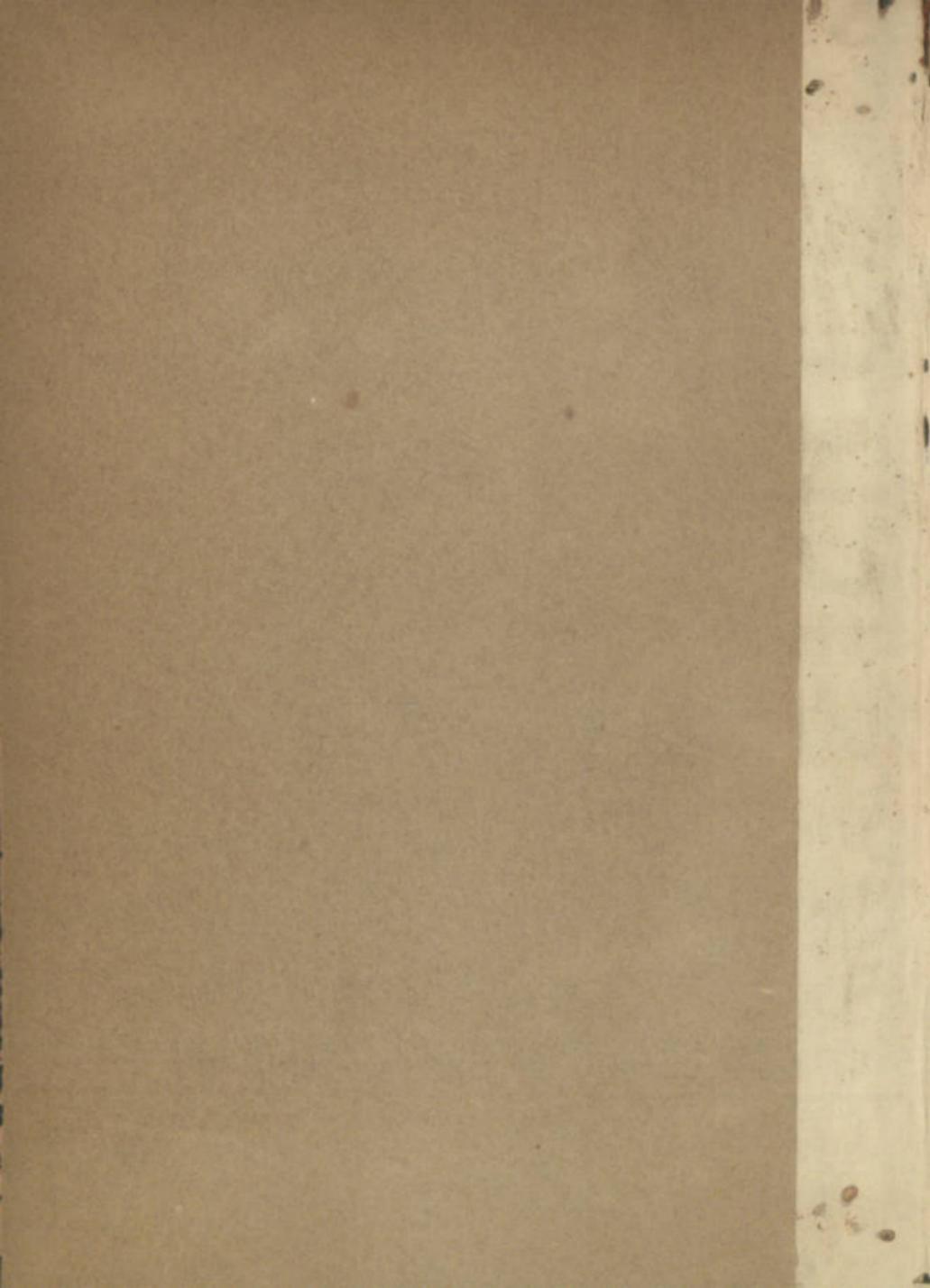
FIM.

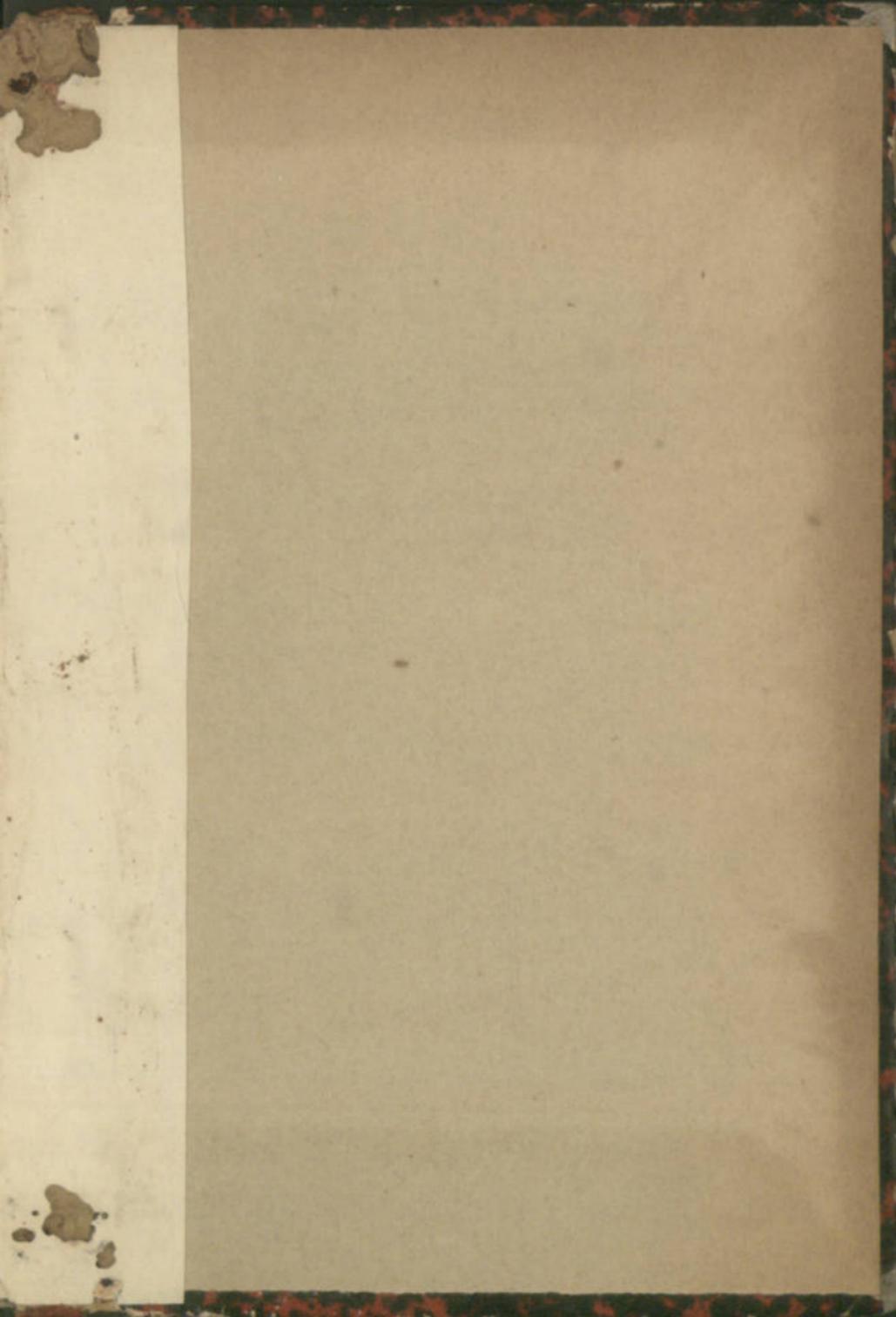
3-22

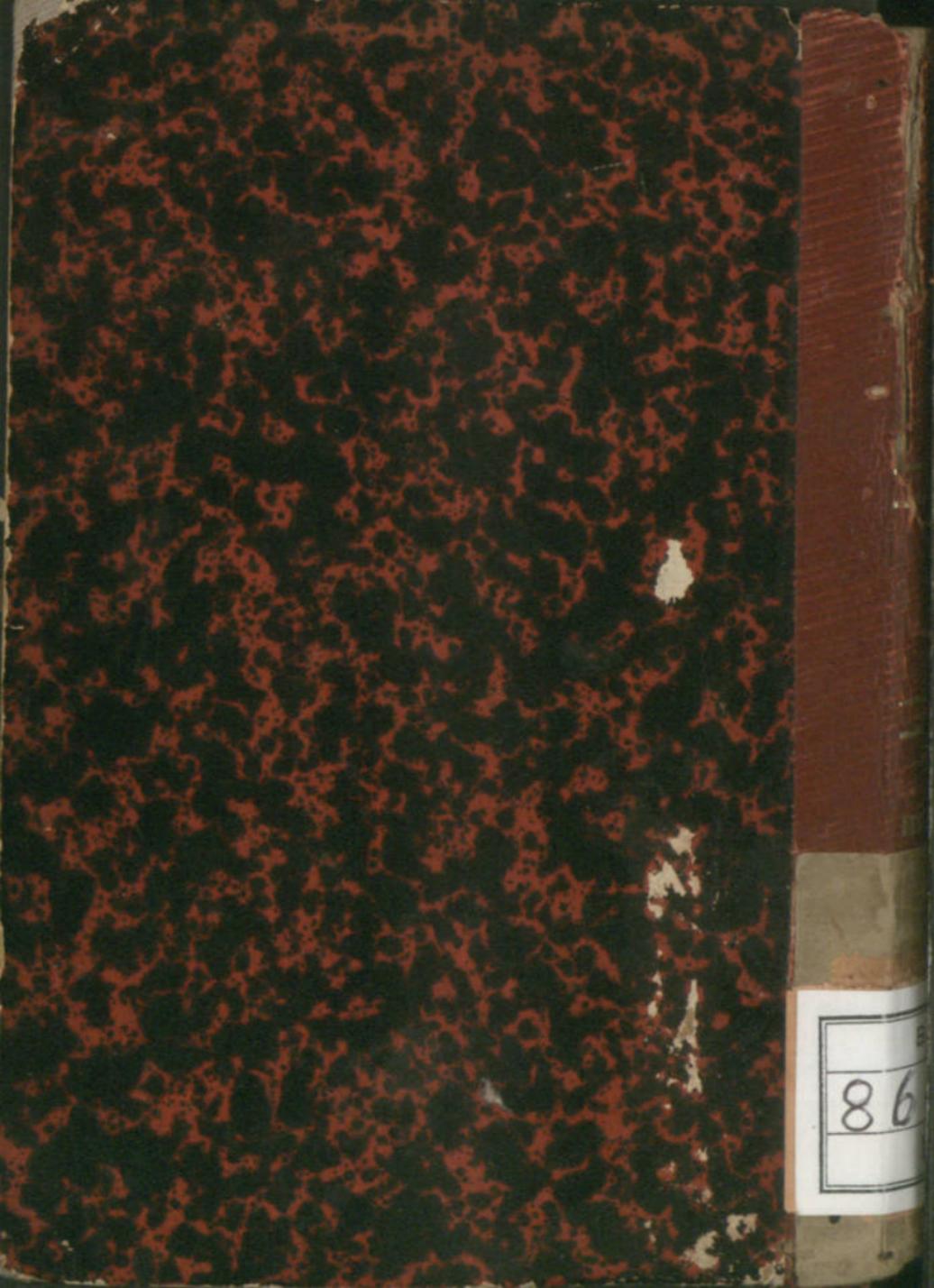


300 REIS









86